



834 Jan 1915  
S. D. 2045  
357 027

# CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

REFERENCE DEPARTMENT

No.

**A**LL persons are entitled to the benefits of the Library unless debarred by transgressing the rules. Perfect quiet must be maintained. No use of books will be allowed to persons with unclean hands; neither will it be permitted to handle books roughly.

Any injury, mutilation, or defacement of books or other property of the Library is a violation of the following statute of the State of Ohio:

"Section 6863. Whoever maliciously destroys or injures any property not his own, shall, if the value of the thing destroyed, or the injury done, is one hundred dollars or more, be imprisoned in the penitentiary not more than seven years or less than one year, or, if the value is less than that sum, be fined not more than five hundred dollars, or imprisoned not more than thirty days, or both."

*Faint handwritten text, possibly "Tome 188"*

864  
X3  
178

**A** 466718 DUPL  
Digitized by Google



R I M A S  
D E  
J O ã O X A V I E R  
D E M A T O S



Xavier de Mattos, João

**R I M A S**  
DE  
**JOÃO XAVIER**  
DE MATOS  
ENTRE OS PASTORES  
DA ARCADIA PORTUENSE  
**ALBANO ERITHREO**  
DEDICADAS Á MEMORIA  
DO GRANDE  
**LUIZ DE CAMÕES**  
PRINCIPE  
DOS POETAS PORTUGUEZES  
DADAS Á LUZ  
POR  
**CAETANO DE LIMA E MELLO.**  
TOMO PRIMEIRO.  
*Terceira Impressão.*



**L I S B O A**

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA. 1782.

*Com licença da Real Meza Censoria.*

*Veude-se na loja da Impressão Regia d Real Praça do Commercio*

Exch:  
Checked of  
Pub. Lib.  
5-13-30  
3V.

CLEVELAND  
PUBLIC LIBRARY

OCT 18 1927

27  
Nem eu delicadezas vou cantando,  
Co' gosto do louvor, mas explicando  
Puras verdades já por mi passadas,  
Oxalá forão fabulas sonhadas.

CAMÕES. *Canc. X.*

# PROLOGO



JUDICIOSO Leitor, as Poemas de JOÃO XAVIER DE MATOS tão conhecidas, e estimadas dos nossos Portuguezes, são as que offereço neste pequeno volume á tua curiosidade: Elle poderia ser maior, se fora vencivel o pouco apreço, que faz o A. das suas admiraveis composições, tanto em prejuizo dos que amão a bella simplicidade, e prézão mais os vestidos proprios da natureza, do que os adornos emprestados da Arte: Tu, que devo suppôr deste número, não desapprovarás o trabalho, que tomei, para dar-te a ler em hum só Livro os Teocritos, os Lobos, e os Bernardes.

Vale.

SO.

35.  
270  
1088  
D  
D. J. - 19-50

01-11-18

11



## S O N E T O

**A**FOITO córte o mar o navegante,  
Por engrossar nos lucros a fazenda:  
Feche o soldado os olhos na contenda,  
Por deixar do valor próva bastante:

Palacios mil o cortezão levante,  
Porque a cega lisonja mais o atenda:  
O Rei grandes exercitos estenda,  
Por conquistar a terra mais distante:

Trabalhe em fim por terra, e mar profundo  
A louca, immoderada gente humana,  
Que eu na minha pobreza he que me fundo:

Já huma alta ventura não me engana:  
Seja a todos pequeno embora o Mundo,  
Que eu caibo muito bem nesta choupana.

SO.

## S O N E T O

**M**Arino pescador no Téjo andava,  
Deitando a rede hum dia, e outro dia;  
Mas por mais que a deitava, e recolhia;  
Não recolhia mais que o que deitava,

Outra vida buscar determinava,  
Vendo tão contra si a pescaria:  
Do lanço, e do batel se despedia,  
E nas humidas praias o encalhava.

Na pobre vida de pastor succede;  
Mas faltão-lhe os cabritos na espessura,  
Como algum dia os camarões na rede;

Por quanto he natureza a desventura;  
Em vão he trabalhar; que não procede  
Da mundança do estado a da ventura.

## SONETO.

**N**esta Aldea, onde estou, meu bom Fileno,  
Graças a Deos, alegremente passo:  
Pesco humas vezes, outras vezes caço:  
O ar he são, he fertil o terreno.

Não bebo aqui de amor cruel veneno,  
Nem ouço as vis escusas de hum escaço;  
Não ando ás cortezias; e se as faço,  
He a quem me não tem por mais pequeno.

Os homens são fieis; ha temperança  
No vestir, e comer; paz, e alegria  
Vivêrao sempre nesta vizinhança,

A idade de Ouro pouco mais seria;  
Só me falta huma Bemaventurança,  
Que era o ter-vos na minha companhia.

## S O N E T O

**L**A' vem apparecendo a minha Aldea  
Junto daquella Serra defabrida,  
Que por entre arvoredos escondida  
Confusamente a vista me recrea.

Mas a qual creatura será fea  
A habitação, aonde foi nascida!  
Por mais grandeza, em que se passe a vida,  
Sempre em fim he madrastra a terra alhea :

Alli, fugindo ás mãos de quem me engana,  
Soubera-me livrar das falsidades,  
Que o Mundo tece á simples gente humana ;

Quem de todo abraçara estas verdades ;  
E lá da minha rustica choupana  
Disseste, para sempre : A Deos Cidades !

## SONETO

**N**ão choro como aquelle, que em perigo  
Naufragou entre as ondas soçobrado:  
Nem clamo, como o misero soldado,  
Que foi cahir nas lanças do inimigo:

Não gemo como aquelle, que em castigo  
Tocou duros grilhões encarcerado:  
Nem pasmo como algum, que desterrado  
Perdeo da amada Patria o doce abrigo:

Sinto mais forte mal, pena mais dura;  
Pois sem nunca fahir da minha Aldea,  
Inda a vida anda em mim menos segura:

E se não, vejão se ha cousa mais fea,  
Que vir a precisar (triste Ventura!)  
Na propria terra de cabana alhea!

## S O N E T O

V Aõ os annos fugindo , e vai a idade  
Correndo apõs dos meus: Vão as tardanças  
Entre consumidoras esperanças  
Gastando inutilmente a mocidade :

Huma vez defengana-se a vontade  
No contínuo exercicio das mudanças;  
Outra vez já tentada das lembranças,  
Se torna a confiar da variedade :

Assim se passa o tempo mal seguro ;  
Continuamente fabricando enganõs,  
Com que a todos promete hum bem futuro ;

Mas eu , que estou exprimentando os danos  
De rão incerta vida , que procuro?  
Se não me aproveitar dos defenganõs?

## SONETO

**J**A', Fortuna cruel, tenho assentado,  
Por mais estaveis bens, que me offereças,  
Que de balde no engano me interessas,  
Pois já vivo incapaz de ser tentado.

Se tenho ha tanto tempo experimentado,  
Que só para os roubar, he que os começas;  
Agora guarda as tuas vans promessas,  
Que eu te perdo o haveres-me enganado.

Dos teus dons apparentes desconfio;  
Sómente da razão não desespero,  
Com que a viver seguro principio:

Já nem me tardas, nem tambem te espero;  
E se quanto me offreces renuncio,  
Tudo me sobra, porque nada quero.

## S O N E T O

**S** Alve, Templo seguro, onde a vontade,  
Os naufragios de Amor já não recea,  
Beijando aquelle Altar, que se alumea  
Da inextinguivel tocha da verdade:

Aqui deixo á razão, e á liberdade  
Despedaçada a misera cadea;  
Agora isenta a alma, e livre a idea  
Ouvirei cá de longe a tempestade:

Gemendo estão os miseros humanos;  
E a mim já não me altera aquelle estrondo,  
Que infurdeceo esta alma tantos annos:

De lá me chama Amor, e eu não respondo;  
Que para não me urdir novos enganos,  
Nunca mais saberá, que aqui me escondo.

S O N E T O

**S**E acaso deito a vista da lembrança  
Pelos longos desertos do passado,  
Não encontra o solícito cuidado,  
Mais que apenas os sitios da mudança:

Se a memoria outra vez, que não descança,  
Se volta para o tempo não chegado,  
Nas contingencias de hum futuro estado  
Tropeça com mil riscos a esperança:

Em fim, se na presente adversidade  
Recordo estas razões, basta hũ só dia,  
Para fazer-me triste em toda a idade:

Pobre idéa, cançada fantezia?  
Que não descobre em tanta variedade  
O mais pequeno instante de alegria!

## S O N E T O

**M**il tempos resisti á força dura  
Do fero Amor; mas elle acautelado  
Tinha a ultima industria escogitado  
Em se valer da vossa formosura:

Affim o fez: Mostrou-me a face pura;  
Quiz fugir-vos, não pude; enamorado  
Perdi o esforço de que andava armado,  
Que de vós nenhuma alma está segura;

De meu amor cruel executora,  
He toda vossa a gloria da conquista;  
Recolhei os triunfos vencedora:

Quem no Mundo haverá q̄ vos resista?  
Se o mesmo Amor, para render-me agora,  
Foi pedir o soccorro á vossa vista?

## SONETO

Quando nas mãos de Amor me vi sujeito,  
 A razão em mil erros consentindo,  
 Jurei de nunca mais, em lhe fugindo,  
 Sujeitar-me a seu barbaro preceito.

Ora pude escapar-lhe, e ver desfeito  
 O duro laço, que me andara urdindo,  
 Até que pouco a pouco fui sentindo  
 De novas chammas inflammar-se o peito.

Olhando então por mim, achei quebrada  
 A ligeira promessa, a hum brando rogo,  
 Por minha propria mão sacrificada;

Que juras contra Amor, por desafogo,  
 São votos de tormenta já passada,  
 Que depois que serena esquecem logo.

## S O N E T O

V Em, ó Ninfa gentil, que não merece  
O meu antigo amor, que assim te escondas:  
Vem, doura as aguas desse mar, que fondas,  
Bem como o faz o Sol, quando amanhece.

Se a conversação minha te aborrece,  
Já não digo, cruel, que me respondas;  
Mas se quer, lá de longe sobre as ondas,  
A meus saudosos olhos apparece.

Como se me figura, ó Ninfa amada,  
Que já o crystallino corpo erguendo,  
Vens sobre as crespas ondas levantada;

Mas só vem meu engano apparecendo;  
Era huma onda, ergueo-se encapellada,  
Lá se vai entre as outras desfazendo.

## S O N E T O

**T** Raz-me aos males de Amor tão costumado  
O meu forçoso, o meu cruel Destino,  
Que em ser alegre já, não imagino,  
Pois vivo de viver desesperado.

Deo-me a beber, por cópo tão dourado,  
O veneno de Amor desde menino,  
Que as mesmas qualidades de malino  
Me tem naturalmente sustentado.

O proprio mal, que a todos mais consume,  
Porque nasce de Amor, he o meu sustento;  
Que a quem he fogo, não offende o lume.

Já matar-me não póde o meu tormento;  
Pois creado com elle por costumé,  
Fez em mim natureza o sentimento.

## S O N E T O

**F**ugindo fui de Amor, que me seguia  
 Com arco, aljava, e setas indignado,  
 De ver que tantos tiros tinha errado,  
 Sem lhe deixar fazer a pontaria.

Voltando o rosto ás vezes lhe dizia,  
 Como quem hia de correr caçado:  
 Que me queres, cruel? Desenganado  
 Já puderas estar da vá porfia.

Eis-que subitamente me apparece  
 Defronte a iniqua Máí, que em mim pegava,  
 Porque fugir ao Filho não pudesse;

Mas, como eu, della, já ferido andava,  
 Amor, que o golpe vio, desapparece,  
 Mettendo as setas outra vez na aljava.

SO-

## S Ó N E T O

**Q**ue me quereis, memorias de algum dia?  
Trazer-me nova mágoa á conjectura?  
Onde he tão diligente a desventura,  
Escusa mensageiros a agonia.

Se vindes por fazer-me companhia,  
Eu cedo desse obsequio; que he loucura;  
Não podendo eu com vosco ter ventura,  
Quererdes vós comigo ter valia.

Deixai-me descansar, triste memoria!  
Que além de sem razão, será fraqueza  
Conseguir de quem foge huma victoria.

Deixai-me; e se nasceis da ligeireza,  
Com que voou a minha instavel gloria;  
Segui-lhe agora a mesma natureza.

## S O N E T O

S O' com o Grande, e immortal Camões  
 Me ponho a conversar noites, e dias;  
 Ora nas lacrimosas Elegias,  
 Ora nas magoadísimas Canções:

Aqui me conta mil perseguições  
 De Fortuna, e de Amor por tantas vias,  
 Que olhando para as minhas agonias,  
 Tirando sempre vou sabias lições.

Sobre elle os olhos outras vezes paro  
 Já meios de agua; e digo, então comigo:  
 Oh alma grande, espirito preclaro!

Que em vão me queixo ao Ceo do meu castigo!  
 Pois como não será comigo avaro,  
 Quem foi tão pouco liberal contigo?

## S O N E T O

**D**O gosto, que já tive n'outra idade,  
Que faço em recordar a longa historia?  
Senão serve de mais esta memoria,  
Que para mantimento da saudade?

Só pôde da apprehensão a actividade  
Fingir presente a cousa transitoria:  
Que lucro pois, de andar fingindo a gloria,  
Senão fazer invejas á vontade?

Ora eu hei de vencer esta porfia,  
Por ver se hum pouco o coração descança,  
Indo pôr n'outra parte a fantezia.

Mas oh desejo vão, louca esperanza!  
Como posso esquecer-me da alegria,  
Se consiste o meu mal nesta lembrança?

## S O N E T O

**N**este, que julga o Mundo abatimento,  
 Em vez de me alterar, vou conformado:  
 Se em qualquer tempo, se em qualquer estado  
 He certa a quéda, de que serve o augmento?

Se hum longo, e perennal contentamento  
 Entre os humanos a ninguem foi dado;  
 Embora gyre o meu voluvel Fado,  
 Com tanto que me deixe o soffrimento.

Eu parto, fim, com animo disposto;  
 E quanto mais o meu pezar profundo,  
 Tanto a razão o vai trocando em gosto.

Indá o desterro me será jucundo;  
 Porque tendo á desgraça alegre o rosto,  
 He Patria para o sabio todo o Mundo.

## SONETO

**S**enhora, esses espiritos ditos,  
Que andarão nesta vida desterrados,  
Na Patria estão dos Bemaventurados  
Inda mais vivos, inda mais gostosos.

Se perdêrão teus mimos amorosos,  
No Ceo não falta quem lhes faça agrados;  
E nos braços dos Anjos deitancados  
Não vivem: já, como nos teus, chorosos:

Bem sei que a maternal humanidade  
Não, será facilmente transitoria;  
Mas também a razão vence a saudade.

Conserva embora delles a memoria;  
Mas cheia de huma tal conformidade,  
Que, se he possível, lhes augmente a gloria.

## SONETO

**Q**uantas vezes pacífico, e contente  
Debaixo daquella arvore sombria,  
Deitado sobre a relva adormecia,  
Ouvindo murmurar esta corrente?

Quantas tocando a flauta alegremente,  
(Porque inda então d'amores não sabía)  
O pequeno rebanho que trazia,  
Era todo o meu trafego innocente?

Perdi a quietação desta bonança;  
E só n'um voltar de olhos, sem cautela,  
Perdi tudo o que tinha na esperança:

Ninguem se fie em si, e menos nella:  
Em fim, porque não tenha igual mudança,  
Se acaso vir Lorinda, fuja della.

## S O N E T O

**P**êga, Lucrecia, no punhal violento ;  
E dando exemplo de constancia ao Mundo ;  
Executa no peito hum sem segundo  
De heroica acção honrado atrevimento.

Parece que bastava o seu tormento  
A fazer-lhe inda hũ golpe mais profundo ;  
Mas não pôde com animo iraçundo  
Esperar que a matasse o sentimento ;

Abre a fatal ferida, o sangue corre  
A remir tanta injúria ; e antes que clame  
Do Esposo a offensa, honradamente morre.

Cruel parece, mas ninguém lho chame,  
A misera Lucrecia ; pois discorre  
Que ha morte honrada, quando ha vida infame.

## S O N E T O

**F**ilho, por mais que a Praça combatida  
Vejas, ou por valor, ou por destreza,  
Não reees morrer; porque a vileza  
Só consiste na entrega, ou na fugida:

Ainda que ceda a espada enfraquecida,  
Corra por conta da alma a fortaleza:  
Não está na tua mão ganhar a empreza,  
No teu valor está perder a vida.

Eu tambem aqui morro; mas o honrado  
Constante amor da Patria está primeiro:  
Bem to deixo na acção recommendado;

Què se á Praça não sirvo já guerreiro,  
Ao menos no conselho, que te hei dado,  
A socorro depois de prizioneiro.

## SONETO

**N** Aõ foi divida só ; mas natural  
Em vós , do sal a nova promoção ;  
Que ministrado por tão sábia mão  
Ninguem se deve desgostar do sal.

Será o bem commum , será igual  
No gyro da fiel distribuição ;  
Que o mesmo sal , que impede a corrupção ,  
Tambem corrompe , se se applica mal.

Dando á terra de novo outro esplendor ,  
Fareis em minas de ouro converter  
As marinhas do sal , que daqui for.

Os nacionaes , e estranhos o hão de ver ;  
E huns , e outros vos darão louvor ,  
Em quanto o Sado para o mar correr.

## S O N E T O

**M**Eu Pai, o nupcial ajuntamento  
 Foi sempre todo o objecto ao meu euidado;  
 Achei Conforte em discrição, e agrado  
 De nobre, e singular merecimento.

Essa tem das virtudes o ornamento:  
 Não ha dote mais rico; e o nosso estado  
 Para ser tão feliz, como sagrado;  
 Só lhe faltava o seu consentimento.

Bem que delle abusei, ao que parece,  
 Os meus desgnios regulei de sorte,  
 Que queixar-se a razão nunca pudesse:

Nem ha para o perdão outra mais forte,  
 Que ser tal a Conforte que elegeisse;  
 Qual buscando-ma Tu, fosse a Conforte.

## SONETO

**O**uvio Amor teu canto, e surpendido  
Da magica harmonia, que escutava,  
O arco, e as duras fletas, que empunhava,  
Deixou cahir das mãos, como esquecido.

Depois tornando em si mais advertido,  
A teus mimofos pés depoz a aljava;  
E aquelle, que vencendo almas andava,  
De teu celesste canto foi vencido.

Cada vez cheio de mais novo espanto  
Amor confessa, que da humana gente  
Os cotações não sabe mover tanto.

Rendeo-te as armas: Como andou prudente!  
Pois de que servem ellas, se o teu canto  
Fere inda as almas mais suavemente?

## S O N E T O

A caso fui senhor, rico, estimado,  
 Que perdesse depois honra, e dinheiro?  
 Depois de General, fui prizioneiro?  
 Desci do aureo Sceptro ao vil cajado?

Fui guardador de numerozo gado,  
 A quem depois ficasse hum só cordeiro?  
 Fiz serviços á Patria aventureiro,  
 Que me visse depois mal premiado?

Se nada disto fui, onde me querem  
 Levar idéas vans, que o Fado ordena,  
 Só porque mais o meu socego alterem?

Seja qualquer que for a minha pena:  
 Oh bemaventurados os que derem  
 Ao cahir huma queda tão pequena!

## S O N E T O

**Q**ue será isto? As Ninfas enfeitadas?  
 O Tejo a longa barba penteando?  
 Os Pastores as fraldas temperando?  
 Sem comer as pacíficas magadas?

Todas as porras dos casais junçadas?  
 Fóra do ninho os passaros cantando?  
 E nos troncos das arvores gravando  
 Letreiros as Serrasas apressadas?

Hei de chegar-me a ler, porque o que vejo,  
 E traz a todos geralmente ufanos,  
 Denota algum grandíssimo festejo

Diz o letreiro: Alvirgas, Serranas,  
 Que a Ninfa Tutelar do nosso Tejo,  
 A formosa Filipa, hoje faz annos...

## SONETO

**H**uns graciosos tolhós matadores,  
 Que ás vezes por mortaes ficáo mais bellos,  
 Huns dourados finíffimos cabellos,  
 Das madeixas do Sol desprezadores:

Humá face; de donde as proprias cores  
 Da matutina luz tiráo modéios;  
 Huns agrados tão doces, sem fazellos,  
 Que por elles Amor morre de amores;

Humá riso tão parcial da honestidade,  
 Que no insensível causará destroço,  
 Quanto mais 'na razão, e na vontade:

Esta he a Minha: Oh tímido alvorogo!  
 Eu tomo de dizello a liberdade:  
 Esta he a Minha... a Minha... mas não posso.

## SONETO

**P** Or que foges, Pastora, a hum desgraçado,  
Correndo atrás de ovelhas neste outeiro?  
Olha que inda que tou pobre vaqueiro,  
Val o meu coração mais que o teu gado:

Sem ti ando ha mil dias desgarrado:  
Espera hum pouco; que não he primeiro  
Acudir aos balidos de hum cordeiro,  
Que ás queixas de hum Pastor desconsolado.

Mas vai, Pastora, a mais cruel que ha hoje;  
Não queira o Ceo, que tanto me persegue,  
Que o meu continuo suspirar te enoje.

Socega tu, e eu tambem socegue;  
Já que por hum rebanho, que te foge,  
Queres deixar huma alma, que te segue.

## SONETO

**E**U vi huma Pastora em certo dia:  
 Pelas praias do Tejo andar brincando,  
 Os redondos seixinhos apanhando,  
 Que no puro regaço recolhia.

Eu vi nella tal graça, que faria  
 Inveja a quantas has e o gesto brando,  
 Com que o sereno rosto levantando,  
 Parece namorava quanto via.

Eu vi o passo airoso, a compostura,  
 Com que depois me pareceo mais bella,  
 Guiando os cordeirinhos na espessura.

Eu o digo de todo; vi a Estélla:  
 De graça, de candor, de formosura  
 Só poderei ver mais, tornando a yella.

## SONETO

C RUEL, fíca-te em paz, é o vil intento  
 Consegue embora, como o tens disposto:  
 Teus olhos, tuas lagrimas, teu rosto,  
 Já nada tem comigo valimento:

Já está no meu feliz conhecimento.  
 Restaurada a razão, perdido o gosto:  
 Nem he a vez primeira, que o desgosto  
 Faz cobrar o perdido entendimento.

A mesma dor da offensa recebida  
 Me fez tornar a mim: Já não me falles  
 Na rota fé mil vezes prometida:

E por mais anãs, que afeitada exales,  
 Chega parte o remedio da ferida,  
 Que eu já curei meus males com meus males.

## S O N E T O

**S**E intentais nesse engano industria  
 Ser a minha gentil fera homicida,  
 Para que he de cruel tirar-me a vida,  
 Quando podeis matar-me de formosa?

Fareis, mostrando a face portentosa,  
 Que fique sendo a morte appetecida:  
 Deixai de acautelar-vos escondida,  
 Que em vós indicios são de criminosa:

Affim me matareis mais á vontade,  
 Mostrando-me essa Angelica figura:  
 Que o mais não he valor, fora impiedade:

Tão infame fereis, e eu sem Ventura;  
 Que por dar hum triumpho á crueldade,  
 Negueis huma victoria á formosura?

## SONETO

**A** Deos, Pastora ingrata; já de Aleixo  
 Não te recordes mais, perde a esperança;  
 Que eu apago também a segurança,  
 Que no tronço gravei deste alto freixo.

Mas se entre os desenganos, que te deixo,  
 Ainda recordo a tua infiel mudança,  
 O tempo riscará esta lembrança,  
 Que também a corrente gasta o seixo.

E posto, que lembrar-me possa a historia  
 Do nosso amor, por força da saudade,  
 Hão de os agravos confundir a gloria:

Mas triste allivio he este na verdade!  
 Se inda para riscar-te da memoria,  
 Preciso que me lembre a falsidade.

## SONETO

SE eu me vira n'um bosque, onde não desse  
 Sinal; vestigio humano de habitado;  
 De verde negras ramiás tão fechado,  
 Que ainda alli de dia anobitasse:

Se então lá de h'ua balsa ao longe houvesse  
 Gemendo hum mocho; e todo o mais calado;  
 Só d'entre algúas rochedos pendurado  
 Com som medonho, hum rio alli corresse:

Em fim n'um lugar tal, onde os meus dias  
 Consumindo se fossem na certeza  
 De não torrirem mais as alegrias:

Faminta ainda a triste Natureza,  
 Cercada alli de tantos agonias,  
 Nem então se faltára de tristeza.

## SONETO

**D**Epois que a mil tormentos offrecido,  
 Já de mui larga idade tinha o peito,  
 Amor me appareceu tão contrafeito,  
 Que me enganou depois de conhecido.

Parece que ou Amor compadecido,  
 De meus males estava satisfeito;  
 Ou que eu de novo á dura Lei fujeito,  
 Tinha já seus enganos esquecido.

Mas não foi erro em mim, nem nelle engano:  
 Em mim, porque mui bem o conhecia;  
 Nelle, porque mil vezes foi tyrano.

Pois donde tal desordem nasceria?  
 Da fraqueza nascéo de hum peito humano,  
 Que do mesmo que teme, se confia.

## S O N E T O

**Q**ue assim fahe a manhã fresca, e bella!  
 Como vem no Horizonte o Sol raiando!  
 Já se vão os outeiros dividando:  
 Já no Ceo se não vê nenhuma Estrella:

Como se ouve na rustica janela  
 Do patrio ninho o rouxinol cantando!  
 Já lá vai para o monte o gado andando:  
 Já começa o barqueiro a içar a véla:

A Pastora acolá, por ver o Amante,  
 Com o cantaro vai à fonte fria:  
 Cá vem sabindo alegre o caminhante;

Só eu não vejo o rosto da Alegria:  
 Que em quanto de outro Sol morar distante,  
 Não ha de para mim nascer o dia.

## SONETO

**C**omo está este frio socegado!  
Que assim caminha surdo este ribeiro!  
O vento não faz bulha no salgueiro:  
Que feio o monte está, que triste o Prado!

Dos guardadores não se escuta o brado;  
Té parece que dorme o Mundo inteiro:  
Só pela encosta lá daquelle outeiro  
Vejo hum lume ora accezo, ora apagado:

Algum Pastor será, que a porta abrindo,  
Na choupana estará fazendo lume:  
Como se vai o coração cubrindo!

Pois que importa o socego, se o costume  
Faz com que sempre n'alma esteja ouvindo  
Os estrondos, que faz o meu ciume?

## SONETO

**P** Or mais' que façã hum atrevido estudo  
 De expôt' á excelsa Tirce o meu desejo,  
 Buscando vella só, só porque a vejo,  
 Em lugar de dizer-lho, fico mudo

Animo-me outra vez, fallo, e com tudo  
 Não fei se por temor, se por cortejo,  
 Abaixo os olhos, encho-me de pejo,  
 E fico então mais triste, que fizado.

Ella, que estes affectos me tem visto,  
 Pergunta-me: *Que tens?* Para explicallo  
 De mais valor o animo revisto

Vou a dizer-lho, balbuciente fallo,  
 Formo algumas razões, atreimo, insisto,  
 Mas de novo suspira, tremo, e callo.

## S O N E T O

**P**oz-se o Sol; como já na sombra feia,  
Do dia pouco a pouco a luz desmaia!  
E a parda mão da Noite, antes que caia,  
De grossas nuvens todo o ar semea!

Apenas já diviso a minha Aldea;  
Já do cypreste não distingo a faia:  
Tudo em silencio está: Só lá na praia  
Se ouvem quebrar as ondas pela arêa.

Co' a mão na face a vista ao Ceo levanto,  
E cheio de mortal melancolia,  
Nos tristes olhos mal sustenho o pranto:

E se inda algum allivio ter podia,  
Era ver esta Noite durar tanto,  
Que nunca mais amanhecesse o dia.

## S O N E T O

**O**H quem pudera á sombra deste arbusto  
 Passar o tempo da reitante vida,  
 Cantando para sempre a despedida  
 Da habitação, aonde mora o fulto!

Faz deste monte o tráfego robusto  
 Inveja á dignidade mais subida:  
 E adora o cortezão a immensa lida  
 De hum mando inda pezado, quando he justo.

Oh bemaventurada defistencia  
 Daquelles, que por tão feliz bonança  
 Trocárão das Cidades a opulencia!

Só em ti, se ha no Mundo segurança,  
 Póde, ó santo lugar, sem contingencia  
 Gozar huma alma a paz, em que descança.

## SONETO

**Q**ue triste, que profunda soledade  
 Se observa aqui de cima deste outeiro!  
 Não anda lá no mar nenhum barqueiro,  
 Não se ouve algum rumor cá na Cidade.

Como da Lua a frouxa claridade  
 Prateia aquelle monte derradeiro!  
 Não sabe a vista aonde vá primeiro  
 Fartar o pensamento de saudade:

O Ceo sereno como está sizudo!  
 Quieta a planta, o mar adormecido,  
 A terra socegada, o vento mudo;

Mas que estrondo fizera, e que alarido  
 Ceo, planta, mar, e terra, vento, tudo,  
 Se rompesse o silencio o meu gemido!

## SONETO

**D**ivina Laura, se vencer deixasses  
 Dos meus queixumes o teu genio esquivo,  
 E para mim com rosto compassivo  
 Esses formosos olhos inclinasses:

Viras servir-te, em quanto me mandasses,  
 Ou fosse com razão, ou sem motivo;  
 Viras-me por meu gosto andar captivo,  
 Por mais, e mais grilhões, que me deitasses;

Viras esta alma, que tu mesma feres,  
 A teu mando sujeita, expôr-se forte:  
 A quantos riscos idear puderes:

Mas ah! Que inda es cruel da mesma sorte!  
 Já sei que o que de mim sómente queres,  
 He ver em lugar d'isto a minha morte.

## SONETO

**A**gora, em quanto despertando a gente,  
 Lá no patrio Horizonte a luz não raia,  
 Gozarei da frescura desta praia,  
 Se tanto o meu Destino me consente.

Verei do Tejo a placida corrente,  
 Como enrolada sobre a areia e praia;  
 Ouvirei entre os ramos desta Faia  
 Queixar-se o rouxinol suavemente.

Mas louco, em fim, em q̄ me estou detendo!  
 Queria estar huma hora socegado,  
 Cuidando que era pouco o que pertendo?

Não; que voando Amor junto a meu lado,  
 Com magoada voz me está dizendo,  
 Que inda vivo de *Laura* desprezado.

## S O N E T O

**V**io Alberto a Filena, enamorado  
 Tanto no gésto da Pastora ardia,  
 Que só por merecella, lhe offrecia  
 Tudo quanto mandava o seu cajado;

Mas ella, que só tem todo o cuidado  
 Na tarefa, que traz da lá que fia,  
 Hum sorriso lhe deo, com que faria  
 Mover o coração mais socegado.

Suspira Alberto, e chama-lhe tyrana:  
 Filena então se sobressalta, e altera,  
 E dá-lhe as mãos receosamente humana.

Satisfeito o Pastor confia, e espera:  
 Vão ambos conversar para a cabana.  
 Oh se isto mesmo a mim me succedêra!

## SONETO

**D**ormindo estava Algano ; e porque Alberta  
Junto a si lhe parece que está vendo ,  
Abrindo os braços , as mentiras crendo ,  
Com elles cuida que a Pastora aperta.

Tanto aquella ventura tem por certa ,  
Tanto se vai de amor enternecendo ,  
Que á força de hum gemido estremecendo ,  
Só comsigo abraçado então desperta.

Desperta , e diz : *Que importa que a alegria  
De ver-te me fugisse , se suspeito  
Que me fazes eterna companhia ?*

*Inda existes á mesma no conceito :  
Se faltas no lugar , em que te via ,  
Foi porque te escondeste no meu peito.*

## SONETO

**C**hégou o tempo, em fim, que eu mais temia;  
 Manda a Fortuna que de ti me ausente;  
 E mil vezes Amor, que o não consente,  
 Ao coração presago mo dizia.

As mimosas palavras, que te ouvia,  
 Quando a escutallas tornarei contente?  
 Quando verei teu rosto brandamente  
 Voltar-se para mim como algum dia?

Se esta certeza alguém me fora dando,  
 Inda que tarde, ao menos com meus ais  
 Tão longo mal iria alliviando;

Mas diz-me o coração segredos raes,  
 Que até receio perguntar-lhe o quando,  
 Pois pôde responder-me: *Nunca mais.*

## S O N E T O

**D**ormindo Anarda está. Quem re dilata  
Que não vingas, Amor, a tua affronta?  
Alli tens a cruel, de quem se conta,  
Que só teu forte Imperio desbarata.

Gema humã vez, quem tantas vezes mata:  
Agora, agora tens occasião prompta:  
Impunha o arco, e com dourada ponta  
De aguda setta, fere aquella ingrata;

Porém olha não sejas presentido;  
Que se em ti põe os olhos penetrantes,  
Em vez de vencedor, serás vencido,

Mas ai que ella acordou! Tristes amantes;  
Fugi, fugi, que tudo está perdido,  
Pois vive Anarda ingrata, como d'antes.

## S O N E T O

**A**lbino, cuja idade inda o levava  
 Por innocentes passos, certo dia,  
 Parando, a hum tanque, que sereno via,  
 Com desiguaes pedrinhas atirava:

: Assim que davão n'agua, esta saltava,  
 E mil diversos circulos fazia:  
 A hum pequeno, outro grande succedia,  
 Até que outra pedrinha lhe deitava.

Eu este simples passatempo vendo,  
 Lembrei-me que tambem os desfavores,  
 Que padeço, huns dos outros vão nascendo:

E não depondo a Sorte os seus rigores,  
 Daquelle mesmo modo succedendo  
 Verei meus males cada vez maiores.

## S O N E T O

**T** Anto neste faudofo apartamento  
Vos representa Amor na conjectura,  
Que erradamente a vista vos procura,  
Cuidando ser verdade o fingimento.

Então, quanto me pinta o pensamento,  
Imagens são da vossa formosura;  
E se nelle outra coisa se figura,  
He só temor do vosso esquecimento.

A's vezes, qual depois de hũ largo sonho,  
Mil cousas, que me affustão de continuo,  
Na vaga idéa a revolver me ponho;

Mas queira o Ceo por esta vez benigno,  
Ja que he falsa a Ventura que supponho,  
Que seja engano os males, que imagino.

## S O N E T O

**D** E pois que a linda Altea destes prados  
 Ditosa foi fazer outra espessura,  
 Já não vemos correr a fonte pura,  
 Só se for a dos olhos magoados.

Tudo nestes contornos são cuidados,  
 Nascidos de tamanha desventura,  
 Piza sem dono o gado a sementeira,  
 Já se não vê na Aldeia entrar cajados.

As Pastoras deixarão de ir ao rio,  
 As abelhas fugirão da colmea,  
 O rebanho se fez magro, e bravo:

Andão todos dizendo: *Altea, Altea,*  
 Onde estás? *Torna a vir, que o teu desvio*  
*Tem-nos feito mais perda que bruma chea.*

## S O N E T O

**A** Deos, Natércia ingrara, a Deos impia,  
Já tudo se acabou, rompeo-se a venda,  
Já não levo cadeia, que me prenda;  
Que a razão he mais forte, que a porfia:

A chamma se extingulo, e a cinza fria  
Sómente guardo por final da emenda;  
Mas para que outra vez se não accenda,  
Já está fóra das Aras, em que ardia.

Tua mudança (bem que n'alma gravo)  
He na memoria só onde a contemplo,  
Para não ser já mais de Amor escravo:

E da Verdade no piedoso Templo,  
Das injurias de Amor, por desagravo,  
As cinzas, e os grilhões sirvão de exemplo.

## S O N E T O

**P**assa o frio Janeiro, o ardente Agosto,  
Torna Janeiro a vir, e Agosto passa,  
Lança-se, cresce, arranca-se a linhaça,  
E tu: a maltratar-me por teu gosto.

Se te fallo em amor, voltas-me o rosto,  
Fazes-me quando muito huma negaça,  
Sem ser possível que te caia em graça,  
Por mais forças que nisso tenha posto:

Até os mais Pastores, que vem isto,  
Dizem, fazendo mófa do meu trato;  
*Bem tem zombado Brazia de Callisto;*

E se acima o teu genio a ser-me ingrato,  
Olha Brazia, eu então deixo-me disto,  
Que não quero passar por insentato.

## SONETO

**V**io-me Altea, com livre desafogo  
Gozar dos frutos de hum tranquillo estado;  
E achando-me de Amor tão descuidado,  
Chegou, ferio-me, e retirou-se logo:

Agora, que entre lagrimas lhe rogo,  
Que remedee o mal, que me ha causado,  
De longe está com gesto simulado  
Atcando ainda mais de Amor o fogo.

Não ha maior traição, maior crueza,  
Do que ferir-me, e assim negar-me a cura,  
Como que nada do meu mal lhe peza:

Mal haja Amor! Mal haja a formosura!  
Ella, porque em amor não tem firmeza;  
E elle, porque em mim não tem Ventura.

## S O N E T O

**C**uidei, ouvindo a doce melodia  
Daquelle passarinho namorado,  
Que alliviasse em parte o meu cuidado,  
Como já n'outro tempo succedia:

E vendo as aguas, que esta rócha envia  
A regar mansamente o verde prado,  
Que, esquecido das muitas que hei chorado,  
Com rosto enxuto agora cantaria.

O contrario succede, porque em quanto  
O agradável objecto está defronte,  
Dos tristes olhos mais se engrossa o pranto;

Pois foi a minha gloria neste monte  
Mais suave que as vozes desse canto,  
Mais ligeira que as agoas desta fonte,

## SONETO

**M**Andou-me, que cantasse Amor hum dia  
Quantos effeitos seus huma alma sente;  
E para começar mais altamente,  
Logo á Ventura protecção pedia.

Puz-me a cantar; mas ella me fugia:  
Importunei o Ceo, a terra, e a gente;  
Que quem nasceo para chorar sômente,  
Por bem que cante, a todos enfastia:

Mil vezes disse a Amor que estava rouco,  
E que era tido já da gente dura,  
Humas vezes por nescio, outras por louco.

Rindo-se em fim da minha desventura,  
Repondeo-me: *Não sabes que val pouco  
Querer cantar de Amor, sem ter Ventura?*

## SONETO

**A** Quelle, que inda espera ter Ventura  
Com peito feminil, que louco espera!  
Pois quando mais feliz se considera,  
Então encontra a fé menos segura.

Como filha do mar a formosura,  
Com elle ora se amansa, ora se altera:  
Não he mais vária na Celeste Esfera,  
A que muda tres vezes de figura:

O desengano, que este aviso inspira,  
Não he segredo, que revelo agora,  
He já desordem, com que o tempo gira:

Porque no peito de quem cego adora,  
Se o gosto, assim que nasce, logo espira,  
Já mais a desventura se melhora.

## SONETO

**D**E Amor em tristes lagrimas banhado,  
De que nunca se farta o meu desgosto,  
Huma vez para o Ceo levanto o rosto,  
Outra vez para o chão olho inclinado.

Quasi sempre das gentes apartado,  
Nos sitios mais desertos estou posto:  
Agora sobre a mão a face encoisto,  
Agora vou correndo exasperado:

Mil idéas já formo, e já desfaço;  
E porque o Mundo em fim me não condene,  
Forço na boca hum riso frio, e escaço.

Affm'ando, ó formosa Dinamene;  
Pois sendo a causa tu de quanto passo,  
Fazes tão pouco caso de que eu pene.

SO-

## SONETO

**C**omo foffres, ó Jupiter Supremo,  
 Que a gentil Galatea por feu gosto  
 Descance indignamente o alvo rosto  
 Nos braços vis do bruto Polifemo?

He possível passar de extremo a extremo,  
 Tocando aquelle singular composto  
 Com feias mãos, sujeito só disposto  
 Ao duro punho do pezado remo?

Tu pois, que o movimento te he sujeito  
 Da natureza em tudo tão conforme,  
 Não constintas agora este defeito:

Faze de Galatea hum tronco informe:  
 Vingue-se affim das Ninfas o respeito;  
 E se ama hum tronco, em tronco se transforme:



## SONETO

**P** Onho tão livre os olhos em Damiana,  
 Que a vejo ás vezes, e não sei se he ella;  
 E ainda quando chego a conhecella,  
 Não me lembra se quer que foi tyrana.

De a ver alhea, de a julgar ufana,  
 Nem:prazer, nem desgosto me desvela.  
 Graças a Deos, que já chegou aquella  
 Hora feliz, que a poucos desfengana!

Que me deixasse em fim, que me fugisse,  
 Que me pôde importar, se daqui nasce  
 Conhecer a razão, já sou felice;

Porém nunca cuidei que ella chegasse  
 A merecer tão pouco, quando a velle,  
 Que nem para o desprezo me lembrasse.

## S O N E T O

**O**S annos da feliz puerilidade  
Chorei sem culpa, e consumi sem gosto;  
Depois crescendo, vegetou-se o rosto  
Daquella sombra, que authoriza a idade.

Foi-me sendo plausivel a maldade,  
Buscando o allivio por caminho opposto:  
Chamei prazer, ao que me deo desgosto,  
Quiz acertar, fugindo da verdade.

Como despojo atado finalmente  
Ao carro infame da cegueira estive:  
Que mais fizera irracional vivente?

Nunca usei da razão, depois que a tive;  
Que assim he triste, o que assi está contente!  
Como vive enganado, o que assim vive!

## SONETO

Aquelle amor ; que tinhas n'alma escrito,  
Onde está? Dize, ó falsa? Tão depressa  
Como he possível, que hum amor se esqueça  
Tantas vezes aos Ceos jurado, e dito?

O'praza aos mesmos Ceos, que imploro afficto,  
Que inda igual desventura te aconteça!  
Pois como testemunhas da promessa  
Hão de ser vingadores do delicto:

A' minha vista te castiguem logo  
Com desamor, desprezo, e desagrado;  
Porém que peço, que supplico, e rogo?

Não seja assim teu crime castigado;  
Porque eu tenho mais prompto desafogo  
Em chamar-te mulher; e estou vingado.

## SONETO

**V**oa, faudofo Amor, e em breve giro  
Abrindo as brancas azas docemente,  
A' bella Dinamene diligente  
Leva da minha parte este suspiro.

Se o receber tão bem conforme infiro,  
Desta memoria, que lhe devo ausente,  
Dize-lhe tudo, o que minha alma sente,  
Desde o seu custosissimo retiro.

Dize-lhe mais, que ao menos a amargura  
Do seu esquecimento hum pouco adoço  
Com tão nova, e suavissima escriptura:

E que em fé do meu íntimo alvoroço  
Fico (*dize que o viste*) com ternura  
Beijando as letras, já que a mão não posso.

## SONETO

**O** Tempo, que veloz desapparece,  
As cousas d'ante os olhos aparrando,  
A vossa formosura respeitando,  
Hoje com ella a todos enriquece:

Não corre para vós, antes parece  
Que o veneravel gésto levantando,  
Em vossas altas prendas contemplando,  
De voltar o relógio então se esquece.

E com razão, que oppôr-se-vos seria  
Profanar cegamente a immunidade,  
Que a tão gentil presença se devia;

Mas ou por interesse, ou por vaidade,  
Quer mostrar, quanto póde neste dia  
Acreditar-se a si com vossa idade.

## S O N E T O

**S**Eja-te parabem, Téjo sagrado,  
Do grande Anfriso a companhia honrosa;  
Outra vez este bem desfrura, e goza  
Das tuas claras Ninfas rodeado:

Das ondas gravemente levantado,  
Ouve-lhe agora o verso, agora a prosa,  
Com que a pezar da crítica invejosa  
Fará sempre o Mondego celebrado;

E em quanto o ouves cantar tão altamente  
De invicta palma, de triunfante louro,  
Vai-lhe adornando a judiciosa frente:

Depois' recosta ao Seculo vindouro,  
Que pôde em fim a Lusitana gente  
Ver na idade de Anfriso a idade de Ouro.

## SONETO

COM alegre apressado movimento  
Do Ceo vi já descer a alta Lucina;  
Porque assistir ao vosso nascimento,  
Senhora, o mesmo Ceo lhe determina:

Nascestes, e com brando tratamento  
Logò em seus braços vos tomou benina,  
Onde cheia de amor, e acatamento  
Vos está embalando, e lendo a fina.

De vós gostosos vaticinios canta:  
Diz *que sereis feliz, quanto formosa,*  
*Terna, compadecida, affarvel, santa:*

Diz em fim, *que sereis maravilhosa:*  
Assim vos louva, assim vos acalanta;  
Ditosos vossos Pais, e yós ditosa.

## S O N E T O

**I**rmã ditosa, que de cá subiste  
Lá onde pena alguma se não sente,  
Se razão póde haver, com que se augmente,  
Essa Gloria Immortal, que conseguiste:

Que alegre ficarias; quando viste  
Entrar no Ceo essa alma inda innocente!  
Como virias com razão contente  
A receber o filho, que pariste!

Que o desejavas lá, Deos bem sabia,  
Não te quiz demorar tão alta Sorte;  
Goza, goza da sua companhia;

E praza a Deos, que na Celeste Corte  
Te dê depois do derradeiro dia  
Igual contentamento a minha morte.

## SONETO

**F**elices margens do saudoso Têjo,  
Em cuja branca arêa finaladas  
Estão de Dinamene inda as pizadas,  
Que ausente adoro, que inclinado bejo.

Quando vejo estas praias, e a não vejo  
Apanhando as conchinhas prateadas,  
Choro as glórias de amor alli passadas,  
Que nunca passarão do meu desejo.

Aqui lhe disse meus fieis amores;  
As ondas amancei, detive os ares,  
Digão-no estas arêas, e estas flores.

Aqui tambem agora entre pezares  
Direi aos Navegantes, e Pastores,  
Que respeitem de longe estes lugares.

## S O N E T O

**E**Ncontrou-me esta graça em tal destroço,  
Que nem ouso, Senhor, a recebella;  
E por mais que em buscar-me se desvela,  
Já não percebo o minimo alvorço.

Andou neste favor, que todo he vosso,  
Industriosa a minha infausta Estrella;  
Porque, quando eu podia, não quiz ella;  
E agora, que ella quer, he que eu não posso.

Olhai como este bem se desfigura,  
Pondo-se ante os meus olhos por negaça,  
Quando ha de malograllo a conjunctura!

Que outra cousa, Senhor, quereis que eu faça?  
Se me chega de sorte esta Ventura,  
Que já se não distingue da desgraça.

SO-

## SONETO

**N**ão haverá hum sítio tão sagrado?  
Hum lugar tão seguro, e defendido,  
Aonde vá da Fortuna perseguido  
Viver por algum tempo delcançado?

Não haverá; porque ella o tem jurado;  
Metendo a mão no lago denegrido:  
Pobre de quem já vive tão perdido,  
Que está para as Venturas reprovado!

E não receia o Mundo que o infeste  
Meu hálito mortal? Inda consente  
Que eu pize os matos deste monte agreste?

Como daquelle misero doente,  
Que foi tocado da maligna peste,  
Fugi, fugi de mim, ditosa gente.

SO-

## S O N E T O

**N**O Templo entrei de Amor: Inda gelado  
O sangue tenho, do que nelle víra:  
Alli está o ciofo, que delira,  
De miê suspeitas vans atormentado.

Aqui o ausente em lagrimas banhado,  
Longe hum pouco dos mais, triste suspira;  
Hum jura fé, mettendo a mão na Pyra,  
Outro não pôde co' grilhão pezado.

Sobre as cruentas Aras de Cupido  
Quentes entranhas, que inda estão vivendo,  
Tem por tenções diversas offrecido.

Fugi, mortaes, deste lugar tremendo:  
Se he o Templo de Amor tão desfabrido,  
Como será o seu Inferno horrendo!

## S O N E T O

Q ue te vejam meus olhos, não consente  
(Meus tristes olhos) por mais tempo o Fado;  
Sem tí para tão longe desterrado  
Irei viver, se viver posso, ausente.

Comigo irá teu nome eternamente  
Do negro esquecimento preservado,  
Sendo, se isto ser pôde, articulado  
Inda ao passar do Lethes a corrente.

E se algum dia vires, que á fineza  
De ser contigo agradecido, e humano  
Falto, sem dar de tanto amor certeza,

Não julgues não, que a antiga fé profano,  
Antes baixos os olhos, de tristeza  
Suspira, e diz e então: *He morto Albano.*

## S O N E T O

**P**ara ver se cantar-vos saberia,  
Depois que a frente de jasmins ornava,  
A cythara tomei, que não soava,  
E na garganta a voz se me prendia.

Do grão Pastor de Admeto, que me ouvia  
Em meu socorro o espirito invocava:  
De novo a voz, e a cythara esforçava,  
E de novo com ella emudecia.

Eis-que se me apresenta em fôrma humana,  
Sorrindo-se de mim o Pastor Louro,  
Que em vez de me ajudar, me desengana:

*Sabe, mortal, me disse, que no Douro,  
Para cantar de tão gentil Sarrana,  
Somente he digna a minha Lyra de ouro.*

## SONETO

**D**O rio as claras aguas, que soando  
Correm por cima de ásperos seixinhos,  
A musica dos ledos passarinhos,  
Que de longe se estão desafiando:

O murmurante vento, que assoprando,  
Entorna o fresco orvalho dos raminhos,  
O tremulo balar dos cordeirinhos,  
Seus curvos saltos sobre a relva dando.

Tudo em vez de alegrar-me, me amofina,  
Nem o rosto huma vez se quer levanto  
A ver, o que se passa na campina.

Não he assim, ouvindo o vosso canto,  
Que em virtude de voz tão peregrina  
Nada no Mundo me consola tanto.

SO-

## S O N E T O

**T**U, que os costumes, e as paixões retratas  
 Em teus versos suaves, e Divinos:  
 Tu, que das mãos de Gregos, e Latinos  
 A sonora cythara arrebatas:

Tu, que as materias de Corurno tratas  
 Por modos só do seu caracter dignos:  
 Tu, que a pezar dos criticos malignos  
 O teu, e o nosso credito dilatas.

*Sobe, ó Alcino, ao Menalo, voando,  
 Da Arcadia o louro cingirás na frente,  
 Que por cima dos mais vós levantando:*

Disse Apollo do throno refulgente,  
 A' vista de teus emulos rasgando  
 O volume da crítica insolente.

## S O N E T O

**E**ste obsequio, Senhor, que vos envia  
Meu animo fiel, curto parece;  
Mas quem o pouco, que possui offrece,  
Se mais tivera, muito mais daria.

Sobre fingelas mãos não se avalia  
A offerta pelo vulto, que apparece;  
Que então a acceitação fora interesse,  
Vicio, que nunca em vós haver podia.

Bem sei que de meus versos a humildade  
Subir não pôde áquelle desempenho,  
A que antiga afeição me pertuade;

Mas huma salvação comvosco tenho;  
Saber que a vossa candida vontade  
Mais préza hum dom de amor, que d'alto engenho.

## S O N E T O

**M**Orreo o bom Luiz: Já não veremos  
Aquella boca para todos rindo:  
Hum sono perennal está dormindo:  
Já de ouvillo a Ventura não teremos.

Hum novo Heróe cortado em flor choremos,  
Que por mais que subamos o alto Pindo,  
Ao Ceo, para onde foi de nós fugindo,  
Já agora em vão por elle chamaremos:

Até para ficarmos mais saudosos,  
O seu frio cadaver nos tirarão  
D'ante os olhos tão tristes, e chorosos:

De vello as esperanças se acabarão;  
Venturosos aquelles, venturosos,  
Que as ultimas palavras lhe escutarão!

SO-

## SONETO

**P**romettendo a Limano Dorothea  
 Guardar-lhe a fé, que seu amor devia,  
 Tomou por testemunha a luz do dia,  
 E os juramentos escreveu na arêa.

O vento, que a revolve, e que a manea,  
 Pouco a pouco a escritura desfazia;  
 Vendo isto a Pastora, que faria?  
 A Limano também riscou da idéa.

Veção lá como a fé está bem segura  
 Em peito feminino: Que documento  
 Para quem crer mulher; ou crer Ventura!

Se ainda na que tem mais fundamento,  
 Quanto diz, quanto escreve, quanto jura,  
 He arêa, que a move qualquer vento.

## S O N E T O

**H**Um dia, de Limano acompanhado,  
 Descendo por hum valle mansamente,  
 Cahio á minha vista de repente  
 De hum tiro da Fortuna derribado.

Como vinha tão junto do seu lado,  
 De medo me affustei naturalmente;  
 Pois não sou inda assim tão descontente,  
 Que já cahir não possa em baixo estado:

Não estou inda em mim, porque duvido  
 Se daquelle desastre, por acerto  
 Sahi; ou não, sem o saber, ferido;

Que affombrado fiquei, Beliza, he certo;  
 Mas não culpes quem anda estremecido,  
 Vendo o raio cahir de si tão perto.

## SONETO

**M**eu amado Mondego, meu amado  
Mestre gentil, que sabio me educaſte  
Do tempo, que benigno me hospedaſte,  
Por onde quer que for ferei lembrado.

Cá toma conta da Pastora, e gado,  
Que já com teus ſalgueiros abrigaſte,  
Affim nunca a Eſtação do Eſtio gaſte  
Teu cryſtallino curso ſocego.

Da Patria huma juſtiſſima vingança  
De ti me leva a outros Orizontes,  
Aonde pague a culpa como herança.

Por ti, por ella, são meus olhos fontes;  
E ſe vivo, he ſómente na eſperança  
De ainda tornar a laudar teus montes.

## S O N E T O

**Q**ue estranhos casos vi no monte, e prado,  
Em quanto ouvi teu canto: Aquelle outeiro  
Hum pouco se moveo, e este ribeiro,  
Para te ouvir melhor, ficou parado.

Desceo dos montes de tropel o gado,  
A Serrana, o Pastor, e o pegoreiro,  
O voraz lobo, o timido cordeiro  
Tudo ficou attonito, e pasmado.

Até a minha horrida Tristeza  
Batendo as negras azas fugiria,  
Se lho não impedisse a natureza;

Mas hum pouco suspensão da harmonia  
Deixou-me respirar, e foi destreza,  
Por ver se me matava huma alegria.

## SONETO

**A** Onde andais, ó Parcas venenosas,  
Enfanguentando as mãos? Como insolentes  
De Cidadãos fieis, de Heróes valentes  
Ides cortando as vidas preciosas?

Como em triste viuvez tantas esposas  
Fazendo andais no mundo descontentes,  
Como tantos filhiños innocentes  
Dos braços arrancais das Mães chorosas?

Voltaí-vos contra mim, vingue-se a Sorte,  
Abbreviai-me a horrida partida,  
Erguei a mão, que eu me sujeito ao corte;

Mas ha que imprecação mal proferida!  
Para a morte dos outros basta a morte,  
E em mim para morrer sobeja a vida.

SO-

## S O N E T O

**F**ormosíssima Olaia, o teu semblante  
Não sei que graça tem, que almas cativa,  
Assim não fora a tua tão esquivã,  
Assim não fora a minha tão constante.

Ah! Que se te encontrára hum só instante  
A minha adoração menos altiva,  
Em vez de desprezar-me fugitiva,  
Paráras a escutar meu rogo amante.

Então compadecida do meu pranto  
Darias mil sinaos de sentimento  
Nesse rosto gentil, sereno, e santo;

Mas tão altos favores não intento,  
Nem póde ser, nem eu mereço tanto,  
C'um volver dos teus olhos me contento.

## S O N E T O

**N** Infas destes vizinhos arredores,  
 Que tão altivas perfumis de belas,  
 Cubrindo os vultos de custosas rélas,  
 Ornando as tranças de festões de flores.

Sabei que Olaia, Olaia, os meus amores  
 Nunca precisará dessas cautelas:  
 Tanto vos vence a vós, quanto ás Estrellas  
 Vencem do claro Sol os resplendores.

Qual a fresca bonina, que florece  
 Da mão da Natureza cultivada,  
 Assim de Olaia a formosura cresce.

Não he tão bella a luz da madrugada,  
 Como Olaia gentil, quando apparece.  
 Lá de longe a meus olhos destoucada.

## S O N E T O

**Q**uem nunca vio a luz formosa, e pura  
De teus olhos gentis, de teus cabellos,  
Póde, como eu já fiz, antes de vellos  
Zombar de Amor, e rir-se da Ventura.

Póde desconhecendo, o que he ternura  
Perguntar o que he fé, e o que são zelos?  
Não ter saudades, não sentir desvelos,  
E á minha inquietação chamar loucura;

Mas não depois de os ver, que derribado  
Do seu alto descanço ficaria,  
Cheio de confusão desenganado;

Pois perdendo o valor, em que se fia,  
Morreria em teus olhos abrazado,  
Prezo nos teus cabellos gemeria.

## S O N E T O

**E**Ntra o soldado envolto em sangue, e terra  
Na amada Patria a descansar contente ;  
E huma vez ao vizinho, outra ao parente,  
Conta os perigos da passada guerra.

*Ora diz, que subira humma alta serra  
Por entre o fogo do pelouro ardente :  
Ora que peleijando frente a frente  
Aos receios da morte os olhos cerra.*

Depois colhendo vai para o futuro  
Doces frutos da paz, que está gozando  
Com vida alegre, e animo seguro.

Não eu assim, que apenas descansando  
Dos conflictos de Amor tyranno, e duro,  
Nova guerra me faz teu gesto brando.

S O-

## S O N E T O

**Q**ual Pastor, que do sono accommettido,  
No chão os lassos membros encostando,  
Da noite as tristes horas vai passando  
Dos seus mansos cordeiros esquecido.

Té que do resplendor do Sol ferido,  
A' força de seus raios despertando,  
Abre os olhos, e o rosto levantando,  
Fica por grande espaço suspendido.

Tal eu de ver teu rosto descuidado,  
Nelle empregando a vista de repente,  
De tanto resplendor fiquei pasmado.

Mas o fim deste caso foi differente,  
O Pastor levantou-se descansado,  
E eu cahi ferido mortalmente.

## SONETO

**A**lbano, quem es tu? Teu baixo estado  
Não te confunde, não te defengana?  
Qué das lavras, que tens, qué da cabana,  
Onde estão as colmeas, onde o gado?

Que has de offerer a Olaia confiado,  
Se te ouvir algum dia mais humana?  
Porás aos pés de tão gentil Serrana,  
Hum çurrão pobre, hum pastoril eajado?

Anfias, suspiros, lágrimas, e ais  
Para quem desconhece, o que he ternura,  
Cuidas que são huns grandes cabedaes?

Pois sabe, que te diz a formosura,  
*Que ames menos, se queres valer mais,*  
*Que onde sobeja Amor, falta a Ventura,*

## S O N E T O

**S**E eu püdera viver de noite, e dia,  
 Vendo sempre esse gesto delicado,  
 Que ditoso, que bemaventurado,  
 Formosa Olaia, o meu amor seria!

Mas, em que estou mettendo a fantazia  
 Vão, ocioso, misero, coitado,  
 Ditosos sô aquelles, que a teu lado  
 Gozáo da tua amavel companhia.

O' da Fortuna errado movimento,  
 Que o bem que nega, a quem por ti suspira,  
 Dá talvez sem nenhum merecimento.

Não se fez para mim contentamento,  
 A desesperação, a inveja, a ira  
 Só se fizeráo para meu sustento.

## SONETO

Cuidas talvez, Olaia, que imprudente  
 Maculada tenção meus passos guia?  
 Longe, longe, ó terrena fantasia,  
 Tão contraria a meu animo innocente.

O Ceo, o justo Ceo, que lhe he presente  
 Do Mundo a mais occulta sympathia,  
 Dos meus olhos aparte a luz do dia,  
 Se te não diz a lingua, o que a alma sente.

De idolatrar-me nenhum fruto espero,  
 Porque te devo mais, quanto mais faço  
 Acho teu genio ou compassivo, ou fero.

Amo as tuas virtudes, satisfação  
 O meu amor co' meu amor; mas quero  
 Que conheças, meu Bem, o mal que passo.

## S O N E T O

**T**yranna Olaia, o teu desabrimento  
Troca, que he tempo já, troca em brandura,  
Faze que este queixoso da Ventura  
Seja se quer feliz por hum momento.

De teus olhos gentís hum movimento  
Bem sei que muito val; mas a ternura  
De tão constante amor, de fé tão pura  
Tenha contigo algum merecimento.

Valhão-me estes suspiros innocentes,  
Que já para abrandar forão bastantes  
Peitos de tigres, olhos de serpentes.

A mão para matar-me não levantes,  
Ou mostra ao menos, que os meus males sentes,  
E depois sê cruel, como eras d'antes.

## SONETO

**L**A' n'uma praia cavernosa, e fria,  
Onde chamar teu nome costumava,  
Aonde estás, Olaia, perguntava  
Ao furdo mar, que nada respondia.

Nisto passei, ó Ninfa, todo hum dia  
Té que de novo a voz alevantava:  
Olaia, Olaia, aonde estás, gritava  
Está, dizer-me o éco parecia.

Corro vagando a humida espeſſura,  
E para aquella parte me arrebatro,  
Onde ouvir tua voz se me figura.

Ah que assim foi o meu Destino ingrato!  
Huma penha achei só, formosa, e dura,  
Se tu não eras, era o teu retrato.

## S O N E T O

**E**M frauta agreste, em lyra altifonante  
 Siga cada Poeta o seu Destino,  
 Cante a Natércia, o meu Camões Divino,  
 E o nome de Beatriz celebre Dante.

Por Laura chore o seu Petrarca amante,  
 A Livia dê louvores Andrelino,  
 A Colona o sonoro Bernardino  
 Por Genebra Ariosto a voz levante:

Louve a Béliza a Musa de Salado,  
 Honre a Cassandra Sanazaro, em quanto  
 Catulo a Lesbia, a Flora Maldonado;

Que este nome de Olaia, que amo tanto,  
 Será de Albano em verso celebrado,  
 Feliz assumpto de mais alto canto.

SO-

## SONETO

**T** Razei, Ninfas, trazei, mimosa arêa  
Nos virginaes regaços: Espalhai-a  
No duro chão: Não mortifique Olaia  
Os delicados pés, quando passa.

Ah como vem de maravilhas chea!  
Com tantas graças a manhã não raia,  
Nem he tão belta a corpolenta Faia,  
A quem o brando Zéfiro meneia.

Vós, Napéas do bosque mais vizinho,  
Vinde esperalla, derramai-lhe flores,  
Castas rosas, devoto tofmaninho:

Vinde, beijai-lhe a mão; e vós, Pastores,  
Ide diante della, abri caminho  
Para passar a Deosa dos Amores.

## S O N E T O

**H**Um mudo suspirar continuamente;  
 Em segredo o teu nome articulando,  
 Agora feito estatua, agora errando,  
 Sendo talvez a fabula da gente.

Huma cõr já de morto propriamente  
 Hum fallar sem saber que estou fallando:  
 Com vergonhosas lagrimas banhando  
 Hum rosto para todos descontente.

São, Olaia, os estragos de huma vida,  
 Depois de morrer por ti de amores,  
 De balde em desprezos consumida.

Recordallos, não he pedir favores,  
 He porque vejas só desvanecida  
 O fruto, que hão tirado os teus rigores,

## SONETO

Quando, Anarda gentil, os merecidos  
 Louvores teus a decantar começo,  
 De pôr a boca nelles esmoreço,  
 Cahe-me a lyra das mãos, perco os sentidos:

Que são os meus desejos atrevidos  
 Cheio de confusão, mui bem conheço;  
 Mas outra Musa de mais alto preço  
 Cante os louvores, que te são devidos.

Que eu cá de longe, como envergonhado,  
 Ora ouvindo louvar o riso brando,  
 Ora as palavras, ora o doce agrado;

Não a voz, mas os olhos levantando,  
 Estarei sobre a lyra recostado,  
 No teu formoso gesto contemplando.

## SONETO

**N**A borda do seu concavo saveiro,  
 Acafo hum dia, oh dia assignalado!  
 O pescador Albano achou gravado  
 Inda de fresco este fatal leitreiro:

*Conhece, Albano, que es hum vil barqueiro,  
 Ao trabalho do remo acostumado,  
 Negra do Sol, dos ventos aqoutado,  
 De membros torpe, de expressões grosseiro.*

*Olais não te quer, ella o tem dito,  
 Este he, o pescador, o extremo dano  
 Da sentença mortal do teu delito.*

Leo-o; e chorando o desgraçado Albano,  
 Arranca a taboa, aonde estava escrito,  
 E ao Templo a foi levar do Desengano.

## SONETO

**V**O's, que á sombra dos alamos copados  
Nas vossas flautas pastoris tangendo,  
Ora as aguas paraís, que vão correndo,  
Ora os troncos movêis, que estão parados:

Mostrai que em vossos versos levantados  
Para estes meus tão alto estilo aprendo,  
Que cá do Téjo a fraca voz erguendo,  
Sois lá de mim no Douro acompanhados:

Então levando ao' peito a sanfonia,  
Coroado de rosas, e Amarantho,  
As cordas ferirei com mão Divina;

E se acaso, ó Pastores, posso tanto,  
Cantando espalharei nesta campina  
Da Arcadia Portuense o novo canto.

VER.

VERSOS GLOZADOS  
 NA REAL PRESENÇA  
 DE SUAS MAGESTADES, E ALTEZAS.  
 M O T E

*Gloria dos Reis, do Reino segurança.*

G L O Z A

S O N E T O

**J**A' Portugal respirará contente,  
 O' formosa, ó Augusta Successora:  
 Que tem a Inveja que fazer já agora,  
 Mais que estar-se a morder continuamente?

Alta eleição do Rei, que sabiamente,  
 Se Esposa, a Monarquia vos adora,  
 Nos recompensa os sustos da demora  
 Neste impensado jubilo presente:

Já, Princeza, na nossa intelligencia  
 Tomando campo vai certa esperança  
 Da vossa dilatada descendencia:

Por ella o Luso Imperio em vós descança,  
 Contemplando-vos já sem contingencia,  
 Gloria dos Reis, do Reino segurança.

MO-

## M O T E

*Sem á dita de Aquiles ter inveja.*

## G L O Z A

## S O N E T O

**S**E o grão Cantor, q̄ o Mundo encheo de espanto,  
Porque a fama de Aquiles poz notoria,  
Fez que Alexandre lhe invejasse a gloria,  
Pois não devo ás Musas outro tanto:

Vossa Alteza, Senhor, que sabe o quanto  
De hum, e outro Heroe vence a memoria,  
Fará que eu decantando a vossa historia,  
Não inveje tambem de Homero o canto.

Que assumpto mais feliz, ou mais glorioso!  
Se inda á vista daquelles, faz que seja  
Eu invejado, e vós nunca invejoso!

Hum novo Homero em mim por vós se veja;  
E hum Alexandre em vós por mim famoso,  
Sem á dita de Aquiles ter inveja.

## M O T E

*A' grandeza do assumpto aspira a Musa.*

## G L O Z A

## S O N E T O

**S**E a Fama, que altamente pregoeira  
Cantou sempre as acções da vossa vida,  
Hoje de assombro com razão duvidã  
Ser de tão faustas novas menfageira:

De que sorte, Senhor, de que maneira  
A minha voz, por baixa, nunca ouvida,  
Cantar pôde huma empreza tão subida,  
Que inda a Musa mais alta lhe he rasteira?

Materia he de coturno a acção presençe;  
E dizer cousa, que louvor produza,  
Não pôde o plectro humilde, e descontente:

Mandai cantar por outro a gloria Lusa;  
Que em mim, por mais que louve, inutilmente  
A' grandeza do assumpto aspira a Musa.

## ODES



# O D E S

## I

**A** Onde me arrebatou  
Na santa devoção deste alto empenho?  
Por mais que as azas bato,  
Sempre pezado, e froxo me detenho;  
Mas quem forças me deo  
Para subir, para voar ao Ceo?

Vós, Santo illustre, e forte,  
Que de hum glorioso rapto lá subiste;  
Sebastião, que a morte  
Fazer foubeste alegre, sendo triste;  
Vós sois, de quem eu canto:  
A minha Musa enchei d'hum furor santo.

Hu-

Huma setta brilhante,  
 Das que foi alyo illustre o vosso peito,  
 Fazei, que penetrante  
 Desça já sobre mim: Oh prompto effeito,  
 Que n'alma vou sentindo!  
 Agora sim, que vós me estais ferindo.

Vós sois o valeroso  
 Campião de Christo, que em virtuosa guerra  
 Consummastes ditoso  
 O triunfo melhor, que ha sobre a terra:  
 A' Patria verdadeira  
 Levando as almas por tão sá carreira.

A cega idolatria  
 Nas mãos o errado perfido volume  
 Aberto revolvía;  
 E vendo a Lei desse infernal costume,  
 Que assim por vós se infama,  
 Sobre elle negras lagrimas derrama.

Ella presenceava  
 Por vosso esforço, que com zelo ardente  
 As costas lhe voltava  
 Quasi infinito numero de gente;  
 E que com vosso exemplo  
 Está sem culto o seu nefando Templo.

No peito introduzida  
Desse purpureo indomito tyrano  
Faz tiro á vossa vida :  
Oh ímpio ! Oh infiel Diocleciano !  
Vê o que determinas ,  
Que aquellas são as mais fieis doutrinas.

A pestilente boca ,  
Que no faminto pavoroso Inferno  
Latindo se suffoca  
Entre o grosso vapor do lume eterno ,  
Abre a triforme fera ,  
E por seu vulto denigrado espera.

Manda fechar a aljava ,  
Em quanto he tempo , manda. Mas que cego  
Temor me alucinava !  
Vós esperais , ó Santo , com socego  
A morte ; e na partida  
Morrendo ireis á mais illustre vida.

Sim , que já lá vivendo  
Desses ministros do furor , triuntante  
O premio recebendo  
Estais devido á vossa Fé constante ;  
Sem que a serena face  
Levemente de susto se enfiasse.

Vistes a descórada  
 Ameaçadora mão da Morte fêa  
 Contra vós levantada,  
 Que em mil fêtas o corpo vos rodea;  
 Porém sem fusto a vistes,  
 Que com ella do Ceo a porta abristes.

Se Irene aqui pudesse  
 Soltar por mim a voz, melhor diria,  
 Como vos fortalece  
 O claro lume, qué do Ceo descia:  
 E para o transe amargo  
 Vos dá valor, e soffrimento largo.

Nesse tronco ditoso  
 Os innocentes membros vos atarão:  
 Oh tronco venturoso!  
 Cuja alta sorte os outros invejarão,  
 Que na fertil campanha  
 O Sacro Tibre vagaroso banha!

A grande, antiga Roma  
 Confusa o vio, e ainda vacillante  
 No verdadeiro dogma  
 Os olhos abaixou, mais já triunfante  
 Vos chama; vos festeja:  
 Da Fé columna, Defensor da Igreja.

Mais

Mais prodigios differa  
 Inda do vosso singular martyrio :  
 Eu só , eu só fizera  
 Morder-se o Inferno , e alegrar-se o Empyreo ,  
 Que inda cá sinto o effeito  
 Da ardente setta , que abrazou meu peito.

Mas vós , ó Coro Santo ,  
 Quanto melhor que as filhas da memoria ,  
 Em vosso immortal canto  
 Destes affombros numerais a gloria !  
 Eu ouço , eu ouço os Hynos :  
 Cantai , cantai , Espiritos Divinos.

## II

**E**Ntre as Deofas tão célebres em Ida  
 Embora o fogo accenda  
 Essa , que no aureo pomo introduzida  
 Moveo alta contenda :

Derrame embora tragico veneno  
 Sobre amigas Cidades ;  
 Qual Noto fero contra o mar sereno  
 Desate as tempestades :

Das

Das mãos arranque de Hymineo sagrado  
A faxa luminosa ;  
Arme agudo punhal ensanguentado  
Contra innocente Espôsa :

Faça que o Pai fizudo ao filho vendo ,  
Ao filho que gerára ,  
Os antigos aggravos revolvendo ,  
De rancor volte a cara :

Vá pelo Mundo murmurando , e rindo  
Dos males , que semea ;  
Com mão subtil de casa em casa urdindo  
A simulada têa :

Feliz sômente nosso amor , Beliza ,  
Não teme força estranha :  
Longe do vulgo o excelso cume piza  
Da Olimpica montanha :

Não teme da sevissima Megera  
O furibundo ensaio ;  
Muito além vive da estrondosa Esfera ,  
Onde se forja o raio :

De alto verá beber no antigo Douro  
Mil apestadas rezes ,  
Cubrir-lhe as margens , não de arêas de ouro ,  
De verdenegras fézes :

Ce-

Celebre o Mundo do incendiado Pado  
 As aguas, que já forão  
 Sepulchro triste do mancebo ousado,  
 Que as Helyadas chorão:

Do formidavel bruto a grão victoria,  
 De toda a Arcadia espanto,  
 Famoso faça pela Herculea gloria  
 O rapido Erimanto:

Que o puro Amor, que o tempo não consome,  
 De Beliza, e Albano,  
 Mais alto, ó Douro, levará teu nome,  
 Que as ondas do Oceano.

Ah Beliza, não temas a inconstante  
 Mentiroza Ventura;  
 Amor não firma o pé no disco errante  
 Da roda mal segura:

Nesta alma vives, de que tu es parte:  
 Nossa maligna Estrella  
 O aspecto mostre de Saturno, ou Marte,  
 Nenhum poder tem nella:

A fé nos une, a fronte nos coroa  
 Pacifica oliveira:  
 Em vão no punho imigo aos ares voa  
 A putpurea bandeira.

## III

**A** Onde, aonde, corações humanos,  
 Batendo as roxas asas,  
 Belleza encontrareis, e suavidade,  
 Sem que os rapidos voos  
 Vos levem diligentes, onde habita  
 Isbella encantadora? —

De huns appetece o paladar activo  
 Os laborosos frutos;  
 Revolvem outros na grosseira boca  
 Insipidos manjares:

Comtigo fallo, abominavel vulgo,  
 Que dos lodofos charcos  
 Fartas a sede nas salobres aguas;  
 E a fonte pura deixas  
 Pela terra perder-se inutilmente.

Longe daqui te aparta;  
 Que a corrente das gratas harmonias  
 Para ti se não solta.

Culta Lisboa, ergue a sábia fronte  
 Para admirar Isbella:  
 Verás hum novo, e delicado gésto,  
 Aonde as Graças moráo;

Os

Os côpos de suavissimo veneno  
 Dando a beber aos olhos,  
 Com que a vontade hydropica se abraza  
 De infaciavel feda.

Oh que desejos mil andão voando  
 Ao redor de seu rosto!  
 O namorado Amor nelle se encosta  
 Suave, e mansamente,  
 Para escutar-lhe o canto de mais perto,  
 A cuja força estranha  
 Vão, como de tropel, as mais isentas  
 Almas arrebatadas;  
 Quaes nos campos de Thracia ao som Divino,  
 As indomitas feras.

Verás as Ninfas descuidadas tanto,  
 Que as grinaldas, que tecem,  
 Deixão cair das mãos sobre o regaço.  
 Nos cavernosos montes  
 Eólo enfrea os ventos; só respira  
 Brandamente Favonio;  
 Porque a nossos ouvidos traga, e cheguem  
 Essas celestes vozes:  
 Eu vou, eu vou; a magica harmonia  
 Me eleva, e me transporta:  
 Da terra erguer me sinto sobre as nuvens;  
 Parece que ao Ceo vou.

A branda voz, que penetrou minha alma,  
 Não pôde fer, não pôde  
 Respiração de fraco alento humano!  
 As vozes são de Isbella.

Com menos suavidade, á fresca sombra  
 Das arvores frondosas,  
 A musica dos ledos passarinhos  
 Ao lasso caminhante,  
 De hum imperfeito somno adormentado,  
 Os sentidos lhe prende.  
 Oh bemaventurado, o que vos ouve!

O Monstro macilento,  
 Cujos accezos, revirados olhos  
 Impacientes não soffrem  
 As luzes das Estrellas, ensanguente  
 Os estiricos dedos  
 Entre os immundos venenosos dentes;  
 Que, para preservar-te,  
 Da torpe Inveja, que a Virtude opprime,  
 Sempre o merecimento  
 Mais alto, e singular tens ao teu lado.

Tu cauto, errante Grego,  
 Que ás vozes de Partenope escapaste  
 Artificiosamente,  
 Senão queres render-te ao novo canto,  
 Ah fuge, Olises, fuge  
 De entrar segunda vez a foz soberba  
 Do Lusitano Téjo!

Não vês, ó Formosíssima Cantora,  
 ; Como já para ouvir-te  
 Inclina o Padre Oceano a veneranda,  
 E cerulea cabeça?  
 Mudos estão os satyros longevos  
 As crespas sobranzelhas,  
 De admirados; erguendo; e sobre a boca  
 Põem o rustico dedo.

## IV

**E** Conseguiu a pállida doença  
 Com delcarnada mão tocar teus membros,  
 Verter teu sangue, desborar teu rosto?  
 Que deshumano insulto!

E pode enfraquecer desses teus olhos;  
 Desses teus bellos olhos, a luz pura;  
 Aonde o pio Amor continuamente  
 Ardendo se veria!

Vós, justíffimos Ceos! que o permittistes;  
 Porque não permittistes que eu ao menos,  
 Chegado ao brando leito de Lorinda,  
 Chorar seu mal pudesse?

Alli eu mesmo, com piedosa mágoa,  
 O cópo da asquerosa medicina  
 A beber lhe daria, eu a animára,  
 Se lhe voltasse o rosto.

Al-

Alli receoso , e p'vído estivera  
 De quando em quando a pergunta-lhe eu mesmo;  
 Se estava angustiada , ou se já tinha  
 Mais algum refrigerio ?

Alli fora o primeira , que velasse  
 No silencio da noite ; e mansamente  
 De instante a instante a ella chegaria  
 A ver se respirava.

Infeliz , tu primeiro dos humanos ,  
 Que com teu venenoso mal pudeste  
 Inficionar a bella natureza  
 Das miseraveis gentes !

Tu fizeste caduca aquella idade ,  
 Que respeitáta a inenarravel Gloriosa ;  
 De outros erros maiores es a causa ;  
 Oh mal-traja o teu erro !

Que o tronco immovel , que a insensivel pedra  
 Sejam mais ponderaveis , mais sadios ,  
 Que os bem-fornidos membros , que organizáo  
 O corpo mais robusto !

Mas ah ! Não queira o Ceo , Lorinda bella ,  
 Já que destas pensões te não fez livre ,  
 Que tão cedo a corrupta natureza  
 Dellas te pesa conta.

Ref-

Respirem sempre os ares mais benignos  
 Ao redor do teu corpo delicado:  
 A infesta vista para ti não volte  
 A pálida doença.

## V

**A**O mais leve ruído,  
 Co' a prompta vista a casa rodeando,  
 - Acorda espavorido  
 O vil ambicioso, imaginando,  
 Que o nocturno, e destruíssimo ladrão  
 As chaves lhe tirou da escassa mão.

Applíca o temeroso  
 Ouvido, receando, quanto escuta,  
 Insulto criminoso,  
 Que em seu thesouro avaro se executa:  
 Qual edificio, em que se ateia a flama,  
 Alvorçando a casa, os servos chama.

Feliz, tu, que despertas;  
 Podendo, em pobre cama locegado,  
 Com as portas abertas:  
 Tornar ao doce somno começado,  
 Até que volte o dia, sem mais pena,  
 Que achar talvez a noite ser pequena.

Quie-

Quieto o pensamento  
 Repouza em ti, sem nunca fatigar-te;  
 Nem por mar, nem por vento!  
 Com elle vás do mundo a qualquer parte:  
 As cousas vês, e a discorrer não ouzas;  
 Triste, o que sabe duvidar das cousas!

Da soffrega ambição  
 Já mais seguir os passos determinas,  
 Por medonho certão  
 A ir desencantar preciosas minas;  
 Mas antes, sem tentar arduas empresas,  
 Zombas das honras, zombas das riquezas,

Rompendo o curvo arado  
 Em paz a propria terra, que semeas,  
 Te contens moderado,  
 Sem ir buscar undivago as cillieas,  
 Ou por hum asperissimo deserto  
 De hum perigoso, e vil suor cuberto,

Da terra sobre a face  
 Depois o fruto vês que em tempo veio;  
 O ouro alli te nasce  
 Nas barbaças espigas do seneteo;  
 Que, dando-lho fingelo, tem cuidado  
 De to restituir multiplicado.

Em

Em pequeno cabelleiro  
 Recolhes mais seguro o teu sustento,  
 Que o inutil dinheiro  
 Em chapeados cofres o avarento:  
 Em ti distribuido honestamente,  
 Nelle guardado vergonhosamente.

Ah que se tu souberas  
 O que passa no Mundo, e seus costumes,  
 Outra idéa fizesas  
 Bem differente de ti, do que presumes!  
 Que huma sã natural Filosofia  
 Não só augmenta a dor, mas a alegria.

Quando ao monte subisses  
 Alguma vez a apascentar teu gado;  
 E lá ao longe visses  
 Sahir a não, fendendo o mar cavado,  
 A terra pouco a pouco atrás deixando,  
 Até que volte sem saber-se o quando;

Então, então darias  
 Todo o valor devido ao teu soccego  
 E contigo dirias:  
 Oh tu que entregue vás ao alto pégo!  
 Faminto, e vão desejo te incha a vela,  
 Pois vás com sede, e has de vir com ella.

Se

Se fora a Natureza  
 Com sábia mão teus passos dirigindo  
 Por toda a redondeza,  
 Novos Ceos, novas terras descobrindo,  
 Porque depois a nescias creaturas  
 Deixasses proveitosas escrituras:

Arriscasses embora  
 Entre sustos, e lagrimas a vida:  
 A vida, que o não fora,  
 Se só fora em regalos consumida;  
 Porque em molles espiritos não cabem  
 As cousas grandes, que os prudentes sabem.

Mas ir abrindo os mares  
 Agora ao fundo abyfmo sepultado,  
 Agora pelos ares  
 Voar ao Ceo nas ondas levantado,  
 Tremulo o corpo, e já no rosto afflito  
 Da fria Morte o negro gésto escrito:

A doenças mortaes  
 Humas vezes exposto, outras a fomes;  
 Tudo por cabedaes,  
 Que ou não chegas a ter, ou mal consumes:  
 Ah louco atrevimento de homem louco,  
 Tanto queres, bastando-te tão pouco!

A' nescio, aonde vás?

Cuidas talvez que he pouco o que possuo?

A santa, a santa Paz

Em seus braços me aperta, não fluctuo

No golfo da ambição, sempre em bonança

Me cerca Virtuosa Temperança.

Aqui seima a Verdade,

Seu que a lisonja lhe dispute o mando:

A serena Amizade

Com pacifica mão vai derramando,

Não os venenos da zizania antiga,

Sim as doçuras da concórdia amiga.

Aqui sem artificio

Me vestem crespas lãs: Pobre apstento

De baixo frontespicio

Me tólhe a chuva, e me repara o vento:

De dia alegremente trabalhando,

De noite do trabalho descansando.

Aqui da negra Inveja

Já mais me infama o baso pestilente:

Do que aos outros sobeja,

Bem que me falte a mina, vivo contente:

Porção pequena de qualquer comida

Basta para manter-me a curta vida.

Das tetas espremendo  
 Da manfa vaca o leite faboroso,  
 O vou depois bebendo  
 Pelo concavo tarro mais gostoso,  
 De que esses odoríferos licores,  
 Que talvez desconcertão teus humores.

Aqui, quando anoitece,  
 Tropel não ha que o somno me embarace;  
 E logo que amanhece,  
 Alegre vem dizer-me que o Sol nasce  
 (Rodeando-me a choça) o passarinho,  
 Que primeiro do que eu deixa seu ninho.

Em vez de altos cuidados,  
 Doce canto me acorda brandamente:  
 De empregos arriscados  
 Não me faço importuna pretendente:  
 Bastava-me a razão, a falta Lei:  
 Adoro o Rei, somente porque he Rei.

Amiclas pescador:  
 O' venturoso Amiclas, se pudera,  
 O vão subjugador  
 Da Patria o Sceptro pelo remo dera;  
 Quando pede, que o passes, invejando  
 A paz, que n'alta noite estás gozando.

Mas

Mas aonde caminhas,  
 Pastor, que estás em vão vociferando?  
 Deixa as gentes mesquinhas  
 Fartar do lodo vil, que vão buscando:  
 Coroem teus trabalhos venturosos  
 O ouro não, os pampanos viçosos.

Deixar o Mundo embora:  
 O que hoje vemos nós, já outros virão:  
 Não he, não he de agora,  
 Que pessimos costumes mal se tirão:  
 Atolados em sórdida cubiça  
 Longe de nós, oh homens sem justiça!

## VI

Vai, mesquinha Ambição, chega-te ao leito  
 Do languido doente,  
 Alli lhe representa o rico aspecto  
 Do Indico Oriente:

Do aurifero Brazil mostra-lhe abertas  
 As profundas entranhas,  
 Pinta-lhe os dons, repete-lhe as offertas,  
 Que tu finges tamanhas:

Azues safiras, origidos diamantes,  
 Incendidas granadas,  
 Inda as humidas perolas brilhantes  
 Nas conchas prateadas:

Com

Com alcatifas de Achemonia lheorna  
 A casa de ouro chea,  
 E com ambas as mãos profusa entorna  
 O corno de Amalthea :

Infaciavel Monstro, que me queres?  
 Te diz entre gemidos ;  
 Em nada, em nada restro esses prazeres,  
 Prazeres corrompidos :

Sobre a rija bigorna o dia inteiro  
 Co' duro braço erguido  
 Inda he mais rico o sordido ferreiro,  
 De negro pó tingido :

Volvendo o nauta rude a grossa amarra  
 No forte cabrestante  
 Mais feliz he, surgindo pela barra  
 Com robusto semblante :

Quer antes que perdello o vil forçado  
 Passar pelo desprezo,  
 Com que o descalço pé move cançado  
 Do vergenholo pezo :

O mendigo embrulhado em roto manto,  
 Que mal lhe tolhe o frio,  
 Alegre vai de porta em porta, em quanto  
 Sente o corpo fadio :

Do

Do carrancudo Tormentorio á vista  
Pafsára ousadamente,  
Até firmar os pés na grão conquista  
Da Lusitana gente:

De baço, e nú salvage não temendo  
As feras, e os alfanjes,  
Novos caminhos por certões fazendo,  
Pafsára além do Ganges:

De mil possantes náos gemer fizera  
As concavas enranhas,  
E prenhes sobre o mar as estendêra  
De riquezas estranhas:

A casa do soberbo frontespicio,  
Que fundára com ellas,  
Onde se visse o pródigo artificio  
De marmoreas janellas.

Não fora como a vossa, ó cega gente,  
Tão longe da Virrude:  
Hum Templo fora a ti, a ti sómente  
Benefica Saude.

## VII

**N**ÃO de Carthago, nem de Troia canto  
 Os já desfeitos, e abrazados muros:  
     Mais alto a voz levanto,  
 Que ha de servir nos seculos futuros  
     De exemplo, e mais de espanto:

Longe superstição, longe Deidade,  
 Que influit sobre os canticos affectas  
     Divina suavidade:  
 Eu sou ferido das brilhantes setas  
     Da candida Verdade:

Os altos edificios, cuja gloria  
 Riscar não pôde a negra mão dos Fados,  
     Padrões de larga historia  
 A' publica faude consagrados  
     Em honrosa memoria:

Não são muros de Thebas, erigidos  
 Em virtude do canto fabuloso:  
     Não são montes erguidos  
 Contra o poder de Jove respeitoso  
     Por homens atrevidos:

Tu és, ó grão Lisboa, alta Cidade,  
 Do Mundo Empório, a Capital das gentes;  
 Patria da heroicidade,  
 Que debaixo das coizas inda quentes  
 Respiras Magestade:

Todas essas Cidades, que acabarão,  
 Victima infausta de sanguinea guerra,  
 Que apenas te igualarão,  
 Inda jazem cahidas sobre a terra,  
 Que soberbas pizarão:

Não foi de belicosa gente armada  
 Repentina invasão; não força estranha  
 De mina rebentada;  
 Não foi estratagem, não foi manha  
 De inimiga cilada:

Não foi esse flagello horrendo, e feio,  
 Que ministrado nas fataes cruzas  
 Do ataque, e do bloqueio,  
 Ver não podem munidas fortalezas  
 Sem tremer de receio:

Esse, que póde de terror, e espanto  
 Fazer tremer o Mundo, e a fraca terra  
 Cubrir de amargo pranto,  
 Foi quem te consternou, quem te fez o guerra,  
 Que outrem não pode tanto:

Eu te vi ir com a viva con mudada,  
 A mal vestida roupa fluctuante  
     Pelos hombros deitada:  
 A huma, e outra parte, vaoullante  
     Correndo desgrenhada:...

Eu te vi levantar altos clamores,  
 Tropear, e cahir atropellada  
     Dos teus habitadores:  
 Sobre mudos penhascos, rodeada  
     De pallidos horrores:

Bem como aquelle, que cahio ferido  
 Entre os soldados do esquadrão guerreiro,  
     He logo soccorrido  
 Do bom amigo, que lhe deu ligeiro  
     A mão compadecido:

Affim do meio de miseria tanta  
 Te ergueo aquelle, que da negra Inveja  
     Opprime a vil garganta:  
 Ah! Chega ao grande Conde, a mão lhe beija,  
     A mão, que te levanta:

Oh Grande Pai da Patria, Heros benino,  
 Tua robusta mão capaz só era  
     De tamanho Destino:  
 Porxi o Alto Jupiter espera  
     No assento crystallino:

Cóm

Com que rosto de lá do Soberano  
 Throno das almas dos Heroes potentes,  
 Verás, senão me engano,  
 Ferver cada vez mais, estranhas géntes  
 No Téjo Lusitano:

Quando voltarem para os patrios ninhos,  
 Virão, movidos de alta crosidade,  
 Sahindo-lhe aos caminhos,  
 A perguntar-lhe pela Gráo Cidade,  
 Parentes, e vizinhos:

Agora louvarão os beneficios  
 Das sábias Leis, agora o fundamento  
 Dos nobres edificios,  
 Que inda porão em longo esquecimento  
 Os célebres Egypcios.

Não consultei de victima innocente  
 As fumegantes húmidas entranhas:  
 Não o Ceo reluzente,  
 Subido sobre o cume das montanhas  
 Com juizo imprudente:

No auspicio de outra luz os olhos fito:  
 De huma alma grande as intenções proponho;  
 Consulto o Conde invicto:  
 Não se presume que deliró, ou sonho;  
 Com elle o acredito:

Jactem-se esses Heroes conquistadores  
 (Nomes, com que se o povo nescio engana)  
 Dos barbaros furoros;  
 Com que opprimindo a fraca gente humana,  
 Se chamarão Senhores;

Entrem pelas Provincias descuidadas:  
 A mal avindos povos fação guerra:  
 Vejão despedaçadas.  
 Cahir as altas povoações por terra,  
 Entre lanças, e espadas:

Fação tremer Nepruno de assustado:  
 Rompão-lhe á força de nadantes quilhas  
 O ceruleo costado:  
 Obrem outras mais altas maravilhas,  
 Que dão no Mundo brado;

Que tu, ó Fama, no portal do Templo  
 Defenderás a entrada iniqua, e dura:  
 A semelhante exemplo,  
 Reservando sómente esta Ventura  
 Ao Heroe, que contemplo:

Ao filho de Laertes, que importára  
 O astuto esforço de assolar Dardania,  
 Se por memoria rara  
 Com bemfeitora mão na Lusitania  
 Lisboa não fundára.

Este da verdadeira heroicidade  
 Será lómente o titulo, e o modo  
 De entrar na Eternidade;  
 Que he mais, que desfazer o Mundo todo,  
 Erguer huma Cidade.

## VIII

**R**amo feliz, de frutos esperados,  
 Que a crescer principias:  
 Do Ceo, que te dispoz, abençoados  
 Sejão teus bellos dias:

Oh nunca a mão cruel, do defabrido  
 Noro, contra ti vejas!  
 Antes de hum brando Zefiro movido,  
 Co' elle brincando estejas:

Em fresco orvalho sobre ti descenda  
 Todo o riso da Aurora:  
 Elle ao secco Estio te defenda  
 Da calma abrazadora;

Mas não és tu producto florecente  
 Do tronco generoso,  
 Cujas folhas irão perpetuamente  
 Tocar o Ceo formoso?

Eu não escuto, Angelico Destino,  
 Com voz serena, e santa,  
 Que de teu nascimento peregrino  
 Alta venturas canta.

Não te promette em seculo vindouro  
 De Outono fazonado,  
 Melhores pomos, do que os pomos de ouro,  
 Que Alcides tem roubado.

Não diz, que então á fombra recolhidos  
 Da tua excelsa rama,  
 Virão do Têjo os cisnes escolhidos  
 Cantar a tua fama:

Tu es, tu es o ramo abençoado  
 Disposto em chão fecundo,  
 Para seres no Mundo respeitado  
 Dos melhores do Mundo.

Tragão do campo as Tagides formosas  
 Flores nas brancas fraldas;  
 De roixos lirios, de purpureas rosas  
 Te fabriquem grinaldas;

E as Graças, que em ti já se estão revendo,  
 Irão cheas de gloria,  
 Nas tuas verdes folhas escrevendo  
 Deste dia, a memoria.

## IX

**S**E em teus puros Altares  
Em honra deste dia, ó bella Olaia,  
Não vês subir aos ares  
Os fumos da odorifera Pançaia:

Se em honrosa memoria  
Com festivas geraes acclamações  
Não vês á tua gloria  
Fundir estatuas, levantar padrões:

Se do cedro aos ardores  
Não vês chegar pacificas, e promptas  
Coroadas de flores,  
Cem brancas rezes de douradas pontas:

Se não vês as disputas  
Das carroças nos circulos ligeiras,  
Nem languinosas lutas,  
Nem apostas nas rapidas carreiras,

He porque não dispensa  
A avarenta Fortuna a hum baixo estado  
A grande differença,  
Que vai do aureo Sceptro ao vil cajado.

Pe-

Pelas razas campinas  
 Não ha entre as pobrissimas cabanas  
 Mais que humíldes boninas  
 Moles juncos, grosseiras espadanas.

Nas rústicas Aldéas  
 Não ha mais do que alegres passarinhos,  
 Mellifluas colmeas,  
 Pobres tarros, malhados cordeirinhos.

E'cos defaïnados,  
 Asperos sons de rústicos salteiros,  
 Louvores entalhados  
 Nos corruptiveis tronços dos salgueiros.

De huma simples Pastora  
 São estes dons proporcionadas prendas  
 De ti, minha Senhora,  
 Não são, nem devem ser dignas offrendas.

Mas se huma alma, que tenho,  
 Agora, ta não der, para que a quero?  
 Eu offerece-ta venho,  
 Recebe, Qlaja, o dom, vê que he sincero.

Nella o teu nome esteja  
 Mais perduravel, do que em bronze duro,  
 Hum novo Templo seja  
 Onde se guarde do poder futuro.

Nelle fegura, e ufana  
 Vive a pezar dos feculos ingratos,  
 Queime-fe o de Diana,  
 Que este não reme a mão dos Herostratos.

Póde abater-fe a torre,  
 Dar de fi a firmiffima coluna;  
 Mas n'alma, que não morre,  
 Não tem poder o braço da Fortuna.

## X

**N**'Um fitio, que busquei accomodado  
 Para chorar meus males,  
 Aonde só me via rodeado  
 De montes, e de valles,

A' sombra de hum altiffimo loureiro,  
 Que tem o nascimento  
 Na corrente de hum cândido ribeiro,  
 Ainda mal me affento,

Quando a huns ternos ais desconhecidos  
 O rosto levantando  
 Descubro entre soluços, e gemidos  
 Hum menino chorando.

Quem

Quem es? (lhe perguntei) quem te maltrata?  
 Deo-te, menino, alguém?  
*Eu sou Amor, offende-me humna ingrata,  
 Que de mim dó não tem.*

Na face o beijo, e a meu colo o trago,  
 As lagrimas intento  
 Limpar-lhe internecido; mas co' afago  
 As lagrimas lhe augmento.

Aonde estão as settas, lhe dizia,  
 Aonde o arco, a aljava?  
 Queria responder-me, e não podia,  
 De novo soluçava.

Aonde está, Cupido, aquelle ousado,  
 Aquelle atrevimento,  
 Com que as terriveis armas tens levado  
 Até ao Firmamento?

Por ti não desceo Jupiter á terra  
 Em diversos semblantes?  
 Não temeo muito mais a tua guerra,  
 Que a guerra dos gigantes?

Contra Marte os teus raios não despedes,  
 Não lhe aplacas a ira?  
 Não fica prezo nas vulcanicas redes  
 Por Venus não suspira?

Por

Por ti o Louro Deos, que os carros guia  
Do dia luminoso  
Após da esquiva Daphne que fugia  
Não correo amoroso?

Por ti a casta Deosa não deixava  
Os Patrios Horizontes,  
E entre brancas ovelhas não buscava  
Edymião nos montes?

Tu só, tu forte Amor abrir pudeste  
A Porta Diamantina,  
Sahir á luz do Sol Plutão fizeste  
A buscar Proserpina.

Quantos Deoses em fim, quantos humanos  
Sentirão teu estrago?  
Digão-no os Gregos, digão-no os Troianos,  
E dize-o tu, Carthago.

Eu vejo, eu vejo o fogo devorando  
Cidades, e campinas,  
As ~~Mães~~ correndo, os filhos espirando  
No meio das ruínas.

Se ver pudeste, Amor tanta desgraça  
Com semblante sereno,  
Como he possível que chorar te faça  
Hum poder tão pequeno?

Amor

Amor, que no meu peito recoitado,  
 Ouvindo attento esteve,  
 Os olhos abaixou, de envergonhado  
 A fallar não se atreve.

Té que dando hum suspiro, já disposto  
 Para fallar se enfaia;  
*Que mal conheces o Divino rosto  
 Da poderosa Olaia.*

Quiz responder-lhe, e elle continúa:  
*Aquella fêra humana  
 He ainda mais fêra, inda mais crua  
 Do que he a Tigre Ircana.*

Zomba das minhas settas passadoras,  
 Meu poder desconhece,  
 Nem do que eu passo, nem do que tu choras  
 Huma vez se interneece: ...

Arco, aljava, e mil settas fiz de novo  
 De ponta mais aguda;  
 E antes de atirar, primeiro as provo  
 Em huma penha ruda.

Puz no arco as mais fortes; e atirando  
 A seu peito huma e huma,  
 Ora se entortão, ora não quebrando  
 Sem a ferir, nenhuma.

Sem-

*Sempre encontrei dobrada resistencia,  
Té os ferros lhe errarua,  
Não me esqueceo nenbuma providencia;  
Mas nenbuma basta-ua.*

*Outros meios tentei: Parro voando  
Aos Cicilicos montes,  
Raios estão a Jupiter forjando  
Esteropes, e Brontes:*

*Pego a Vulcano que hum grilhão me faça,  
Mais forte, mais pozado,  
Que esse, que tem com misera desgraça  
Na roda a Ixion arado.*

*Volto com elle cheio de esperanza,  
Que já me promettia,  
Olaiá busco, e vejo que defeança  
Entregue ao sono hum dia.*

*Ah que não sei dizer-te vivamente  
Daquelle gesto brando  
A graça natural, pura, innocente,  
Com que está respirando!*

*Não sei dizer, por mais que a voz levante,  
Como he bella dormindo,  
Perdoa, minha Mãi, o teu semblante  
Não he, não he tão lindo.*

Accende-se de vella o meu desejo ;  
 E sem que me fartasse ,  
 No eburneo colo descuberto a bejo  
 Nos olhos , e na face.

Então nos lisos braços por cautela  
 O grilhão prevenido  
 Lhe deito mansamente , porque della  
 Não fosse per sentido :

Quando deste meu pranto desprendida  
 Huma lagrima ardente  
 Lhe cabe no bello rosto , e espavorida  
 Acorda de repente.

Os olhos poz em mim formosa , e fera ,  
 Tal fogo nelles traz ,  
 Que como ao lume se derrete a cera  
 O meu valor desfaz.

Rompe a cadeia dos mimosos braços ,  
 Quem tal imaginou !  
 E em desprezo s' os míseros pedaços  
 De longe me atiros.

Desarmado fiquei , fahi corrido  
 Té parar n'esta praia :  
 Já me não chamo Amor , nem sou Cupido ,  
 Sou o odia da Okeia.

Só de quantas idéas tenho feito ,  
 Util pôde ser esta  
 Desse teu coração , desse teu peito  
 Hum suspiro me empresta.

Com elle juro aos Deoses , e ds Estrellas  
 De obrar cousas ramanhas ,  
 Que até lhe faça derreter aquellas  
 Durissimas entranhas.

Nestas armas sómente confiado  
 Partio , Amor , voando ,  
 E eu a suspirar acostumado ,  
 Lhe disse suspirando :

Aqui te espero , Amor , nestes retiros :  
 A victoria segura ;  
 Mas olha bem , que são os meus suspiros  
 Suspiros sem Ventura.



CAN-





# CANÇÕES

I

**L**Onge barbaro vulgo!  
Fugi, fugi de mim; porque os subidos  
Mysterios, que divulgo  
Na attenção dos incredulos ouvidos,  
    Não fazem doce effeito:  
Põe, ó Musa, tanta alma no conceito  
Deste alto assumpto, que me occupa a mente;  
Que, ferida de hum raio intelligente,  
    Faça o que for compondo  
Armonia no Ceo, no Inferno estrondo.

*Tom. I.*

**R**

**Não**

Não cantarei de Ormias,  
 De Lucrecias, de Porcias as vulgares  
 Eſtranhas ouſadas,  
 A quem no Mundo a Fama ergueo Altares;  
 Nem de outras de igual Fama:  
 Cantarei a Matrona, que ſe acclama  
 Entre as fortes mulheres, **MULHER FORTE**;  
 Que as Leis vencendo da invencivel morte,  
 Os vinculos deſata  
 Da culpa, e vive co'a pureza intata.

Não cantarei as Didos,  
 As Sabás, as Simiramis, que a gloria  
 De ſeus Reinos luzidos  
 Inda durão nas paginas da historia,  
 A Divina, a Profana;  
 Cantarei a Rainha Soberana,  
 Que já muito antes de que houveſſe idade,  
 A preservou de humana enfermidade  
 Quem todo o poder tem  
 C'um poder alto, nunca dado a alguém.

**Não**

Não cantarei Joannas,  
Ursulas, nem Luzias, que vencendo  
As suggestões profanas,  
Que arma contra a pureza o vicio horrendo,  
De coroas, e palmas  
Omão triunfantes as preciosas almas:  
Cantarei a mais pura, intacta, e Santa,  
Que a Fé adora, e que a Igreja canta,  
Que foi Mãe, sendo Virgem,  
Fonte de Graça, da Pureza origem.

Não cantarei as Saras,  
As Lys, as Raqueis tão conhecidas,  
Na formosura raras,  
Grandes em nomes, célebres em vidas,  
Notaveis na Escritura:  
Cantarei a celeste formosura,  
Que honrou da enferma Natureza a massa,  
Que de graças encheo o Author da graça,  
A Rosa mais perfeita,  
Que o Ceo<sup>o</sup>, plantada em Jericó, respeita.

Cantarei a formosa  
 Judith contra o Gigante do peccado,  
 Tanto mais valerosa,  
 Quanto vai da figura ao figurado:  
 Do Testamento a Arca  
 Cantarei, cantarei aquella barca,  
 Que no Diluvio da original tormenta  
 Entrou no Mundo do naufragio isenta;  
 E a pomba, que o virente  
 Ramo trouxe da Paz a toda a gente.

Cantarei huma Aurora,  
 Não como a que ante o Sol nos vem raiando,  
 Mas outra Precursora,  
 Que á luz do mesmo Sol as luzes dando,  
 As recebo mais bellas  
 Do Creador do Ceo, e das Estrellas:  
 E se o meu fraco espirito lá chega,  
 Neste alto mar de luz, em que navega,  
 Nova Estrella me guia,  
 Que es Tu, es Tu, Santissima MARIA.

Oh!

Oh! Como vivamente  
Na idéa se me está representando  
Que no Ceo (altamente  
O teu Nome Santissimo entoando)  
A Espiritos Divinos  
Repetir ouço os Canticos, e os Hynos;  
E que o mesmo Senhor tres vezes Santo  
De hum amor ineffavel se enche tanto,  
Que, se possivel fora,  
A gloria sua se augmentára agora.

Oh! Como me parece  
Que as Estrellas scintilláo mais brilhantes!  
Que o mar não se enfurece,  
Que estão de nós os Ceos menos distantes!  
Que lá dos horizontes  
A terra inclina os levantados montes!  
Porém que o Reino de ira sempiterna,  
Onde tudo sem ordem se governa,  
Ouvido o nome Santo,  
Levanta horrendo, e inconsolavel pranto.

Que

Que trasbordando fóra  
 Fervem da Estige as denigradas aguas ;  
 Que a chusma gomedora  
 O pezo soffre de dobradas mágoas ;  
 Que os ímpios maldizentes  
 A raiva exprimem no estridor dos dentes ;  
 E as almas novamente atormentadas  
 A' força das cadeas arrastadas ,  
 Sentem tremer absortas  
 Nos duros eixos as Tartareas portas.

Megera espavorida ,  
 Que quer fugir do carcere parece ,  
 E achando-o sem sahida ,  
 Contra os soltos cabellos se enfurece ;  
 Nas ímpias mãos trazendo  
 As viboras mortaes , que está mordendo :  
 Que esse Dragão , que presidencia ímpia  
 Tem da Região , que não conhece o dia ,  
 Da immunda boca sóta  
 Rios de espuma em negro sangue envolta,

Mas

Mas já do infame throno  
Descer o vejo tremulo, e forçado ;  
E qual de grande fono  
Trez vezes cahe no chão desacordado ,  
Incendios vomitando :  
Em tanto a devoção continuando  
A celebrar o Nome de MARIA ,  
O monstro , contumaz na rebeldia ,  
Na cauda quer firmar-se ,  
Porém de balde intenta levantar-se.

Santissima Senhora ,  
Vós , que debaixo dessa invicta planta  
Lhe pizais vencedora  
A venenosa , e tumida garganta  
Por toda a Eternidade ,  
Ponde tão milagrosa suavidade  
No baixo som da minha rouca lyra ,  
Que ser a arpa de David se infira ;  
E em vosso Nome Santo  
Affugente o Demonio com meu canto.

Já ,

Já, Senhora, não quero  
 Aquella, que invoquei, profana Musa;  
 Pois só de vós espero  
 Aquelle ardor; que quem o alcança, e seusa  
 Outro algum poderoso,  
 Quanto mais o do Pindo fabuloso:  
 Canção minha, pública a toda a gente,  
 Que se se entoa algum louvor differente,  
 Para sempre emudeça,  
 Que outro louvor mais Santo se começa.

## II

**C**Om teu formoso rosto  
 Encostado na mão? C'os olhos bellos  
 Cubertos de desgosto,  
 E sobre elles os lucidos cabellos  
 Sem alinho pendentes!  
 Que mágoa he essa, que ó Beliza sentes?

Affim de quando em quando  
 (Da velha, e triste Mãi desamparada)  
 Mudos suspiros dando!  
 Só dos tenros filhinhos rodeada  
 A carpir innocentes!  
 Que mágoa he essa, que ó Belliza sentes?

Aos

Aos membros delicados  
Tirando as forças! E na face linda  
Impressos mil cuidados!  
Dos estranhos deixada; e mais ainda  
Dos indignos parentes!  
Que mágoa he essa, que ó Beliza sentes?

Mas já, formosa Dama,  
Amor, o cego Amor o vai dizendo:  
Teus suspiros derrama,  
De mágoa o Ceo, a terra, o Mundo enchendo;  
Que o mesmo Amor nos deve  
Dizer a causa, já que a culpa teve.

Já ouço d'entre a gente  
Soar hum rumor triste, que levanta:  
Qual geme descontente,  
Qual manea a cabeça, qual se espanta:  
Todos tristes murmurão,  
Todos Beliza acompanhar procurarão.

Que faça hum vil marido  
A huma fraca mulher tão dura guerra!  
Torpe, e descommedido,  
Indigno em fim de que o sustente a terra!  
Infeliz formosura!  
Beliza triste, mais que a noite escura.

Aquel-

Aquelle brando gésto,  
 Aquella compostura, aquella riso  
 Entre contente, e honesto;  
 Retrato do sereno Paraíso:  
 Com tanta semelhança,  
 Que tudo o mais aparta da lembrança.

Já Rusticio te esquece?  
 Já, Beliza, não he como dizias?  
 Já triste não merece  
 Esse grande senhor, que ser querias?  
 Os mimosos infantes  
 Já não são teus filhinhos como d'antes?

Estes são os futuros  
 Descanços tantas vezes promettidos?  
 São estes os seguros  
 Premios de Amor a tanto amor devidos?  
 Era esta a Ventura,  
 Que esperava a innocente formosura?

Qual o simples menino,  
 Que da tenra florzinha se namora,  
 Com géstos de contino,  
 Em quanto lha não dão suspira, e chora;  
 Que depois maltratada  
 Cahir das mãos a deixa desprezada:

Não

Não de outra forte obraste  
Com a triste Beliza, que algum dia,  
Como embebido olhaste,  
E agora a deixas (mas quem tal diria!)  
Nas mãos da vil Pobreza,  
Tão arriscada a fragil natureza?

Em funebre aposento  
Encerrada sem culpa; e para a vida  
Tão amargo sustento;  
Que entre a necessidade aborrecida,  
He só por mãos da Fome,  
Que amassado com lagrimas o come.

Já tivera apartado  
De seus olhos a luz a noite eterna,  
Se por alto cuidado  
De quem só nos sustenta, e nos governa  
Não fora o beneficio  
Sustentador do Angelico Edificio.

Defattento marido,  
Que ás innocentes vidas não reparas;  
O animo abatido  
Da Conforte fiel, das prendas charas;  
Oh nunca farto sejas!  
Dos superfluos manjares, que desejas!

Insolentes Arpias  
 A' meza sobre ti com furia desção,  
 Das mãos as iguarias  
 Levadas pelo ar desappareção,  
 Como já succedeo  
 Com menos causa a Eneas, e a Phineo:

Onde tendes a espada,  
 Celeste Dom, Justiça vingadora?  
 Que na mão levantada  
 Não vinga a pobre, e mísera senhora?  
 Mas ah que o não consente  
 Da piedosa Beliza o rogo ardente!

Se inda mereço tanto,  
 Que tens de mim, ó Ceo, algum cuidado,  
 Pelo continuo pranto  
 Destes tristes meninos sem peccado,  
 Vê, que pedindo estou  
 O perdão para aquelle, que os gerou.

Perdoa ao inimigo,  
 Que tu mesmo me deste por Esposo;  
 Senão serás comigo  
 Da mesma sorte, que elle rigoroso;  
 Pois pela fé que trato,  
 Não deixou de ser meu, por ser-me ingrato.

Ven-

Venturoso Conforte,  
 Que contra perigosa, e longa ausencia  
 Podes seguro, e forte  
 Ver de amor conjugal tanta excellencia,  
 N'uma mulher tão rara,  
 Que Olises por Penelope trocára!

Mulheres descontentes  
 Do cego Amor: Mulheres que casastes,  
 E cegas, e imprudentes,  
 Em lugar de homens, troncos abraçastes,  
 Vinde ver em Beliza  
 Quanto mal, quanta dor vos martyriza.

Chegai desconsoladas  
 A fazer-lhe piedosa companhia;  
 E de pranto banhadas  
 (Em quanto houver no Mundo noite, e dia)  
 Chorai a toda a hora,  
 Com quem de dia, e mais de noite chora.

Vereis como Hymineo  
 De dor apaga a tocha suspirando;  
 A tocha, onde accendeo  
 Seus desejos, Amor, que já quebrando  
 O arco fementido,  
 Põe a mão sobre os olhos, de corrido.

## III

**D**A clara estirpe dos Heroes valentes,  
 Que em memoria das horridas batalhas,  
 Forão deixando nos portaes pendentés,  
 Lanças, escudos, capacetes, malhas,  
     Nem me prezo, nem ando  
 Carunchosos papeis desenrolando;  
     De baixo tronco venho:  
 Humildes ramos por avós só tenho.

Não me gabo de sólidos talentos:  
 Falta-me applicação, engenho, e arte:  
 Não recolho nos cofres avarentos  
 Esses dons, que Fortuna mal reparte:  
     Não são os meus projetos  
 Altas paredes, guarnecidos tetos:  
     Sou pobre, e deste modo:  
 Tenho por minha casa o Mundo todo.

Eu não honro a Nação, nem sirvo o Estado,  
 Que a tanto hum fraco espirito não se atreve:  
 Desses não sou, que o nome tem gravado  
 Nos livros de ouro, onde a Fama escreve:  
     Não me conhece o Mundo:  
 Na escuridão daquelles me confundo,  
     Cujo procedimento  
 Cubrio o negro pó do esquecimento.

Não

Não espero que erguida sepultura  
 O frio corpo meu, honre, e levante,  
 Onde pare assombrado da estrutura,  
 A ler meu nome, o vago caminhante,  
     Nem espero affligir-me,  
 Se a terra me faltar para cubrir-me:  
     Do famoso Carão,  
 Insepultos os ossos inda estão.

Inda vive a memoria dos tyrannos,  
 E ainda, para assombro dos futuros,  
 Vertendo estão o sangue dos humanos  
 De Roma as praças, de Cicilia os muros;  
     E de quantos Varões  
 Inda se ignora a fama das acções.  
     A verdadeira gloria  
 Não he encher Capitulos na Historia.

A gloria de hum mortal não se alimenta  
 De sangue, nem de lagrimas; só brilha,  
 Saiba-se, ou não se saiba, quando intenta  
 Perdoar generoso ao que se humilha:  
     Quando vir levantada  
 Contra a innocencia ameaçadora espada,  
     Interpor se valente,  
 Seja de amigo, seja de parente.

Não

Não ter em menos conta, o que trabalha  
 Co' arregaçado braço todo o dia,  
 Que o fero Capitão, que na batalha,  
 Cego talvez pela ambição porfia:

Estimar a virtude,  
 Onde quer que estiver, no sabio, ou rúde:  
 Ser grato aos beneficios:  
 Amar os homens, reprovar-lhes os vicios.

Cumprir o juramento huma vez dado,  
 Inda que seja ao barbaro Africano:

Ver sobre si com rosto socegado  
 A mão erguida de hum algoz tyrano:

Amar a temperança,  
 Seja na tempestade, ou na bonança:

Aos soltos appetites  
 Tomar o freio, e affinar limites.

Ser sensível ás lagrimas daquelle,  
 De quem talvez Fortuna se não doe:  
 Enternecer-se, suspirar por elle,  
 Que eu não fôrmo de pedra o meu Heroe:

Oh Santas qualidades,  
 Vós sómente he que sois heroicidades,  
 Sois geração do Ceo,  
 Que tão pouco na terra se estendeo!

Vós

Vós sois capazes de fazer ditosa  
 A alma de hum Pastor, e de hum Barqueiro ;  
 Mais livre está do raio, quem vos goza,  
 Do que á sagrada sombra do loureiro :  
     Comvosco ao Ceo voárão,  
 Esses, que de morrer nunca acabárão :  
     Eu vos amo, eu vos figo ;  
 Mas sem vaidade, e sem soberba o digo.

Não estudo palavras, e artificios  
 Do manhoso Sinão, tecendo enganoso ;  
 Quaes elle fez nos dons, e sacrificios,  
 Que introduzio nos miseros Troianos :  
     Não sou lobo esfaimado  
 Com pelle de cordeiro disfarçado :  
     Amo por natureza  
 A doce paz, a bella singeleza.

Respeito o sabio, o virtuoso, o forte,  
 Estimo ao bemfeitor ; por mais que vejo  
 Crescer ao meu vizinho os bens, e a Sorte  
 Sabe, quem sabe tudo, se os invejo :  
     Se posso, ao pobre acudo,  
 Dos primeiros propositos não mudo :  
     No gosto, ou no perigo  
 He a minha metade o meu amigo.

A faude me falta, e não me altero;  
Soffro a murmuração, soffro a violencia,  
Sómente o gosto de morrer espero,  
Abraçado co' a minha paciencia:

Estes são meus thesouros,  
Estes os meus braços, estes os louros,  
Que me adornão a testa;  
Este he o meu nome, a minha estatua he esta.





# ECLOGA

I

*Albano, e Damiana.*

**P**Or entre a nuvem roxa apparecia,  
A destoucada Aurora no Horizonte,  
E já de novo a escassa luz do dia  
Dourava o cume do apartado monte:  
A nevoa da manhã se desfazia,  
Cantava o roxinol, ria-se a fonte,  
Abria a porta o rustico na Aldêa,  
Branquejava na praia ao longe a arêa.

Trazia o Tempo as horas diligente,  
 E os hombros se deixavão ver da terra:  
 Já lá se distinguia claramente  
 Fumegar o casal na inculta ferra:  
 O simples cordeirinho de contente  
 Apôs da chara Mãi, saltando, berra;  
 E antes que o Serrano ao pasto a deite,  
 No manfo aprisco lhe mugia o leite.

Já se escutava da manada a choca  
 Ao longo da campina: De outra banda  
 Alli punha a Serrana a lá na roca,  
 Aqui pastava a cabra a relva branda:  
 Hum guardador além a flauta toca,  
 Quando a beber o gado á fonte manda:  
 Ouvia-se alternada em seus amores  
 A sincera cantiga dos Pastores.

O novo jugo a tarda companhia,  
 Defamparando o rustico agazalho,  
 No calejado collo recebia,  
 Para seguir o pródigo trabalho:  
 O pescador nas praias estendia  
 As redes a enxugar do fresco orvalho:  
 Todos que era chegado o Sol sabião:  
 Huns acordavão; outros já sabião.

Mas

Mas Albano Pastor, què madrugava  
 Ainda mais que o luzeiro matutino,  
 Já sem acordo solitario andava  
 Pelas margens do Téjo crystallino:  
 E como allí sentia, allí chorava  
 A triste sem-razão do seu Destino:  
 Nunca, por mais que via ao Sol o rosto,  
 No seu semblante amanhecia o gosto.

Era elle entre os da Aldêa o mais polido,  
 Pobre Pastor; porém de sangue honrado;  
 E posto que no monte foi nascido,  
 Tinha sido por Mestres educado:  
 Mas tinha-lhe a Fortuna decahido,  
 Contra quem nunca achou seguro estado;  
 E com pobreza hum claro nascimento  
 Não he senão servil abatimento.

Amava Albano; e erão seus cuidados  
 Da ingrata Damiana os vãos favores:  
 Aquella, que entre a plebe dos cajados  
 Foi amorosa guerra dos Pastores:  
 De sempre vivas cores animados  
 Seus olhos, boca, e face, erão melhores  
 Que os da Mãe de Cupido, a quem pudera  
 Emulação fazer, se ella o soubera.

Nas

Nas ribeiras saudosas encoftado  
 Se achava Albano, ao tronco de hum falgueiro,  
 Cujó lugar hum tanto levantado  
 Ficava sendó ás aguas sobranceiro:  
 A face encofta ao curvo do cajado,  
 Olhando pata o Téjo lisongeiro,  
 A cuja vista o féu pezar foi tanto,  
 Que estas palavras misturou com pranto:

O rio venturofo, (principia,  
 Arrancando primeiro hum ai magoado)  
 Que cedo alcangardas nessa porfia  
 Satisfazer o fim do teu cuidado!  
 Triste de quem não acha huma alegria,  
 Por mais que corra em lagrimas banhado;  
 Mas tu, inda correndo, tens focego;  
 Eu nem parado a ter defcanço obego.

Tu corres livre do amoroso encanto;  
 Mas oh! Que eítranho effeito exprimentaras,  
 Se affim como te augmentas do meu pranto,  
 Sentiras o meu mal, que então seccaras!  
 Quanto deveres temer o tempo! Quanto!  
 Que póde perturbar-te as aguas claras,  
 Ou fazer-te tão pobre, que inda a nado  
 Te paffe affouto o meu pequeno gado.

Quan-

Quantas vezes contente já me viste  
 Ao pé deste salgueiro, e desta azenha?  
 E agora de repente me vês triste!  
 Terás mais privilegio, que eu não tenha?  
 O bem de ser alegre não consiste  
 Em que a Ventura haan pouco se detenha:  
 Eu não posso já mais viver gostoso,  
 Mas tu podes deixar de ser ditoso.

Presta-me hum pouco compassivo, e grato  
 Piedoso ouvido a meu cruel lamento;  
 Se he que este mesmo pranto, que desato,  
 Te não apressa mais o movimento;  
 Como succede a essa, a quem relata  
 (Por não querer ouvir) o meu tormento;  
 Essa, a quem tanto imitas na belleza,  
 Quanto ella a ti na propria ligeireza.

Aqui chegava Albano enternecido  
 Sem refrigerio algum, que o seu cuidado  
 Lá dentro n'alma he tanto mais crescido,  
 Quanto agora o suppõe mal empregado:  
 Envolto em fogo fabe qualquot gemido,  
 A's vozes segue o pranto dilatado;  
 Que Amor quiz para próva deste affeto  
 De chamma filho ser, das aguas neto.

Assim passando as horas descontente  
O Pastor descontente a qualquer hora,  
Duvidoso de longe, escuta, e sente  
Os écos doces de huma voz sonora:  
Julgou ser da Pastora facilmente  
O canto Angelical, que nunca o fora;  
E levantando os olhos para o monte,  
Vio que era della, e que baixava á fonte.

Qual Lavrador, que atrás do curvo arado,  
Sucedendo fugir-lhe algum bezerro,  
Para logo o apanhar todo assustado,  
Deixa a lavoura, desampara o ferro,  
Aqui corre, acolá salta hum valado,  
Atalhando o caminho pelo ferro,  
Cuberto de suor, e de poeira  
Continuando vai sempre a carreira:

Tal o Pastor, em quem se verifica  
O quanto póde hum misero cuidado:  
Não lhe lembra a cabana, que cá fica,  
Larga o çurrão, esquece-lhe o cajado:  
E por ir mais depressa, ao valle applica  
Os passos, por caminho não trilhado,  
O gado larga já, nada o socega,  
As passadas amiuda, á fonte chega.

Já se achava a Pastora lá presente,  
 Quando Albano, detrás de hum verde arbusto,  
 Sahindo-lhe ao encontro de repente,  
 Elle com dor não falla, ella com susto:  
 Qualquer dos dous ao Fado, impertinente  
 Accusa neste lance, mais que injusto:  
 Duas imagens ficão do segredo,  
 E junto de hum penedo, outro penedo.

Até que Albano triste começando:  
*Não te affustes; (lhe diz) mas não podendo*  
 Dar mais do q̄ hum suspiro, soluçando  
 Lhe vai o pranto a voz interrompendo:  
 Suspira sem fallar de quando em quando,  
 E de novo outra vez convalecendo,  
 Antes que a voz de todo embargue a morte,  
 Principia chorando desta sorte:

*Não te affustes, cruel, que o teu Albano*  
*Eu ainda sou (dizendo-lhe) a detinha;*  
*Que fora poder mais, que Amor, o engano;*  
*Não ser teu, porque deixes de ser minha;*  
*Entre o misero horror de tanto dano*  
*Inda respira a fé, que a alma suslinha,*  
*Inda fazer não pôde o teu defeito*  
*A mais leve mudança no seu peito.*

*Eu*

Eu sou aquelle, Albano, que algum dia  
 Por ti pizava alegre esta espessura;  
 Pois só com teu favor me parecia,  
 Que tinha que invejar-me inda a Ventura;  
 Mas boje huma mortal melancolia  
 O rosto, o gesto, a voz me desfigura;  
 Alegre aos campos vim desle contorno,  
 E quão mudado agora a elles torno!

Já capellas de louro não pertendo,  
 Nem já cuido no asseio do meu fato,  
 Depois que me deixaste assim vivendo,  
 Dos mais Passiores aborrego o trato:  
 A mim proprio confuso não me entendo,  
 Finalmente ando a modo de insensato,  
 Já se não vê na minha boca o riso,  
 Só me falta perder de todo o fizo.

Já para as cabras não destubro o pasto,  
 Melancolico sempre trago o rosto,  
 Continuamente com meu mal me agasto,  
 Desde que nasce o Sol até que he posto:  
 E deste modo pouco a pouco gasio  
 A vida cá por dentro com desgosto,  
 Consumindo-se em fim, sem que a esperança  
 Do que fui me prometta semelhança.

*Já me deixaste sem razão, Damiana,*  
*Que por mais que discorro pensativo,*  
*Vão-se as horas, os dias, e a semana,*  
*E não posso julgar-te hum só motivo:*  
*Acho-te cada vez mais deshumana;*  
*Na verdade não sei como sou vivo!*  
*Affim passo, affim choro, affim me canço*  
*Sem allivio, sem gosto, e sem descanso.*

*Passão-se dias, que não vejo o gado*  
*Perdido pela rústica montanha;*  
*E vivo á solidão tão costumado,*  
*Que entro na Aldea, como em terra estranha:*  
*Já me não lembra o jogo do cajado,*  
*Na carreira qualquer Pastor me apanha;*  
*E se algum me pergunta a causa disto,*  
*Respondo que não sei; mas he por isto.*

*Já não repito as doces canthilenas,*  
*Com que alegre atéqui passava o anno;*  
*Pois só chorando as mágoas, que me ordenas,*  
*Se escuta na campina o triste Albano:*  
*A franta, com que já fiz mats pequenas*  
*Antigas sem-razões de Amor tyranno,*  
*(Porque hoje allivio nella ao mal não acho)*  
*Na levada a deitei pella agua abaxo.*

Dei-

Deixei nunca, cruel, por teu mandado  
 De atravessar o monte mais estranho?  
 Não levava a beber sempre o teu gado?  
 Não era como teu o meu rebanho?  
 Quantas vezes por ti lá no serrado  
 Larguei da sementeira o pobre amanho?  
 Que cabra leite deo, mel a colmea,  
 Que não fosse levar-to eu mesmo á Aldea?

Até dquella ovelha eu mais queria,  
 Que mais que as outras todas te agradava:  
 Seu pasto era o melhor, porque sabia  
 Que com este serviço te obrigava;  
 E se acaso do monte se perdia,  
 Promptamente ao rebanho ta levava,  
 Desejando mostrar-te de algum modo,  
 Que em ti só tinha o meu cuidado todo.

Acaso no arraial da Freguezia,  
 Onde ao Domingo a festa se executa,  
 Fiquei menos que os outros algum dia  
 Na aposta da carreira, ou na da luta?  
 Não te levava, assim que se colhia,  
 A noz, a amendoa, a maçaroca, a fruta?  
 E quando aqui passavamos a sésia,  
 Não te dava as boninas da floresta?

O primeiro não fui, que entre os Pastores  
 Em ti busquei honesta sociedade?  
 Em pertender constante os teus favores  
 Não consumi a tenra mocidade?  
 Que frios em Janeiro, em Julho ardores  
 Não soffri já no monte, já na herdade?  
 E he cruel que finezas tão sabidas  
 Castigues, como offensas recebidas!

Tu foste nunca ao monte, que eu não fosse?  
 Ao rio, que eu tambem lá não me achasse?  
 Que Faia, por mais alta que ella fosse,  
 Tolheo, que os ninhos para ti roubasse?  
 E que peixe se cria na agua doce,  
 Que eu para ti contente não pescasse?  
 Tudo assim foi, que deixo repetido,  
 Mas oxalá que não tivera fido!

Nunca os olhos da estrada levantava,  
 (Que isto só faz quem lisamente adora)  
 Quando por estes campos encontrava  
 No caminho da fonte outra Pastora:  
 Se aqui alguma vez te não achava,  
 Te esperava saudoso de hora em hora;  
 E só quando chegavas, e eu te via,  
 Graças a Deos! Comigo então dizia.

Ne-

*Negar esta verdade, esta fineza,  
Pastora, em vão teu animo procura;  
Ou dá-me de o fazer qualquer defeza;  
Assim tenhas do que eu melhor Ventura!  
Mereça-te esta vez minha tristeza,  
O que não conseguio a fé mais pura;  
E se a piedade no teu peito cabe,  
Saiba mover-te, já que Amor não sabe.*

*Não quero, não, Pastora rigorosa,  
Estorvoar-te esse affecto, que pertendes;  
Quero só, quando seja tão forçosa,  
Perguntar-te a razão, por que me offendes?  
Por isso mesmo, Albano, (desdenhosa  
Lhe responde a Pastora) mal me entendes:  
Por isso mesmo, que forçosa a vejo,  
Não posso dar-te mais que a do desejo.*

*Se a fera mais cruel, que o monte cria,  
Fallar soubera (Albano continúa)  
A voz talvez, com que se explicaria,  
Menos aspera fora do que a tua:  
Eu morro; e já que morro em fim, queria  
Saber antes que veja a morte crua,  
Em que razão se funda, se assim mata,  
Essa Lei, que te obriga a ser-me ingrata.*

Já com voz, nada menos defabrida,  
 Não teimes, (a Pastora lhe tornava)  
 Que em ser huma mulher agradecida,  
 Nem por isso se obriga a ser escrava:  
 Eu te quiz, mas deixei-te aborrecida;  
 Já pelo Fado assim disposto estava:  
 Não tens que te queixar da variedade,  
 Que amor não he razão, he só vontade.

Eu bem fei, se te deixo, que te aggravo,  
 Porque a fazello sem razão me atrevo;  
 Mas como hei delivrar-te desse aggravo,  
 Se he muito mais o que amo, que o que devo?  
 Vai ser agora de outro amor escravo,  
 Que em conta teus serviços já não levo:  
 Lá tens Alberta, Silvia, lá tens Benta,  
 Todas formosas são, nenhuma izenta.

Bem fei de teu desgosto a larga historia,  
 Já não sinto de orvilla algum desconto:  
 Suppõe que em ti passou de Amor a gloria,  
 Como o faz a mentira em qualquer conto:  
 Não percas a cabana da memoria,  
 Vai teu gado buscar, não sejas tonto;  
 Que pôde acaso, pois cioso vive,  
 Saber Fileno, que contigo estive.

Dei-

*Deixa, que eu goze os frutos do socego  
 Na viçosa esperança de outro agrado:  
 Deixa-me: Vai-te, que em melhor emprego  
 Se occupa novamente o meu cuidado:  
 Esse novo Pastor, em que me emprégo,  
 Tem dévezas tambem, tambem tem gado:  
 Finalmente mais nada te repito,  
 Delle gósto, de ti não necessito.*

Estes écos ouvia deshumanos  
 O Pastor entre novas agonias,  
 Vendo na Primavera de seus annos  
 Tão mal vingado o fruto dos seus dias:  
 Que tarde próva extremos defenganos,  
 Quem se deixou levar de vans porfias!  
 Inda mal, que he tão certo! Oh cega gente!  
 Damiana o sabe, o triste Albano o sente.

Quer fallar-lhe outra vez; porém avante  
 Ir não se atreve; e em lagrimas desfeito,  
 Ficando mudo por hum breve instante,  
 Afflicto as mãos aperta junto ao peito:  
 Como quem sente mágoa penetrante,  
 Que promptamente faz misero effeito,  
 Albano fica, em quanto a angustia calla;  
 Mas rompendo o silencio, assim lhe falla:

*Ab tyranna Pastora! Quem diria  
 Naquelles da affeição doces enganos,  
 Que em hum instante só Amor faria.  
 O trabalho perder de tantos annos!  
 Aquelle olhar affavel de algum dia  
 Onde está, de teus olhos soberanos?  
 Se, tirando-os de mim tão de repente,  
 Com elles vás fazer o chão contente.*

*Quantas vezes chorando me affirmavas,  
 (Se acaso, ingrata, já me não mentias)  
 Que tanto de meus olhos te alentavas,  
 Que sem elles do Sol a luz não vias!  
 Então em mim os teus só recreavas,  
 Hoje, só por não ver-me, os tirarias:  
 Os meus sem luz eslão, pois sendo amantes,  
 Já não achão nos teus o affago d' antes.*

*He esta aquella fé, com que algum dia  
 Passando a calma juntos desia fonte,  
 Mil vezes teu amor me promettia:  
 Ser mais claro que o Sol, firme que o monte?  
 Não juravas então, se eu te não cria,  
 Que ao passar huma vez aquella ponte,  
 Ainda com ella fosses ter ao rio,  
 Se tirvesses na fé qualquer desvio?*

*Ab! Não passes por ella na incerteza  
 De o Ceo tomar de ti justa vingança,  
 Que as pedras deixarão de ter firmeza,  
 Só para castigar buona mudança:  
 A confusão da tua ligeireza  
 Estás vendo na sua segurança;  
 Mas não posso estranhar quanto fizeres,  
 Porque em fim as Pastoras são mulheres.*

*Quantas vezes, subindo aquelle outeiro  
 Contigo pela mão, esta que apertas  
 (Me dizias) penhor mais verdadeiro  
 Será sempre de amor: (Palavras certas)  
 O tronco vendo estou, onde em letreiro  
 Inda lá estão por testemunho abertas:  
 Ou cumpre quanto então me tinhas dito,  
 Ou deixa-me ir riscar tão vil escrito.*

*Esse Pastor, que adoras novamente,  
 (Que sempre causa amor a novidade)  
 Mais firme não será; que o sello a gente,  
 Não provém da maior felicidade:  
 Tu poderás fazello mais contente,  
 Mas não dar-lhe esta minha sa' vontade:  
 De mais, quem o segura nesse estado,  
 Se a mão lhe dás, que já me tinhas dado?*

Bem

Bem sei que tem cabana levantada,  
 E que a minha he pequena, pobre, e escura;  
 Mas olha, que ao cair sempre a pancada  
 Costuma ser á proporção d' altura:  
 Bem sei que traz de bois grande manada;  
 Mas repara, que o bem nem sempre dura,  
 E que, quando á desejo he verdadeiro,  
 Val mais do que hum rebanho hum só cordeiro.

Temé as cruéis disposições do Fado,  
 Que chegão quando menos se imagina:  
 Não te confies de hum risinho agrado,  
 Já que em mim proprio ves essa doutrina:  
 Tomarás nova posse do meu gado,  
 Servir-te hei como d' antes na campina,  
 Farei de amar-te como sempre estudei,  
 A minha alma terás, que he mais que tudo.

Se te deo Natureza bem gesto tendo,  
 Toma conforme a elle hum genio brando:  
 Vê, que não quero, de se andar servendo,  
 Mais premio, que a Ventura do teu mando:  
 A meu mal este alívio permittindo,  
 Com bem pouco te irás desobrigando:  
 Ambos fugidos á afeição nos traga,  
 Tu sem mais detrimento, eu sem mais paga.

*Farei por ti a ultima fineza ,  
 Que tem visto do monte a longa idade :  
 Preciso não será para a firmeza  
 Crear n' alma de novo outra vontade ;  
 Que inda que se me estranbe esta vileza  
 Entre a gente da Aldea , ou da Cidade ,  
 Quero que vejas , que de mim se conta ,  
 Que os olbos fecho em tão notoria affronta .*

*Não me faz a desgraça de ser pobre  
 Soffrer o vil partido que supplico ;  
 Que bem pôde morar huma alma nobre  
 Debaixo da rotura de hum pelico :  
 Quem me faz cego , quem a luz me encobre  
 (Com que vergonha ! Com que dor o explico !)  
 He parecer-me ainda neste engano  
 Tu mais formosa , que o meu mal tyrano .*

*Se tu mesma confessas hoje em dia  
 Ser a minha affeição tão verdadeira ,  
 Não tens para encubrir a tyrannia ,  
 Nem se quer a desculpa da cegueira !  
 Quem tamanha inconstancia julgaria  
 No liso trato de huma fé primeira !  
 Quem , depois de em ti por toda a esperanza ,  
 Havia de suppôr esta mudança !*

*Se*

*Se procuras mudar-te, e desde a infancia  
 O costume de ver-me te amofina,  
 Sómente por seguires a inconstancia,  
 Que sempre o peito feminino domina:  
 Eu tão outro estou já, tanta distancia  
 Do que fui, ao que sou o Ceo destina,  
 Que podes boje, usando de piedade,  
 Manter inda comigo a variedade.*

*Torna a querer-me, torna: Mais pequeno  
 Farás meu mal em tão suave engano;  
 Que, posto que não seja o teu Fileno,  
 Também não sou, no que pareço, Albano:  
 Por amar-te olha a quanto me condeno,  
 Que ouço, e não creio o mesmo desengano.  
 Que mais queres de mim? Tudo está dito:  
 Té acceito em desculpa o teu delito.*

*Sempre chorando, Albano assim fallava,  
 Em tanto que Damiana o pote enchia,  
 Que mais fria, que a fonte lhe escutava  
 As namoradas queixas, que lhe ouvia:  
 Sem responder, no cantaro pegava,  
 Que elle ajudar-lhe a levantar queria;  
 Mas em vão, que a Pastora mui ligeira,  
 Voltando as costas, diz desta maneira:*

Al-

*Albano, não te posso ouvir já agora ;  
 Nem receber de amor a nova offerta :  
 Tens-me detido aqui ha mais de hum hora ,  
 E deixei do casal a porta aberta :  
 Vai servir , já te disse , outra Pastora ,  
 Não he dellas a Aldêa tão deserta :  
 Muito a tempo te aviso. E foi andando ,  
 De quando em quando para trás olhando .*

*Qual a tenra novilha , que , perdida  
 Das brutas companheiras , pela estrada  
 Berrando em cata dellas vai sentida ,  
 Sem atinar co' sitio da malhada :  
 Tal o triste Pastor na despedida :  
 Da Pastora cruel em vão buscada ,  
 O sitio desampara , deixa a fonte ,  
 Outra vez desce ao valle , sobe ao monte .*

*E vendo lá de longe inda a Pastora ,  
 Exclama (sem que os passos lhe detenha :)  
 Desses montes vai ser habitadora ,  
 Terão em ti cruel mais huma penha :  
 Em quanto o Sol luzir , raiar a Aurora ,  
 Eu protesto , que a elles mais não venha ;  
 Que já , quando o meu mal presenciarão ,  
 Mais do que tu , mil vezes se abalixão .*

*E em quanto vago afflicto esta montanha,  
 Em paz te deixo, fíea sem cuidado,  
 Que dor nenhuma sentirei tamanha,  
 A que tu me não tenhas costumado:  
 Pizarei para sempre a terra estranha,  
 Daquelle patrio abrigo desterrado:  
 De mim te esquece, já que alegre passas;  
 Mas temo, por pedir-to, que o não faças.*

*Aparta-te de mim: Vai, que algum dia  
 Fortuna, onde não ha seguro estado,  
 Fará que tambem eu de ti me ria,  
 Pagando-me do tempo que hei chorado:  
 Fará, que inda tu mesma a aleivozia  
 Talvez que snas de me ter deixado;  
 Que o justo Ceo, que as sem-razões distingue,  
 A's mãos te levará de quem me vingue.*

*Já tudo se acabou: Logra, tyrana,  
 O socego feliz da tua Aldeia:  
 Perca eu o agazalho da cabana  
 Na peregrinação de terra alheia:  
 Tudo quanto lá fica na choupana  
 Venha Dezembro, leve embora a cheia,  
 A mingoa morra o gado, e eu ausente  
 Nunca mais veja, e trate humana genea.*

E chegando-se a hum cedro corpulento,  
 Em cujo tronco, quando alli se achava,  
 Gravar, em fé do seu contentamento,  
 O nome de Damiana costumava:  
 Riscando-o, grita, *que não haja intento*  
*Nem hum breve final de que te amava;*  
*Que inda hum tronco, que o tempo não consome,*  
*Inconstante será, tendo o teu nome.*

*E vós, campos, outeiros, rios, gados,*  
*Nunca a Sorte a fatura vos desconte:*  
*Sem mim ficai-vos bema-venturados,*  
*Que eu basto a fazer triste este horizonte;*  
*E se meu pranto ha de affogar os prados,*  
*Meus suspiros fazer seccar o monte,*  
*A Deos! Porque será, como em mim visles,*  
*Deixar-vos menor mal, que ver-vos tristes.*

Disse: e na eterna ausencia que fazia,  
 Tudo perder intença da lembrança,  
 Temendo que pudesse inda algum dia  
 Tornar pelas pégadas da esperança:  
 Com passo incerto, e tremulo fugia  
 Daquella perigosa vizinhança;  
 E pelas ramas de huma mata espessa,  
 Para mais não ser visto, entrou depressa.

Tu

**Te** agora, mortal, que o vil tormento  
**Buscas de Amor**, não queiras como Albano,  
**Chegando-lhe** tão cedo o documento,  
**Guardar para** tão tarde o desengano:  
**Não catives** o nobre entendimento  
**A' paixão** de hum estímulo profano:  
**Fenece Amor**, caduca a formosura,  
**Busca sômente** o bem, que sempre dura.

## E C L O G A II.

*Agrario, Braz, e Anfriso.*

**Q**uasi de todo nos faltava o dia;  
**Mas** inda a noite duvidosa estava,  
**E o vento** já mais brando parecia  
**Que** entre as folhas do bosque repousava:  
     Sobre as praias o mar adormecia:  
**A** scintillar o Ceo principiava;  
**E lá** nos apartados horizontes  
**Se** via apenas terminar os montes.

**Entrava** o passarinho acautelado  
**Pela** confusa balsa, onde se aninha:  
**O Pastor** mansamente leva o gado,  
**Ainda** mastigando a branda hervinha:  
     Já, descansando o luzidio arado,  
**Para** a choupana o Lavrador caminha,  
**E o** vagaroso boi, remoendo o pasto,  
**Leva** o duro pescoço já mais gasto.

Só

Só no meio de hum monte solitario,  
 Abundante de relva os mais dos mezes,  
 Esquecido ficava o triste Agrario,  
 Sem levar ao curral as manhas rezes;

Pastor queixoso de hum Destino vario,  
 Com que Amor o ferio bastantes vezes,  
 E a quem tão fóra já de si trazia,  
 Que vinha a noite, e não lho parecia.

Não achá allivio, que o pezar lhe abraude;  
 E entregue mudamente ao seu desgosto,  
 Assim como quem pensa em caso grande,  
 Ora levanta, e ora abaixa o rosto:

Vai-se-lhe o gado sem Pastor, que o mande,  
 Aos pés cahindo-lhe o curvado encosto;  
 E as mãos, com que tambem a dor explica,  
 Põe debaixo dos braços; e assim fica.

Pela encosta do monte mansamente,  
 Ambos co' a lenha ás costas no cajado,  
 Vinha descendo Braz velho, e prudente,  
 Com Anfriso ainda moço, e namorado:

A este tempo Agrario, que sómente  
 Está em seus pezares elevado,  
 Imaginando que ninguem o ouvia,  
 Com lagrimosa voz assim dizia:

*Pastora desleal, em cujo rosto  
 Quiz animar o Ceo tanta belleza,  
 Para esconder Amor tanto desgosto,*

Sa-

*Sabe que de meus males a grandeza,  
Lá onde quer que estás, farei notoria,  
Porque nem reste a Amor esta fineza.*

*A todos contarei a minha historia;  
Pois já que eu perco o bem da tua vista,  
Não percas tu do meu pezar a gloria:*

*Eu farei que a minha alma lá te assista  
Em fé de meus purissimos amores,  
Por mais que o teu desprezo lhe resista:*

*Ouvir se-hão neste valle os meus clamores,  
Em quanto me durar a vida breve,  
Que tem feita mais curta os teus rigores.*

*Morrer por ti será fineza leve:  
Quem perdendo-te em fim, não perde a vida,  
Ainda a muito mais, e mais se atreve.*

*A tua voluntaria despedida,  
Por mais que Amor me leve a estranhos lares,  
Não poderá já mais ser esquecida.*

*Tal he a sem-razão de me deixares,  
Que inda tornando a ver-te, o que não creio,  
Se não diminuirão meus pezares.*

Té

*Té me parece o gado magro , e feio ;  
E o campo , que contigo florescia ,  
Já me não serve aos olhos de recreio :*

*A fonte , que talvez adormecia  
Ao som da minha flauta , hoje desperta  
Aos ais , que dou em misera agonia :*

*Para o curral o gado não acerta ,  
Dormindo pelos montes : E suspeito ,  
Que tudo de me ver se desconcerta .*

*Inda a mais chegarei por teu respeito ;  
Que Amor não guardará tyranno estado  
(Se acaso o tem peor) para outro peito :*

*Mas se está , em que eu sinta o desagrado  
Da tua condição formosa Aldêa ,  
O ser eu venturoso , ou desgraçado ,*

*Torna a fazer alegre a nossa Aldêa ,  
Huma alma a consolar , de que es senhora ,  
Veja-te antes ingrata , do que alheia :*

*Não tenho de que sejas possuidora  
Outra cousa melhor , que hoje te offrega ;  
Mas não faz pouco quem sem premio adora :*

*E bem que tão divina te conheça,  
Se te não merecer quem mais te estima,  
Aonde irás buscar quem te mereça?*

*Braz.*

Tu não ouves, Anfriso, desta parte  
Huma voz de pessoa magoada?  
Oh como he triste! O coração me parte!  
Para a ouvir, tiremos-nos da estrada.

*Anfriso.*

Vamos, que soa aqui para o teu lado  
A voz piedosa, que ao depois ouviste;  
E de trás desse milho seméado  
Veremos de quem he queixa tão triste.

*Braz.*

Passa tu de vagar para diante,  
E não vamos de rijo conversando,  
Que já não pôde ser muito distante.  
O lugar, donde as vozes vem soando.

Será de algum Pastor a triste queixa,  
Que de Amor, ou Fortuna perseguido  
Aqui talvez a suspirar se deixa?  
Pois a tudo anda o homem offrecido.

*An-*

*Anfriso.*

Lá vejo hum vultro de homem levantado ;  
 Mas já não posso bem ver-lhe o semblante :  
 Sózinho está fallando ; e o seu cuidado  
 Nascer parece de algum caso amante.

E cuido (enganar-me-hei) que pela altura ;  
 Pela voz , e Pastora que nomea ;  
 Quem se queixa de tanta desventura  
 He Agrario , Pastor da nossa Aldèa.

*Braz.*

Agora vejo. O mesmo me parece,  
 Porque depois que Aldèa está distante,  
 Quando se falla nella , se entristece,  
 Sem poder disfarçallo no semblante.

Nisto tem reparado os mais Pastores ;  
 E a mim n'algumas vezes , em que o via ,  
 Nunca me quiz fallar nos seus Amores ,  
 Como quem de eu fabellos se affigia.

*Anfriso.*

Ora pois se te apraz , daqui lhe fallo ,  
 Que he Pastor bem creado , e nosso amigo ;  
 Não fora máo que fosses consolallo ,  
 Anda , apressa-te , Braz , que eu vou contigo.

*Braz.*

*Braz.*

Quem ama cegamente huma Pastora,  
 Bem he que possa compaixão dever-te;  
 E o mesmo caso, que elle sente agora,  
 Ainda mal, que não venha a succeder-te.

Guarda-te o Ceo, Pastor, elle te ajude:  
 Mal sabes quanto sinto essa tristeza:  
 Oh praza a Deos, que o genio se te mude,  
 Se he que pôde mudar-se a Natureza!

Aqui me traz a queixa do teu dano;  
 E considero, vendo-o tão profundo,  
 Que só pôde nascer daquelle engano,  
 Que tantos desgraçados faz no Mundo.

*Agrario.*

Ah meu bom velho, que mal sabes quanto  
 De ver-te me alegrei, e só me peza,  
 Que participes de meus males tanto!

Deixa-me outra vez só; porque a certeza  
 Do mal, que tirei sempre da alegria,  
 Me faz gostar de tudo o que he tristeza:

Foge, fuge da minha companhia,  
 Que servir-te não pôde, senão queres  
 Que te pégue huma tal melancolia.

*An-*

*Anfriso.*

Agratio, aqui me tens tambem contigo,  
 Grande quinhão desse pezar me cabe:  
 Eu tambem tenho amor, sou teu amigo;  
 Quanto sinto teu mal só Deos o sabe.

: Soffrendo estou contínuas crueldades,  
 Mil dias ha tambem de buma Pastora:  
 O Mundo cheio está de falsidades;  
 Feliz quem as não sente, ou as ignora!

Tambem tenho meus dias de tristeza,  
 Nada me alegra, o gado me enfastia;  
 E tudo o que não he fallar a Andreza,  
 Seja o que for, me enfada, e me agonia:

Outras vezes encontro a Braz no monte,  
 Vê-me triste, já sabe o meu cuidado:  
 Mil casos me repete ao pé da fonte,  
 Com que fico algum tanto consolado.

He Pastor, a quem tenho meu respeito,  
 (Não he por elle estar aqui presente)  
 A sua companhia de proveito  
 Tem servido na Aldêa a muira gente.

E como posso eu ser teu conselheiro  
 Aonde Braz está, e o seu bom dito?  
 Pois fei; amigo Agratio, que primeiro  
 (Mais que tu) dos conselhos necessito.

*Agra-*

*Agrario.*

Que allivio me darás, que me conforte,  
 Que na mesma lembrança do que peno  
 O não converta Amor em dor mais forte?

Fazer com que meu mal seja pequeno,  
 He o mesmo, que afflicto em lugar de agua  
 Querer matar a sede com veneno.

*Braz.*

Dá-nos parte do mal, que o Ceo te manda,  
 Tudo a nossa amizade te merece;  
 Que o mal communicado lá se abranda,  
 Porque em fim repartido se padêce.

Não hias tu dizendo o teu tormento  
 Neste lugar deserto aos matos brancos,  
 Que nunca ter puderão sentimento?  
 Pois mereço-te eu menos, que esses troncos?

Eu bem sei que sou rudo, mas sou velho,  
 Não ha maior sciencia do que a idade:  
 A's vezes vai o allivio no conselho:  
 Pouco val o discurso sem verdade:

Faz-se a todos o allivio tão preciso,  
 Que inda ao boi mais forçoso afflige a carga;  
 E a simples ovelhinha sem juizo  
 Deixa ás vezes a herva, que lhe amarga.

De lerdo não tens nada, es avisado,  
 Em fim homem, que basta esta lembrança,  
 E buscas, da razão tão descuidado,  
 Aquillo mesmo, que te afflige, e cança?

Algun dia dirás: (*oh, Deos o mande!*)  
*Bem me dizia Braz, bem me dizia!*  
 Que sempre hum homé, por mais cego que ande,  
 Cahe na razão mais dia, menos dia:

Quem segura affeição no Mundo espera,  
 Experiencia não tem deste trabalho:  
 Buscar fé nas Pastoras de tal era,  
 He querer que dê pinhas hum carvalho.

Tu não viste ha dous dias praticado  
 Isto mesmo em Albano, a quem Damiana  
 Por Fileno deixou, (se estou lembrado)  
 Talvez só porque tem melhor cabana?

Quasi no mesmo tempo o pobre Aleixo  
 Desprezo de Metilde, antes amores,  
 (Hum moço certamente como hum freixo)  
 Por Silverio, a deshonna dos Pastores?

E presumias tu, que era bastante  
 Para ser firme Altêa, o ser Altêa?  
 Por ventura á mulher faz mais constante  
 Ser Getrudes, Lucina, ou Dorothea?

Destes casos ha mil nesta campina;  
 (Que tristes premios os que Amor concede!)  
 E quando te faltasse esta doutrina,  
 Bastava o que a ti mesmo te succede.

*Agrario.*

Nisto tenho ha mil dias assentado;  
 Mas não tiro do meu conhecimento  
 Mais, que outra vez ficar no mesmo estado;

Porém, que queres tu, se o pensamento,  
 Por mais que n' outras cousas se mistura,  
 Lá vai sempre encontrar co' seu tormento?

Em quanto a Primavera der verdura,  
 O fogo der calor, o ar for leve,  
 Me ha de lembrar de Altêa a formosura:

Inda por menos clara aquella neve,  
 Que nas frias manhans cobre a campina,  
 Comparar-se com ella se não deve:

Da vermelha papoula a côr mais fina,  
 Como angelicamente misturada,  
 Vive naquella face crystallina.

De tanta formosura, e graça ornada,  
 Que foi sempre por toda a vizinhança  
 Das mais lindas Pastoras invejada:

Cá d' alma finalmente esta lembrança  
 Tirar-se-me não pôde: Nem já agora  
 Esquecer-me tão aspera mudança:

O que mais me atormenta a todá a hora  
 São aquellas promessas, que fazia  
 Aqui mesmo: Oxalá que assim não fora!

Tão amantes palavras me dizia,  
 Pondo os olhos em mim de agua arrazados,  
 Que ao mais experimentado enganaria.

Húma tarde me lembra, que abrigados  
 Do Sol, que dava então grande quentura,  
 A' sombra desles alamos copados:

Depois de me eu queixar da mal segura  
 Afeição deste Mundo, em que não cria,  
 Me disse então, fazendo-me esta jura:

*Mais*

*Mais constante, que a mesma penedia  
Serei, Agrario meu, por mais que faça  
Qualquer outra mudança cada dia:*

*Eu perca a sementeira da linhaça,  
O gado a vida, tudo me aconteça,  
Antes que outro Pastor me caia em graça;*

*E para que mais credito mereça  
Tanta fé, tanto amor, tanta verdade,  
Em lagrimas meu rosto to encareça;*

*E cheia de honestissima piedade,  
Qual a saudosa, e fresca madrugada  
Banha o peito, onde esconde a falsidade;*

*Tanto estimei aquella fé jurada,  
Que se cumpridas taes palavras visse,  
Que mais do Mundo quereria? Nada.*

*Causa não teve em fim para deixar-me,  
E ver que lha não dei, nem levemente,  
He a que Amor me dá para queixar-me.*

*Antes fora huma historia, impertinente,  
Pastores meus, se agora repetisse  
Finezas, que por ella obrei contente;*

Que

Que com o rio a ponte se cubrisse:  
Que com a cheia o campo se alagasse,  
Hum dia não passava, que a não visse;

E por mais que Pastoras encontrasse  
Sem que alli visse a minha Altêa bella,  
Má hora que este corpo se alegrasse.

A alegria era tal sômente em vella,  
Que ainda quando ao longe apparecia,  
Já de cá me hia rindo para ella:

Humas vezes cantando a divertia  
Nos versos, que compunha aos meus amores  
Com muita mais verdade, que harmonia:

Outras vezes, mais livre de temores,  
Quando lá pelo prado se sentava,  
O regaço lhe enchia de mil flores:

Então a mais bonita lhe pregava  
Na casa do jubão, e cuidadoso  
De brancos malmequeres a toucava:

Seguro-te, men Braz, que tão gostoso  
N'um puro agrado hum peito se interessa,  
Que me julgava ser o mais diroso;

Po-

Porém faltou ás juras tão depressa,  
 Que creio, (e não me engano) que em Pastoras  
 Dura mais huma flor, que huma promessa.

Nestas considerações consumo as horas,  
 Atravesso no dia mil caminhos,  
 Cuidando que assim acho á dor melhoras.

Qual ave, que roubando-lhe os filhinhos  
 As ociosas mãos da pouca idade,  
 Anda como queixando-se aos raminhos:

Vai-se outra vez ao ninho com saudade,  
 Vê revolvido o feno, e torna fóra,  
 Como quem não dá credito á verdade:

Assim me traz o amor desta Pastora,  
 A mim, e ainda a todos parecendo,  
 Que nunca chegaria a ser traidora.

Estes são os motivos, porque entendo  
 Que remedio o meu mal nunca teria,  
 Inda que fosse seculos vivendo;

Mas aí, que já de longe parecia  
 Que o coração presago verdadeiro  
 Tão grande desventura me dizia!

Ai,

Ai, Pastores, que affirm que o meu rafeiro  
 (Sendo a fazer-me festa costumado  
 Com maior manifestação, que a de hum cordeiro)

Ví que huma vez sahindo de entre o gado,  
 Ladrando me avançou tão fortemente,  
 Como se eu fora o lobo attraçoado;

E inda neste estado claramente,  
 Que ao tempo me servira de defeza,  
 Vereis as moíças do raivoso dente:

Sobre mim cahio logo tal tristeza,  
 Tal desgosto da vida, tal receio  
 De algum futuro caso de estranheza,

Que mil vezes confuso neste enleio,  
 Valha-me Deus! Queixando-me, dizia:  
 Que Sorte escura, que successo feio.

Terá de acontecer-me qualquer dia?  
 Mas cumpra-se o Decreto da Ventura;  
 Que não pôde durar sempre a alegria:

Caia a choupana; affogue a sementeira  
 Arrebarada cheia; e o meu rebanho  
 Caia morto de renha na escurura,

Emal logrando o tempo o pobre amanho,  
 (Que assim não pouco a Sorte me castiga)  
 Va mendigar sustento a monte estranho:

As cabras pastem só aspera ortiga;  
 E quando me destrua o trigo a cheia,  
 Nação abrolhos no lugar da espiga.

Não veja para sempre a Patria Aldêa,  
 Farte-se o meu Destino; mas com tanto,  
 Que se não mude nunca a minha Altêa,

Cumprio-se finalmente este quebranto,  
 Nem podia nascer daquelle agouro  
 Menor desgraça, mais pequeno espanto.

Que mais podia ser que o meu desdouro?  
 Nem sei, bebendo tão mortaes venenos,  
 Como não tenho dado já hum estouro!

Dos outros males, como são pequenos,  
 Nenhum me aconteceu; porque a Ventura  
 Vio que todo esse mais ainda era menos:

Mas em que estou detendo a conjectura?  
 Desenganado estou de que algum dia  
 Veja sereno o rosto da Ventura,

Nem

Nem tem remedio já minha agonia;  
 Que aonde se perdeu huma esperança,  
 Ninguem lá vá buscar huma alegria.

Aconselha-me em vão, em vão se cança  
 Quem busca consolar-me, se pertende  
 Riscar-me tanta mágoa da lembrança,  
 Que o segredo de Amor ninguem o entende.

*Braz.*

Ai, Agrario infeliz! Melhor me fora  
 Não ter dos males teus tambem sabido;  
 Pois de ouvir qualquer delles, inda agora  
 Sinto cá dentro o coração partido:

Que desmanchos não faz hum moço louco?  
 E depois quantas vezes os despreza?  
 Eu tambem fui rapaz, ria o meu pouco,  
 E soube o que era Amor, (do que me peza.)

Hoje desses trabalhos já não sinto,  
 Buscando á vida, algum honrado esteio:  
 Só me affusta, que o anno vá faminto;  
 Que morra o gado, que não dê senteio:

Alegre passo os dias de bonança  
 Debaixo de algum alamo sombrio:  
 Ao pé de mim se deita a ovelha mania,  
 Ouço as aves cantar, correr o rio:

Qu-

Outros só faço, porque o Sol me aquece :  
 Gastando alguns em concertar o arado ;  
 E se me affijo ás vezes, he sómente  
 De não ver-me ha mais tempo neste estado : .

Pois ir gastando os annos defatento  
 Em negregado Amor, que n'um só dia  
 Troca em longos espaços de tormento  
 O mais pequeno instante de alegria ,

He cousa tão pezada , em que me fundo  
 Para temer ; que a todos aconteça ,  
 Que não haverá homem neste Mundo ,  
 Que inda que amores sinta , o não conheça.

Não são fabulas não , não são enganosa  
 Estas , que julgarêis impertinencias ,  
 Puras verdades são , com que os meus annos  
 Encheo , Amor , de longas experiencias.

Qual sem ver huma grande ribanceira ,  
 Correndo para ella descuidado ,  
 Outro dalem lhe brada na carreira ,  
 Dizendo-lhe , que vai precipitado ;

Assim eu , que te vejo em tal loucura  
 Caminhar cego apôs o teu perigo ,  
 Te aviso da maldita desventura ,  
 Que Amor em seus effeitos traz consigo.

Va-

Vamos todos, Agrario, para a Aldêa,  
 Tem dó do pobre gado, que anda estranho,  
 Pois das offensas, que te fez Altêa,  
 Em nada foi culpado o teu rebanho.

E eu, que já no andar sou vagaroso,  
 Por esta encosta hei fahir á estrada,  
 Que o monte he por aqui menos fragoso:  
 (Ah velhice cruel, vida cansada!)

*Anfriso.*

Queira Deos que estas horas lá na ferra  
 Não tenhas os cabritos dizimados;  
 Pois anda cheia toda a nossa terra  
 De zorras, e de lobos esfaimados.

Os roupeiros se queixão geralmente  
 Das cabeças, que faltão na manadá;  
 E de que os Mairoaes injustamente  
 Lhes descontem las rezes na soldada.

Mas eu de boamente arriscaria  
 As melhores, que traz o meu rebanho,  
 Se a troco deste mal (que hum bem seria)  
 Te pudera livrar de mal tamanho.

Não digo, que não ames, só te digo,  
 Que não fejas no amor desesperado:  
 Se he acaso, vencello; e se he castigo,  
 Deve hum homem sentillo conformado.

Braz por contra da sua muita idade  
 Custa-lhe andar de noite por máo passo:  
 Em mim não fallo já, que a mocidade  
 Para tudo me dá desembaraço:

Elle já vai descendo; vamos ora,  
 Esperará o que chegar primeiro:  
 Já não permitta a noite haver demora:  
 Toma o cajado, chama o teu rafeiro.

*Agrario.*

Não valem para mim razões estranhas,  
 Que eu de todo a morrer estou disposto  
 Na muda solidão destas montanhas:

Trago o animo em fim já descomposto;  
 Quem não tem mais alivio, que o tormento,  
 Não quer mais companheiro, que o desgosto.

Deixa-me, amigo, só, muda de intento:  
 Peço-te por aquella afeição nossa.  
 Que nem mais eu te venha ao pensamento.

Cá te fica , o curral , os bois , a choça ,  
Colmeias , olival , rebanho , e vinha  
Mais não possuo , que offrecer-te possa.

Cousa não tenho já , que seja minha ,  
Depois que me deixou essa Pastora ,  
Pois com ella perdi tudo o que tinha :

Perdi as esperanças da melhora ,  
Só resta vir a morte , e ao que supporto ,  
Não poderei viver muito já agora :

Até falta ao espirito o conforto ;  
E estou do fim da vida já tão perto ,  
Que não sei se vos fallo vivo , ou morto ;

Porém se algum de vós neste deserto  
Meu corpo achar defamparado , e frio ,  
Não o deixeis ao menos descuberto.

E junto do cipreste mais sombrio ,  
Que nas margens do Têjo se levante ,  
Hum sepulcro lhe abri tosco , mas pio :

De azares o cercai no mesmo instante ;  
E alli no tronco funebre gravado  
Este aviso , dissei ao caminhante :

Tu

*Tu, que segues de Amor o errado mando,  
Depois que a minha historia for sabida,  
Vê, que premios te vai aparelhando;*

*E se vires Altea desabrida,  
Informa-a de tamanha desventura:  
Que em fim perdeo por ella Agrario a vida,  
Por final que lhe viste a sepultura.*

## E C L O G A III.

Galathea.

**H**AVIA largo tempo, que escondêra  
A luz o Sol debaixo do horizonte,  
Por quem a desejosa gente espera:

Quieto o valle, solitario o monte,  
O resonar do bosque se mistura  
C'ò grave som da despenhada fonte:

Mas tão escassamente alli murmura:  
De hum preguiçoso vento maneado,  
Que inda faz mais saudosa a noite escura:

E c'ò pezo das nuvens carregado  
Por toda a parte o Ceo se nos mostrava  
De hum vapor lento humedecendo o prado:

En-

Entre quieta, e triste a noite estava,  
 O mar nos vãos rochedos não batia,  
 A' parte esquerda ao longe fuzilava:

Humas vezes a Lua apparecia,  
 Os macilentos raios espalhando,  
 E outras tantas a nevoa os encubria:

Ouvia-se depois, de quando em quando,  
 O passaro nocturno, a voz sentida  
 Pela deserta praia alevantando.

Então lá junto de huma rocha erguida,  
 Sobre as margens do Téjo debruçada,  
 De sempre verdes musgos guarnecida,

Aonde o rio forma huma quebrada,  
 Para entrar pela fenda de hum couteiro  
 N'uma quieta, e placida enceada,

Ao verde pé de hum humido salgueiro  
 O pescador Marino havia atado,  
 Como tem de costume, o seu saveiro;

E sobre a fraca borda recostado,  
 Deitando a vista ao longo da corrente,  
 Do seu amor sómente acompanhado,

Da ingrata Ninfa, que adorava ausente  
 (Que tarde hum grande amor se defengana)  
 Desta arte se queixava tristemente.

Galathea gentil, e deshumana,  
 Não cuides por fazer-te o Ceo formosa,  
 Que ha de Amor desculpar-te o ser tyrana.

Póde ser, que a belleza rigorosa  
 Dê causa tanta vez a que se diga,  
 Que não ha formosura venturosa.

A ser-me ingrata, ó Ninfa, quem te obriga?  
 A natureza não, a razão menos:  
 Olha que nada tanto o Ceo castiga.

Senão me aborrecesses, Ninfa, ao menos  
 Tal sou eu, que isto só me bastaria.  
 A fazer meus pezares mais pequenos.

Quem destes olhos tristes te desvia?  
 Que não vens com teus olhos tão formosos  
 Anticipar nos meus a luz do dia?

Senão podem por meus ser venturosos,  
 Ah Galathea, movão-te a piedade;  
 Já não digo por meus, mas por chorosos.

Tu sabes melhor que eu tanta verdade,  
Capaz de commover alma ferina,  
Quanto mais huma Angelica vontade,

Pois lá no fundo d' agua crystallina,  
Onde banhas teu corpo delicado,  
Quando já do mais alto o Sol declina;

Já terás o sabor experimentado  
Do meu amargo pranto, que tem feito  
Mudar-se o doce Téjo em mar salgado.

Em mar o Téjo, sem que satisfeito  
Me sinta de chorar; e não entendo  
Como inda tenho lagrimas no peito;

Pois quando vai o preamar descendo,  
Se acaso com mais força o pranto solto,  
Torna a vir claramente a agua enchendo.

Com meus suspiros cresce o vento solto,  
E logo as mansas ondas encrespando,  
Deixão por muito tempo o mar revolto:

Tudo finaes de compaixão vai dando,  
A tudo vou mudando a Natureza,  
E só não sei tornar teu genio brando.

Se em ti fizera mósta a vã riqueza,  
 O que eu de ti não creio, julgaria  
 Que desprezavas minha vil pobreza.

Aqui por te abrandar trabalharia  
 Mais que todos os outros pescadores,  
 Para os vencer em grossa pescaria.

Não são elles do que eu mais soffredores  
 Dos trabalhos maritimos, nem são  
 Mais affoutos, e déstros nadadores.

Ver-me-hias arrisear a vida então,  
 Não com mais gosto do que agora o faço,  
 Bem que perdendo-a vou sem galardão;

Mas, porque em teu serviço dêsse hum passo  
 Com satisfação tua, e não desgosto,  
 Como agora succede a quanto passo:

E se forem no estado, em que estou posto,  
 Os meus pequenos ganhos tão ditosos,  
 Que venhão a ser inda do teu gosto,

Aqui ha mil peixinhos saborosos,  
 Velloz-has contra a veia da agua clara  
 Ir forçando a corrente bolicosos:

E para sustentar a vida chara,  
 Verás como engodados cahir vão  
 No torto anzol, que a morte lhes prepara:

Bem como tu, tyrana, que á traição  
 A vez primeira os olhos me puzeste,  
 Para morrer por elles desde então.

Aqui verás aonde, como investe  
 O meu batel nas praias encalhando,  
 Quando o tempo correr do Sul agreste:

Não só diverte o rio socegado,  
 Lá recreia também, quando se lança  
 Por cima destas pedras levantado;

Mas se o vires, despida da esquivança,  
 Que usas comigo, então socegará,  
 Pois tantas vezes, vendo-te, se amança:

E bem que o gordo xerne aqui não ha,  
 Nem morre o salmonete tão mimoso,  
 Nem o raiado polvo aqui se dá,

Ha o folho innocente, e proveitoso,  
 A pintada, e feixatile lampreia,  
 A fresca boga, o savel saboroso;

**E** se mais o marisco te recreia,  
Irei (se for preciso) á Foz do Téjo,  
Sem me escapar a mais remota areia.

**Depois** te contarei, como forcejo  
Por tirar d' entre os humidos penedos  
A liza amejoa, o tardo caranguejo:

**Dos** negros caramujos, que estão quedos,  
Nenhum me escapará, inda que traga  
: Calejados de novo estes meus dedos.

**Porém** que importa? O corpo então se estraga  
Tambem por gosto meu, se por teu gosto  
Nelle anda feita a alma em viva chaga:

**Que** assim trouxera este animo composto,  
Se em premio destes dons, só ver pudera  
Huns longes de piedade no teu rosto!

**Como** contente a par de ti vivêra!  
Como em teus olhos estes meus detidos,  
Todo elevado em ti sempre estivera!

**Em** dar-te gosto só pondo os sentidos,  
Para ti nestas praias arenosas  
Fora colhendo os buzios retorcidos:

E as conchinhas coradas, e lustrosas,  
 Que estão inda orvalhadas, imitando  
 Desse teu alvo rosto as freixas rosas.

Hontem vi sobre as ondas vi boiando  
 Hum ramo de boninas amarellas,  
 A tomallo de pressa fui nadando:

Reccio que se murchem, vem por ellas,  
 Prezas em verde juncos enfeitarão  
 De teu fino cabello as tranças bellas;

Se aqui as conchas perolas não dão,  
 As florezinhas, que estas margens tem,  
 Postas em tí maior valor terão,

Luz dos meus olhos, não me tardes, vem,  
 Vem, que meus olhos tristes, e cançados  
 Em te não vendo a ti, mais nada vem.

Mas a quem vou dizendo os meus cuidados?  
 Como de balde o suspirar não deixo,  
 Se ha suspiros tão mal affortunados.

A quem me estou queixando, em vão me queixo?  
 Não tem humano coração, só tem  
 Por coração algum gelado seixo.

Que

Que Satyro salvagem te deçem?  
Ah Galathea! Sem razão, que logo  
A soccorrer-me o teu amor não vem.

Fere-se a dura pedra, e lança fogo,  
E tu de tão contraria natureza,  
Que esfrias mais com meu ardente rogo!

Efeito de tão rigida crueza  
Não pôde humana causa produzillo,  
Não tens de humana mais que a gentileza.

Se ha crocodilos no famoso Nilo,  
Em ti tambem, ó Ninfa, ingrata, e dura  
Creou o nosso Téjo hum crocodilo.

Não sei se meu amor já se murmura  
Entre os patrios, e estranhos pescadores,  
Que sabem desta minha desventura.

Serei talvez dos ledos amadores  
Aponrados c'o dedo brevemente,  
Quando passar chorando os teus rigores?

Zombará de meus males toda a gente,  
Tomará nova força o meu Destino,  
Se para mim ha mal, que inda se invente.

Mas

Mas teme, ingrata, teme o Ceo Divino,  
 Antigo vingador do Mundo errado,  
 Que de lá vendo está meu mal contino,

Teme o poder dos Deoses indignado,  
 Que a fôrma a tantas Ninfas perverteo,  
 Com menos causa que a que tu lhe has dado,

Como em Ida a Lethea aconteceo;  
 Que o bello corpo em pedra convertido,  
 Nunca mais os mimosos pés moveo,

Deixo de repetir o parecido  
 Exemplo de outras Ninfas sem Ventura,  
 Que de ti, alta Ninfa, he bem sabido.

Mas que fizera nisto a desventura?  
 Póde ser que mais branda te fizera,  
 Se agora es mais do que esta rôcha dura,

E quando assim acaso succedêra,  
 Tal he o meu amor brando, e piedoso,  
 Que ver-se tão vingado não quizera,

Primeiro neste rio e furioso  
 Vento, dando na véla de pancada,  
 Quando eu for navegando mais gostoso,

Se deite sobre as ondas, e alagada  
 Co' meu pobre batel, então se veja  
 A aguda quilha para o Ceo virada.

Que a Fortuna, que agora te fobeja,  
 Te dê por algum meio não cuidado  
 Qualquer mal, por pequeno que elle seja;

Pois não sou eu tão pouco arrazoado,  
 Que emendar queira hum erro da Ventura  
 Com Amor, que já mais anda acertado:

Defenganou-me a minha desventura:  
 Como de mim não fugirás esquiva,  
 Se em fim sou eu, sou eu quem te procura?

Mata-me embora, ó Ninfa fugitiva,  
 Que aqui meus tristes olhos feito fonte,  
 Por ti choraráo sempre, em quanto eu viva.

Calou-se o pescador, ergueo a fronte  
 A ver o Sol, que vinha já raiando  
 Por entre as pardas nuvens do horizonte:

Ficou por muito tempo a voz soando;  
 E o Téjo, que a ouviu, de enternecido  
 Abaixou a cabeça, e suspirando  
 Chegou hum pouco ao mar desfalecido.



# EPISTOLAS.

## I.

**P** Rezado Josefino,  
Entre os Pastores o Pastor mais dino,  
De quem estou por meu injusto Fado  
Ainda mais faudoso, que apartado.  
Depois que aquella ausencia,  
Contra quem foi de balde a resistencia,  
Por força em mim pegou,  
E tão longe de vós cá me deitou,  
Deveis-me, bom Pastor, hum tal cuidado,  
Que dera por vos ver, cabana, e gado;  
Mas bem pouco faria,  
Que vale mais a vossa companhia.

Sem

Sem ella descontente

Não ha Sol, que me aquece ;  
 E se talvez Limano por piedade  
 Me aconselha que busque a sociedade,  
 Sem saber o que faço,  
 Cahido o rosto, vagaroso o passo,  
 Em vós só contemplando,  
 Com elle caminhando  
 Para as conversações de outros Pastores,  
 Lembra-me então que as vossas são melhores.

Qual o touro matreiro,  
 Que no alcance do incauto passageiro,  
 Quando faz que o não segue, mais vizinho  
 Ao encontro lhe sahe n' outro caminho ;  
 Assim a minha pena,  
 Quando cuido que está já mais pequena,  
 He porque vai buscando  
 Novos caminhos de me andar matando.

Sem voz a minha doce sanfonina  
 Tempero hum dia inteiro, e não se affina:  
 A flauta lisonjeira,  
 Que em fim depois da vossa era a primeira,  
 Já muda está de todo, e desprezada,  
 De pó cuberta, ha mezes pendurada:  
 Se por successo a vejo,  
 Alembro-me a vossa o meu desejo,  
 Não sei como a não quebro de saudade:  
 Vede o que faz a vossa suavidade.

Tra-

Trago logo á memoria quantas vezes,  
As minhas próprias rezes,  
Ouvindo o voffo canto,  
Se desquidavão tanto,  
Que as cabeças artonitas erguendo,  
Deixavão de ir comendo;  
E se inda alguma a relva mastigava,  
Como preza entre os dentes lhe ficava.

Mansos os passarinhos,  
Deixando a leve habitação dos ninhos,  
Vos andavão cercando,  
Lições de vós tomando.

Quantas vezes o Téjo  
Deitou por fóra as aguas, com desejo  
De poder de mais perto  
Ouvir da vossa musica o concerto!

Vede, Pastor, agora  
Se a vossa voz sonora  
Aves, gados, e rios punha em calma,  
Que faria ás potencias da minha alma?

Oh quanto devo á vossa companhia!  
 Comvosco divertia  
 Os meus justos pezares;  
 Vós sabieis os meus particulares,  
 Que de ninguém fiava;  
 Pois só em vós achava,  
 Como se fosseis hum Pastor mais velho,  
 O experto aviso, o provido conselho.

Vós me daveis quinhão na vossa terra,  
 Sem que houvesse entre nós huma só guerra;  
 E quantas vezes com igual farrura,  
 Sendo vossa tambem a sementeira,  
 Participei do fruto, e do agazalho,  
 Que deo vosso trabalho?

Não sou daquella gente, em cujo vicio  
 Só lembra, em quanto dura o beneficio:  
 Daquella gente da razão alhêa,  
 De que ha tanta (inda mal!) na nossa Aldêa.

Quem me queria achar toda a semana,  
 Hia á vossa cabana:  
 Nella vivia mais do que na minha,  
 Aonde me detinha  
 Mil horas, sem saber que erão passadas,  
 Que só comvosco me não são pezadas.

Que

Que proveitosos contos,  
De exemplo alli tão prontos,  
Trazieis na memoria  
Para qualquer historia,  
Para qualquer conflito,  
Dando logo a razão do vosso dito!

Tudo me está lembrando a toda a hora,  
Como se fosse agora:  
Nestas considerações pondo o sentido,  
Ando como perdido.

Queixo-me aos troncos, que sentir não podê;  
E torno-me a queixar, pois não me acodem:  
Não ha montes, ribeiras, não ha prados,  
Que não tenham ouvido os meus cuidados.

Dizendo assim meus males,  
Mais compridos ainda que estes valles,  
Dou comigo no outeiro,  
Que fica mais fronteiro  
Da vossa vizinhança,  
Fixando nelle os olhos, e a esperança  
De inda tornar a ver-vos.  
Ah! Que não fei dizer-vos,  
Como fico tristonho!  
E mais quando supponho,  
Que esquecido talvez do affecto nosso  
Vivais, bom Josefino, e que não posso,  
Só para que melhor lá vos assista,  
Levar o corpo aonde mando a vista.

Dal-

Dalli desappareço,  
 E de novo começo  
 A lembrar-me de vós, passando os dias  
 Nestas, e semelhantes agonias.  
 E como o meu cuidado  
 Vive sômente destas occupado,  
 Não posso de mim dar-vos  
 Noticias, que não fação magoar-vos.

De huma duzia de ovelhas, que me derão;  
 Não sei se tenho tres, as mais morrerão.

Dous dias ha, que em busca  
 Da minha vaca fusca  
 Por todos estes montes ando á toa,  
 Sem ter della noticia má, nem boa.

O branco bezerrinho  
 Também levou caminho.

De mim julgo que foge a outra gente:  
 Quanto vejo presente  
 Observo tão mudado, e por taes modos,  
 Que creio que peguei meu mal a todos.

Assim neste sombrio  
 Monte, deserto, aspero, e bravio,  
 Vendo sempre despídos arvoredos,  
 Debruçados penedos,  
 Sem ter quem me console,  
 Vivo só entre gente estranha, e mole;  
 Entre quatro Pastores todo o anno,  
 (Ah desgraçado Albano!)  
 Sem saberem fallar mais que no arado,  
 Na tosquia do gado;  
 (Olhai que lições tómo)  
 E nisto sabe Deos ainda o como.

Pois se acaso se trata outra materia  
 Mais polida, mais séria,  
 Dizem que he cousa feia  
 Metter a fouce na feara alheia.

Cuidão sómente em ferrolhar o milho,  
 Se lhes foge hum novillo,  
 Não berra em busca delle a vaca tanto  
 Pelos outeiros, quanto  
 Hum destes se amofina, agasta, e anda;  
 E em fim, quando Deos quer que as cousas manda,  
 (O que elle não permitta) engrossar a cheia,  
 Affoga-lhe o rebanho, e alaga a Aldeia.

Eis-aqui como o Mundo se governa;  
 E em confusão eterna,  
 Como desde que he Mundo se costuma,  
 Sem esperança de melhora alguma:  
 Elle dá qualquer gosto  
 A troco de mil dias de desgosto:  
 Que vezes no que vejo,  
 E no que vou pintando no desejo,  
 Me succede inda agora?  
 O que provera a Deos que assim não fora!

Que foi aquelle meu contentamento  
 Nas vésperas do nosso apartamento,  
 Senão certo presagio  
 De ter eu que passar este naufragio?

Eu mesmo em mim sentia,  
 Inda na maior força da alegria,  
 Ser ella na verdade  
 Como contra vontade:  
 Que anda já mui de longe a Sorte escura,  
 Tomando sempre o rosto da Ventura,  
 Para que a não conheça,  
 Quando para enganar-me me appareça,  
 Trazendo, como vistes,  
 Nos alegres sinaes agouros tristes.

O mais supponde-o vós: Não sei dizello,  
 Que asás não faço pouco em padecello;  
 Pois se a historia, que n' alma anda gravada,  
 Pudesse ser fiada  
 De palavras, talvez que por comprida,  
 Só em contalla, consumisse a vida.

Passai, amigo, a vossa  
 Com delcanços na choça,  
 Com proveitos na lavra,  
 Sem que se vos tresmalhe huma só cabra;  
 E se no monte andarem,  
 No tempo que pastarem,  
 Em vez de agudo cardo que as moleste,  
 Encontrem branda relva, que lhes preste.

Primeiro do que aos mais o trigo cresça,  
 A fruta amadureça,  
 Na vossa terra farta, e abundante,  
 E o Pastor lá da serra mais distante  
 A Sorte vos inveje;  
 Mas sem faltar a elle, a vós sobeje.

E tanto da Ventura  
 Sejais a mais valida creatura,  
 Que nesses campos mora,  
 Que assim como anda agora  
 Bulcando para mim novos tormentos,  
 Invente para vós contentamentos.

Ei-

Finalmente abastado  
 Vivei, Pastor honrado,  
 Desses grandes haveres,  
 Que dá Pomona, e multiplica Ceres;  
 Que eu outros não procuro,  
 Mais que viver seguro  
 Lá na vossa lembrança:  
 Dai-me esta segurança;  
 E de sorte nenhuma  
 Faça em vós a distancia o que costuma.

Nem receeis que possa em outra idade  
 Esquecer-me de vós; porque a amizade  
 Dispoz em meu affecto verdadeiro  
 Mais forçosas raizes que hum fobreiro.

Passai alegres dias  
 Nas doces companhias  
 Dessas gentis Pastoras:  
 Vós já sabeis as horas,  
 A que ellas vão ao rio, ou vão á festa:  
 De tarde na floresta,  
 Com ellas de mãos dadas,  
 Nas danças engrapadas  
 Ireis de Amor cantando;  
 Mas vede, amigo, não venhais chorando,  
 Que dellas só são lagrimas o fruto,  
 De que inda trago o rosto mal enxuto.

Mas vosso bom discurso nada ignora :  
Diverti-vos embora ;  
E lá do grande Menalo vizinho  
Achareis de caminho  
A comunicação dos seus cultores ,  
Que com tantos suores  
As terras fabricando ,  
Uteis , e novos troncos enxertando ,  
Mostrão a preguiçosos descuidados  
Mil faldosos frutos fazonados.

Ouvi-os lá cantar com voz mais alta ,  
E não vos fará falta ,  
Por triste , e por pequena ,  
A baixa voz de minha rude avena.

E agora , que de todo enrouquecida  
Deita a respiração desfalecida  
Da frouxa voz cansada ,  
(Porque já começou destemperada)  
Permitti-me que hum pouco descansando ,  
Nova força tomando  
Vá , para dar-vos conta , como quero ,  
D'outros maiores males , que inda espero.

## II.

**H**A mil tempos, bom Silva, que faudofo  
Da vossa companhia, determino  
Ir ver-vos, como posso, assim queixoso.

O como, o quando, e os modos imagino;  
Mas as cousas baralhão-se de forte,  
Que eu mesmo dentro dellas perco o tino.

Ante meus olhos vejo a fria Morte  
Quasi lançar-me a mão, e não me arredo,  
Porque estou já disposto a todo o córte.

Tenho ás molestias tão perdido o medo,  
Que cahem sobre mim, como se déssem  
Já no corpo insensível de hum rochedo.

Affim meus males, Josefino, crescem;  
Affim neste meu corpo magoado  
Novos sinaes funestos apparecem:

Languido o pulso, o rosto desbotado,  
O passo lento, os olhos sem viveza,  
O langue frio, o animo cançado;

Em fim tão pervertida a Natureza  
Dos fysicos principios, que não tenho  
Mais qualidades, do que a da tristeza:

Com

Com ella a vida só he que entretenho ;  
Nem eu por outro modo viveria ,  
Pois já com alegrias não me avenho.

Envolto assim no manto da Agonia ,  
O amortalhado espirito preparo  
Para o fatal , e derradeiro dia.

Só então he que espero amigo charo ,  
Depois dos tristes dias , que aqui levo ,  
Que me amanheça outro horizonte claro.

Nem sei como a fallar inda me atrevo ;  
Vós o vereis na mesma frialdade ,  
Com que estas razões minhas vos escrevo ;

E se conservo alguma actividade ,  
He só para fantasticas idéas ,  
Que augmentão mais a minha enfermidade.

Eu revolvo as Estrellas , e as arêas ,  
Metto-me n'outras cousas de alto estado ,  
Da minha conta , e profissão alhêas :

Faço tornar a vir , o que he passado ;  
O que inda não chegou , faço presente :  
Como anda o tempo em mim desconcertado !

Ve

Vejo em descanço alegre alguma gente,  
 Vejo outra toda a vida trabalhando  
 Cuberta de suor, e descontente.

Em fantazias taes, de quando em quando,  
 (Pois o quer assim mesmo a Providencia)  
 A santa Providencia estou louvando.

Desejo armar a todos de paciencia,  
 Que he só aquelle bem, que me ha ficado,  
 Para fazer aos males resistencia.

Enfermo, ou são, em baixo, ou alto estado  
 Já não temo Fortuna, que eu só posso  
 Fazer-me venturoso, ou desgraçado.

Se dentro de mim mesmo me alvorço,  
 Efeitos são da fraca humanidade,  
 Que não se regem pelo arbitrio nosso.

Amigo, rer valor, a adversidade  
 He hum rico vestido, que orna, e enfeita  
 O homem na maior necessidade:

A pompa vá tambem se lhe sujeita,  
 A Fortuna não dura, e a Natureza  
 Iguala a todos, e a ninguem respeita.

Calce embora a magnífica riqueza  
 O dourado corhurno, com que piza  
 A descalça humilíssima pobreza:

Que a carne do Filósofo precisa  
 De bem fácil sustento, e cobertura,  
 O corpo acaba, a alma se eterniza.

Jacte-se a Fidalguia, ou a loucura  
 Deste esplendor dos seus antepassados;  
 Que todos ha de achar na sepultura.

Mostre co' dede os porcos gravados  
 De generosos timbres; que eu somente  
 Terei os virtuosos por honrados.

Cançai, amigo, o braço honradamente,  
 Que assim se abre o caminho á Fama, e gloria,  
 Deixai fallar essa insensata gente:

Se o vosso nome se não ler na história,  
 Disse não se vos dê; porque andão nella  
 Muitos, que são indignos de memoria.

A fama está somente em merecella,  
 Conseguilla he acáso, e não virtude;  
 E vós dentro em vós mesmo podeis tella.

O trabalho mais aspero, e mais rude,  
Suave, e nobre se fará, com tanto  
Que de hum honroso proceder se ajude.

Aqui recêra eu mais alto canto  
A vossos altos dons, senão andára  
Já esta lyra convertida em pranto.

Oh quem antes que a vida se acabára,  
Se quer a par de vós com fingeleza  
O mais que finto em mim, communicára!

Agora ao brando fogo na aspreza  
Do desabrido Inverno especulando  
Os segredos da sábia Natureza:

Agora o pensamento levantando,  
Não como os insoffríveis falladores,  
Baixas, e vis materias praticando;

Mas revolvendo antigos Escriitores,  
Varias razões, diversos sentimentos,  
Certo manjar das almas superiores;

Mas estes racionais divertimentos  
Havião fer, amigo, separados  
De confusos, e falsos tratamentos.

Lá nesses campos bemaventurados,  
 Par' onde foi a candida innocencia,  
 Fugindo cá dos animos dobrados:

De hum casal na pobrissima assistencia,  
 Onde não nos mordesse, nem ladrasse  
 De zoilos vis cruel maledicencia:

Alli veria hum homem, quando nasce  
 A branca, e roxa Aurora no horizonte,  
 Mostrando á gente a luminosa face:

Ir mansamente o gado para o monte  
 Comer da branda hervinha, e mastigando  
 Descer a procurar a fresca fonte:

Sahir o boi pacifico, inclinando  
 Ao duro jugo o rustico pescoço,  
 Pelas redondas ventas fumegando:

O geral, e sollicito alvoroço,  
 Com que para o trabalho, a choça abrindo,  
 Sahe o velho encurvado, o agil moço:

Brotar depois a fruta, que apparece  
 No frondoso raminho pendurada,  
 Que em tempo accommodado amadurece:

· Estar ouvindo a musica alternada  
 Dos doces namorados passarinhos,  
 Que a meus brandos ouvidos nunca enfada:

Vellos andar saltando nos raminhos,  
 Depenicando as folhas inquietos,  
 Vellos depois voar aos altos ninhos:

Oh! Que dignos serão estes objectos  
 Dos cuidados de hum animo innocente,  
 Para estar contemplando em seus secretos!

Vamos, amigo, dai-me a mão contente,  
 Vamos se quer hum dia em nossa idade  
 Ver o rosto da Paz resplandecente.

A Deos, vans esperanças da Cidade,  
 Deixai-me ir acabar os tristes dias  
 No santo Domicilio da Verdade.

Mas ah! Que todas estas alegrias,  
 Por mais, e mais que certas me pareçam,  
 Não passão de sonhadas fantazias!

Aquelles negros Fados, que não cessão  
 De perseguir-me, pondo-se diante  
 Para prender-me os passos, se atravessão.

Eu

Eu vejo, eu vejo o horrído semblante,  
Com que me estão dizendo, (*ah charo amigo*)  
*Que nunca chegará tão doce instante.*

Estas considerações, que andão comigo,  
Para confusão minha he que se inventão,  
Que eu mesmo me convenço, e me deidigo.

Quaes pelo Ceo nas nuvens se apresentão  
A' vista mil fantasticas figuras,  
Que desfeitas no ar logo se ausentão:

Taes as minhas erradas conjecturas,  
Levantando castellos sobre o vento,  
Andão fazendo vans architecturas;

E como tem tão fragil fundamento,  
Quanto havia formado em muias horas,  
Perco logo de vista n'um momento.

Bem faz por me entreter nestas demoras  
A Fortuna outra vez com esperanças,  
Que de falsas imagens são pintoras;

Mas eu que a temerarias confianças  
Já ouvidos não dou, seguramente,  
Desvio do desejo estas lembranças:

Assim pudera eu tão facilmente  
Quebrar d' alma as prizões, que envergonhado  
Inda arrastando vou por entre a gente.

As prizões doces de hum grilhão dourado,  
Com que Amor, meus desejos enganando,  
Me fez parecer leve, o que he pezado.

Eu lhe fui ao principio repugnando,  
Depois com menos força me esquecia  
No milagroso gésto contemplando:

Assim foi a razão de dia em dia  
Sua virtude natural perdendo,  
Pois só pela vontade se regia:

E qual soberbo tigre, que mordendo  
Os novos ferros da prizão que estranha,  
Depois já costumado os vai lambendo:

Desta arte, Amor, que sempre me acompanha,  
Convertendo a violencia em suavidade,  
Contra quem já não val esforço, e manha.

Comigo faz tão meiga sociedade,  
Que já por gosto de lhe ser captivo,  
Beijo o grilhão da minha liberdade.

Não

Não bastavão trabalhos, com que vivo;  
 Mil milhões de successos não cuidados,  
 Que me trazem da gente fugitivo:

Respostas más, desprezos obrigados,  
 Vans esperanças, feias imposturas,  
 Suspiros de tristeza ao vento dados:

Enfadonhas molestias, largas curas  
 Para a vida, tão perto de perdella  
 No meio de tamanhas desventuras?

Senão também agora no fim della  
 Ter mais este contrario de sobejo,  
 Para poder de novo aborrecella.

Mas nos males crueis, em que me vejo,  
 Só me servira, amigo, de soccorro  
 Hum Bem, que n'alma pinta o meu desejo:

Que era ter (mas de balde em fim discorro)  
 Huma certeza só de que vivia  
 Na memoria daquella, por quem morro:

Eis-aqui como levo a noite, e dia,  
 Sem ter a quem me queixe, que não faça  
 De meus tristes erros zombaria.

Ditosa gente feita de outra massa,  
A quem de Amor o dardo mais agudo  
O riço coração nunca traspassa!

Gabão-se de hum espirito sizudo:  
Homens de carne, e pedra juntamente,  
Fortes por condição, não por estudo.

Não sei que tem Amor com certa gente,  
Que sempre fugio della, e só se inclina  
A ferir mais hum' alma intelligente.

Oh das mortaes paixões, paixão mais digna!  
Se alguma culpa mostras, não he tua,  
He só de quem tão mal te determina.

Quem ha no Mundo, que de ti se exclua?  
Correi vós, homens, todo o Mundo inteiro,  
Vereis esta verdade pura, e nua:

Vereis tremer de Amor o Heroe guerreiro,  
Que não temêra de Mavorte as iras,  
Vereis de Amor o sabio prizioneiro:

Vereis chorar ao som de tantas lyras  
Por elle as altas Musas, sem que seja  
Por fazer agradaveis as mentiras.



O meu grande Camões, que em paz esteja,  
Em quanto andou no misero desterro,  
Para prova de tudo me tobeja:

Elle destes, que fallão, nota o erro;  
Pois teve amor, e muito bem sabia,  
Que doutos corações não são de ferro.

Com elle defabafo, elle me guia  
Das Canoras Irmans ao claro accento  
Com sua doce, e immortal Poesia,

Bem que já a Musa sem calor, e alento  
Com desgrenhada fronte, e voz chorosa  
Fere tão mal as cordas do instrumento;

Já no meio de vida tão penosa  
Froxa, e cançada está de andar forçando  
Tão frios verios, que parecem proia:

Naquelles, que vos ouço estar cantando,  
Teria o meu mais certo formulario,  
Se inda fizesse alguns de quando em quando.

O bom Lima, que he destes Secretario,  
Bem sabe as vezes, que embebido os leio,  
Quando aqui passo as horas solitario.

Mais

Mais de mim vos contára; mas receio  
 Que corra de tal sorte este meu pranto,  
 Que para o suspender não ache freio;

E se por caso grande de alto espanto  
 Se vos fizer incrível desta sorte,  
 Que homem já moribundo falle tanto,

Sabei amigo, em fim, que em mal tão forte  
 Já não sou eu quem faz tão longa escrita:  
 A má Fortuna he só, que até na morte  
 Dentro deste meu corpo falla, e grita.



## III.

**S** Abio Jurisconsulto,  
 Da Justiça esplendor, freio do insulto,  
 Em cuja mão rectíssima descança  
 Todo o equilibrio da legal balança:  
 Se o justo ministerio,  
 Que a hum tempo exercitais piedoso, e serio,  
 Em tão importantissimo negocio,  
 Vos permite algum ocio,  
 (Porque nem sempre he vicio  
 Suspende o exercicio;  
 E faz, que o arco a enfraquecer-se venha,  
 Quem sempre em comprimillo a força empenha)  
 Depondo por hum pouco a gravidade  
 Da vossa authoridade,  
 Permitti-me que possa  
 Ir á presença vossa;  
 E para vós, Senhor, de quando em quando  
 Estes medrosos olhos levantando,  
 Livremente convosco falte, e diga  
 Quanto a Fortuna, e a razão me obriga.

Entrei, Senhor, no Mundo tão malquisto,  
 Que inda não tinha visto  
 Raiar nelle a formosa luz do dia;  
 E já me falecia  
 O piedoso alento  
 De meu primeiro maternal sustento.

L.

. . . . .

Triste infallibilidade  
 De huma futura trabalhosa idade!  
 Com ella fui crescendo,  
 Não sei se mais durando, que vivendo  
 Em continuo desprezo,  
 Depois ao lume accezo  
 Da razão natural, que em mim crescia,  
 Vi que por força de huma Estrella impia  
 Em vida tão pequena  
 Se comprehendião seculos de pena;  
 E ás curtas horas de meus tristes annos  
 Já excedia o numero dos danos.

Mas ella, que sedenta  
 Nunca de grandes males se contenta;  
 Me põe de todos no maior perigo,  
 Por ver se acaba de huma vez comigo.

Poucos annos beijei a mão paterna;  
 Porque outra mão, que tudo em fim governa,  
 Me poz em huma mísera orfandade,  
 Aonde não herdei mais que a saudade.  
 Desde então conhecendo  
 Melhor o Mundo, que já agora entendo,  
 Nelle peregrinando  
 Levei sempre arrastrando,  
 Atado á paciencia,  
 O pezado grilhão da dependencia;  
 Que em lugar de gastar-se desta sorte,  
 Cuido que o uso ainda o faz mais forte.

Q. II

Sa-

Sacudillo de mim já quiz de todo;  
 Mas em vão me cancei; nem de algum modo  
 Encontro quem me valha,  
 Que todo o Mundo contra mim batalha.

Encontro hum valle, quando busco hum monte;  
 Morrendo estou de sede ao pé da fonte;  
 Só para mim, não fei porque segredo,  
 Nasce mais tarde o Sol, pôe-se mais cedo:  
 A ordem natural de mim se esquece;  
 E já de horror, de enfado me parece,  
 Que até lhe custa dispender comigo  
 A terra encofsto, as arvores abrigo.

Como não ha de a mísera Fortuna  
 Ser-me tão importuna,  
 Se para segurar melhor a empreza,  
 Se poz da sua parte a Natureza?  
 Vede agora, Senhor, com que esperança  
 Nós homens hei de ir pôr a segurança:  
 Hum só pôr me não ver, foge, e se esconde;  
 Outro por mais que o chamo, não responde.  
 Este immovel se faz, soberbo aquelle;  
 E effou diante d'elle.  
 Cheio de hum soffrimento tão preciso,  
 Como a réo em Juizo.

Quanto mais me estão vendo,  
 Mais vão endurecendo:

Sem-

Sempre acho nelles huma fria escusa,  
 Que mais fez a cabeça de Medusa?  
 E se a algum destes se lhe vê na boca  
 Alegre differença, he que o provoca  
 Hum odio disfarçado,  
 Que vai sempre no riso misturado.  
 Sem longa experiencia  
 Quem não se enganará desta apparencia?  
 Nova especie de féra,  
 Peito de pedrenal, tosto de cera.

Mas já do Mundo errado,  
 Que tanto me enganou, defenganado;  
 Não sou como algum dia,  
 Que as vans promessas da esperanza cria:  
 Delle fugindo vou, e a seus enganços,  
 Mas sem proveito consumindo os annos.  
 Ora da triste idéa, que me inclina  
 A' solidão da pastoral campina,  
 Levar me deixo para a pobre Aldêa;  
 Mas tambem a zizania alli semêa.  
 Contra mim novos males, novos danos;  
 Que em toda a parte estão chovendo enganços;  
 E lá naquella gente,  
 Que eu suppunha viver mais simplesmente,  
 Acho da mesma sorte  
 Os desconcertos, que observei na Corte.  
 Ora busco outra terra;  
 Mas seja Aldêa; ou Corte; valle, ou serra,  
 Não ha, por mais que corro, ou que procuro,  
 Hum lugar, onde ponha os pés seguro.

Qual

Qual o cervo ferido,  
 Que em si leva escondido  
 No mortal instrumento,  
 Da vida o termo, e mais veloz que o vento.  
 Em vão fugindo vai, e em vão se cança,  
 Que a poucos passos sempre a morte o alcança;  
 Assim eu, quando fujo á minha Estrella,  
 Menos me aparto della;  
 Que mal posso escapar deste perigo,  
 Se aonde quer que fujo, vou comigo,

Em fim para contar-vos miudamente  
 De meu Fado inclemente,  
 Quantos casos por mim já tem passado,  
 As vezes que pizado  
 Fui dos pés insolentes  
 Do desprezo, de amigos, e parentes,  
 As injustas vinganças, que hei soffrido,  
 Ser em todos os lances preterido,  
 Consumindo em demoras  
 Infructíferas horas;  
 Tantas nisto gastara,  
 Que em mim primeiro a vida se acabara,

De algum Astro a benefica virtude,  
 Fazendo em mim, que a antiga Lei se mude,  
 Me deitou nesta terra,  
 Onde o Fado me faz mais branda guerra,  
 Senão for de meus males nova traça,  
 Ter comigo descuidos a desgraça;

Mas

Mas á vossa presença  
 Attribuo, Senhor, tanta differença;  
 E se fugindo venho, onde he que posso  
 Achar melhor amparo do que o vosso?

Dai-me (*se he que mereço conseguillo*)  
 Da vossa mão o poderoso aylo:  
 Dai-me, Senhor, que ainda a desventura  
 Correr atrás de mim se me figura:  
 Desta hydra mortal Alcides forte,  
 Estingui de hum só córte  
 As pulantes cabeças renovadas,  
 Por meu castigo sempre em vão cortadas;  
 Porque só póde a vossa heroicidade  
 Cauterizar tão vil malignidade.  
 Em mim mesmo a desgraça vos offrece  
 O mais nobre interesse,  
 Dando-vos hum motivo,  
 Onde se próve o vosso esforço altivo,

Nunca os homens mais Deoses se parecem,  
 Que quando favorecem;  
 Derrubar fortalezas,  
 Romper muralhas, conseguir emprezas,  
 Armadas dirigir a Climas novos,  
 Em sujeição dos povos,  
 Pôr assedio ás Cidades,  
 E o mais, que o Mundo chama heroicidades;  
 Nada disto será de tanta gloria  
 No futuro immortal pregão da historia,

Co-

Como fazer hum peito generoso,  
Rico a hum pobre, feliz a hum desditoso:

Vós, que melhor sabeis quanto eu vos digo,  
Esta virtude exercitai comigo:  
Não entendais que invejo  
Essa aura popular de hum vão cortejo;  
Nem me tenta a ambição infaciavel:  
Tenho sim hum desejo mais louvavel;  
Mais racional, mais pio, mais prudente,  
Que me faz desprezar naturalmente  
Fastos de rico, presumpções de Nobre;  
Pois tudo posso ser, e mais ser pobre.

O que sômente quero,  
E o que de balde ha tanto tempo espero,  
He arrancar esta agil mocidade  
Da inutil, molle, torpe ociosidade;  
De quem tantos desmanchos perigosos  
São filhos monstruosos:  
Sômente insectos vís gerão, danadas  
De corrupção as aguas encharcadas.

Quero só ter hum meio,  
Com que me encontre a algum honrado estelo;  
Porque mais descansada chegue a vida  
Lá ao fim da carreira bem sabida;  
Que, a quem tão pouco inveja,  
Isto não ló lhe basta, mas fobeja.

E

E se as constantes Leis da sã Justiça,  
 Em vós nunca remissa,  
 Acafo não offendo  
 No pequeno despacho que perrendo,  
 Fazei á Patria hum proveitoso filho,  
 Deste que he da Republica empecilho.

Se assim me acontecer, como confio  
 De hum coração tão pio;  
 E entrão me virem com alegre rosto  
 Erguer do baixo estado, em que estou posto,  
 Ah Senhor! Como he cruel,  
 Que a desgraça insoffrivel  
 Fugirá de me ver torcendo a vista  
 Raivosa de perder esta conquista,  
 Deixando o seu arrojô  
 Na vossa mão por misero despojo.

E lá depois, que a mioba rduca dlyra  
 Deixar o enfermo som, com qua respira,  
 Alegre, e sonorosa  
 Ferida desta mão menos medrosa,  
 Que a temperalla agora mal se atreve,  
 Outro louvor maior, que se vos deve,  
 Cantando espalharei por toda a parte;  
 Se a tanto me ajudar engenho, e Arte.

## IV.

**V**O's, que da rica mão da Natureza  
 Recebestes os dons, que ella mais préza;  
 Aquelles altos dons de formosura,  
 De graça, discrição, de compostura,  
 Que raras vezes por occulto arcano  
 Unir-se sabem no composto humano:  
 Vós, que por força de hum pensar seguro,  
 Illuminando as sombras do futuro,  
 Dos mesmos corações, e entendimentos  
 Penetrais as tenções, e os movimentos:  
 Vós, finalmente, que sabeis aonde  
 Assiste Amor, por mais que Amor se esconde;  
 Não entendais que a declarar-vos venho,  
 Se acaso tenho amor, e a quem o tenho.

Venho á vossa presença,  
 Só como aquelle, que em mortal doença,  
 Dos ardores da febre sente a calma;  
 Que atenuando-lhe as potencias d'alma,  
 A cada instante afflicto delirando,  
 A' secca lingua se lhe vão pegando  
 As truncadas palavras, sem que tenha,  
 Quando o Medico venha,  
 Hum habil enfermeiro, hum assistente,  
 Que exponha mindamente  
 Com zelo, e com piedade  
 Os progressos da longa enfermidade.

VI

En-

Enfermo vivo, mas de hum mal tão forte,  
 Que em vida bebo a cada instante a morte:  
 Desamparado estou, Amor me mata,  
 E ajuda-o a matar-me aquella ingrata,  
 Que só c'um favor seu, que em fim me dêsse,  
 Faria que pudesse,  
 Em lugar de matar-me de desgosto,  
 Ver-me morrer de gosto.  
 Com este bem, que pouco lhe custara,  
 De inimigas Estrellas me vingara:  
 Isto só, isto só me bastaria,  
 Para dizer ao Fado, se algum dia  
 Me tornasse, como hoje, a ser contrario;  
 Que queres, temerario?  
 Em vão, em vão já agora,  
 Depois daquella hora,  
 Em que tu compassivo, ou descuidado  
 Me deixaste gozar tão alto estado;  
 Em vão, de tanta gloria pezaroso,  
 Solicitas fazer-me desditoso.

Mas que contas são estas, pensamento,  
 Que andas sempre a deitar sem fundamento,  
 Mais que a vã conjectura?  
 Não ha maior loucura,  
 Que andares nesta misera memoria  
 Cortando os louros antes da victoria.  
 Mas ah! Minha Senhora,  
 Tudo finge quem ama, e quem adora.

Cercado estou das lanças do inimigo,  
 Cruel Amor, que sempre anda comigo:  
 E em tão ardua conquista  
 Não volto a qualquer parte a triste vista,  
 Que contra mim não veja levantada  
 Essa mão poderosa, e delicada,  
 Que inda tem mais robusta fortaleza,  
 Que a despedida bala, em fogo acceza,  
 Contra soberbos muros,  
 Que os peitos de aço, que os broqueis seguros,  
 Que de Alcides a clava,  
 Que de Cupido a vencedora aljava.

Peço que lhe digais,  
 Se também contra mim vos não voltais,  
 Que em fim (pois o deseja) que me mate,  
 Que excogite, que trate  
 Os mais tyranos generos de morte;  
 Que eu os espero forte;  
 Não para resistir-lhe confiado,  
 Mas a seus pés prostrado,  
 Para a mortal ferida,  
 (Inda quando me custe a doce vida)  
 De novo o triste coração lhe offerto  
 A peito descuberto;  
 Mas que repare bem, que se me offende,  
 Não contra mim, mas contra si contende;  
 Pois matar quem se entrega ao rendimento,  
 Bem que allegora, infama o vencimento.

Affim de vós o julgo, affim o espero,  
Não por mim, pelo muito que venero  
Em vós aquellas altas qualidades,  
Que vos igualão tanto ás Divindades:  
E mais que tudo, por aquelle affecto,  
Com que (saudofo de tão lindo objecto)  
Sahir das ondas vejo  
A esperar-vos contente o Padre Téjo:  
Affim nunca o vejais correr turvado,  
Mas antes socegado,  
Claro, doce, suave, e abundante  
Fartar-vos possa toda a sede amante  
Do vosso coração, oh Ninfa pura!  
E descansando, de temor segura,  
Dentro das suas margens, como entendo,  
Nelle vos estejais sempre revendo.

Não cuideis que esta empreza  
Offender possa a vossa fizudeza:  
Salvar a hum infeliz, guiar a hum cego  
Não he tão baixo emprego,  
Como o vulgo insensivel imagina:  
Sómente huma alma grande se destina  
(*Pois sabe o que he Amor*) a soccorrello,  
E não a desprezallo, e offendello:  
E só quem apadrinha, e quem respeita  
Essa paixão, que as mais paixões sujeita,  
De benigno, de Nobre  
Toda a grandeza, que em si tem, descobre:

E em quem melhor a vossa poderia.  
 Mostrar-se affavel , branda , heroica , e pia ,  
 Que em foccorrer em seu pezar profundo  
 O maior triste , que conhece o Mundo.

E se eu merecer tanto ,  
 Que vos mova a piedade este meu pranto ,  
 Nas brancas mãos de Dinamene juro ,  
 Por mim , por ella , e pelo santo , e puro  
 Ceo , que ouvindo-me está , que em quanto a vida  
 Deste corpo mortal não for partida ,  
 Com vida , corpo , e alma ,  
 Por vento frio , por ardente calma  
 Servir-vos-hei , Senhora , de maneira ,  
 Que a mão sobre a fogueira ,  
 Sobre o cepo a garganta  
 Porei com fé , e obediencia tanta ,  
 Que , se possível for ,  
 A meu mortal valor  
 Irei , Ninfa , por vós de qualquer modo  
 O Inferno revolver , e o Mundo todo.

E ao som da minha cythara piedosa ,  
 Affim mesmo chorosa ,  
 Cheia de mágoa , cheia de afflicção ,  
 Em quanto a sustentar na frouxa mão ;  
 Protesto toda a hora ,  
 De vós , minha Senhora ,  
 Espalhar , quando cante ,  
 Louvores taes , que todo o Mundo espante.

V.

## V.

**L**Orinda bella, as obras pastoris,  
Que com tão grande empenho me pedis  
Em brando verso, em bem tecida prosa,  
Ahi vo-las remetto; e mais piedosa  
Vos peço, que vejais  
De Amor tantos successos desiguais.

Vede, que as suas armas atrevidas  
Ferem não só as innocentes vidas,  
Mas inda em duros peitos, como o vosso,  
Fazem qual raio mais voraz destroço.

Do grande monte o cume levantado  
Mais perto está de Jupiter irado:  
De Amor, e de Fortuna  
Nem choça, nem tribuna  
Póde ter segurança,  
Que Fortuna, e Amor a tudo alcança.

Vede pois que fazeis,  
E dos males alheios não zombeis,  
Que são de huma alma indignos pensamentos  
Fazer do que he pezar divertimentos.

As

As mágoas, os retiros,  
 As afflicções, as anhas, os suspiros,  
 O devorante lume  
 Do impaciente, do infernal ciume:  
 As duras esquivanças,  
 As ausências, as faltas, as mudanças,  
 Em fim, de Amor tão longo prejuizo,  
 He materia de rizo?  
 Isto não he o mesmo que estar vendo  
 De longe, a hum miseravel ir morrendo  
 A's mãos do seu desgosto,  
 Sem querer acudir-lhe por seu gosto?

Ah Lorinda; Lorinda, quando eu lia  
 As pastoris tragedias algum dia,  
 Hum suor frio o rosto me banhava,  
 Sobre a mão encostava  
 A languida cabeça; e então de mágoa  
 O pranto me arrazava os olhos d'agua;  
 Isto naquella idade,  
 (*Ah doce Tempo!*) Em que inda na vontade  
 Não tinha experimentado aquelle effeito,  
 A que hoje só por vós vivo sujeito.

Nesse livro de Amor, cuja escriptura  
 Contém do monte a varia desventura,  
 Aprendei os humanos sentimentos,  
 Com que haveis de escutar os meus tormentos;  
 Diverai-vos embora;  
 Porém não com Amor, que sempre chora.

LA

Dos

Dos clamores da Aldêa,  
 Se procurais encher a vossa idéa,  
 Ah! Não se diga, que indo a vós piedosos,  
 Tornão a vir de novo mais queixosos!  
 Quantos tem desmaiado,  
 Só de ouvir hum successo desgraçado;  
 E vós, ouvindo tantos, podereis  
 Rir-vos de Amor, zombar de suas Leis?

Não espero de vós cousa tão dura;  
 Mas antes que em ternura  
 De Amor, e piedade  
 Mudeis a natural ferocidade;  
 E que quando escutardes  
 Os meus justos pezares,  
 De que posso compôr livros maiores,  
 Do que o desses Pastores,  
 Vejais quanto ficastes devedora  
 Da compaixão, que me negais agora.



## VI.

**M**Inha inimiga bella,  
 Gloria da minha dor, e a causa della,  
 Em cuja mão Amor depositado  
 Tem a minha Fortuna, e o meu cuidado:  
 Tu honras estes bosques, e estas praias,  
 Ora encostada á sombra de altas faias,  
 Ora pizando, quando aqui passeas,  
 Com branco pé as humidas arêas.

Tu envergonhas estas Ninfas bellas,  
 Pois es mais linda, mais formosa que ellas;  
 Huma vendo-te está, como admirada,  
 D'entre a limosa concava morada;  
 Outra do banho sahe, e bracejando  
 As enroladas ondas vem cortando  
 C'o delicado peito: Deixa aquella  
 O rico fio, com que urdia a telta;  
 Huma deixa do Satyro o queixume,  
 Outra de ver os peixes em cardume,  
 Como saltão na rede aos pescadores;  
 E ora cheias de inveja, ora de amores;  
 Estão debaixo d'agua a huma e huma  
 Levantando as cabeças sobre a espuma.

Assim por ver-te, ó Ninfa, se alvoroça  
 A bellissima chusma, porque possa  
 Cada huma desta arte  
 Lograr de tanto bem tão grande parte;  
 Qual, para as mais fallando,  
 De teu Divino gésto está tratando,  
 Dizendo todas, tão Celeste accio,  
 Tão desusado gésto donde veio?  
 Não se recolhem, sem que tu te ausentes;  
 E quando o fazem, tristes, descontentes  
 Ao Padre Téjo contão,  
 Que te virão, meu Bem, e alli lhe apontão  
 As tuas perfeições, que nunca dizem,  
 Por mais e mais que as expressões repizem.

Se dizellas pudessem, que dirião?  
 E se as vissem como eu, que sentirião?  
 Eu as vi, eu as vi: Com que mistura  
 De gosto, e de pezar se me figura  
 Esta visão! O' penhas circumstantes;  
 Se estamos sós, direi as penetrantes  
 Couzas, que esta alma firmemente enerra  
 Mais entranhadas do que vós na terra;  
 Mas até tenho medo  
 De confiar de vós tanto segredo:  
 Eu o direi em fim, com tal cautella,  
 Que o ouça só aquella,  
 Que foi a doce causa, por quem figo  
 O mal que passo, as expressões que digo.

Não cuides, Ninfa, não, que da memoria  
 Riscar já mais se possa huma victoria,  
 Que Amor a vez primeira celebrára;  
 Bem que depois em mágoa se trocára:  
 Inda tenho presente  
 De meus dias o dia mais contente:  
 Inda me lembrão os piedosos ais,  
 Os géstos, as palavras, os finaes,  
 As brandas petições, os juramentos,  
 Em fim os namorados movimentos,  
 Com que ora examinando os olhos bellos;  
 Ora enfeitando os lucidos cabellos,  
 Toquei a face pura,  
 Onde Flora mistura  
 A branca, e a roxa côr da madrugada.  
 Ah Ninfa delicada!  
 Todas estas razões, se me acreditas,  
 Vivem, e viverão nesta alma escritas!

Estas as causas são do meu desgosto,  
 Que me vem sempre na afflicção do rosto:  
 Estas continuas lagrimas, que choro,  
 Nascem do que receio, e do que adoro:  
 Olho em fim para ti; e quando meço  
 Entre nós as distancias, esmoreço:  
 Vejo que es huma Ninfa celebrada,  
 E das mais altas prendas adornada;  
 Eu hum Pastor sem nome, que se attenda,  
 Sem parte, sem razão, que me defenda:

Tu

Tu dominando os campos, senhoreas  
 Os bosques, e as arêas;  
 Eu posto em monte alheio, e tão deserto,  
 Só de rústicas pelles mal cuberto:  
 Tu de formoso rosto delicado;  
 Eu tão mal figurado:  
 Tu polida; eu mais bronco  
 Que a grossa casca desigual de hum tronco.

Qual Lavrador, que alguma rez comprara,  
 Porque com outros não se aconselhára,  
 Depois lhe dizem todos, que he pequena,  
 E certo que foi pena  
 O dar tanto por ella; como louco  
 Resolve-se a largalla por tão pouco,  
 Que perde o pobre em fim só por vendella,  
 Mais de metade do que deo por ella.

Affim receio eu, que tu, Senhora,  
 Conhecendo algum' hora  
 Que esse amor repentino  
 Não fora amor, mas fora desatino,  
 Com que ao principio para mim olhaste,  
 (*Porque comigo não te aconselhaste*)  
 Me deixes pezarosa  
 De ter sido comigo tão piedosa:  
 Oh! Nunca chegue o dia  
 De tanto mal, de tanta tyrannia!  
 Que, inda que os teus favores valem tanto  
 Merece-os o meu pranto,

Me-

Merece-os a constancia,  
 A inquietação, o amor, o susto, a ansia,  
 Que dentro d'alma finto:  
 Só nestas qualidades sou distinto.

Não tenho largos campos semeados,  
 Que te possa offrecer, não tenho gados:  
 Não possuo colmêas,  
 Vivo peregrinando nas Aldêas  
 De cabana em cabana:  
 Hum mez aqui, além huma semana;  
 Mas tenho huma alma, bem que triste, Nobre:  
 Huma vida, que he tua, ainda que pobre:  
 Hum amor, que te iguala:  
 Huma fé, que a nenhum temor se abala:  
 Em fim hum coração, de quem tu sabes  
 A grandeza que tem, pois nelle cabes.

Não tenho outros haveres,  
 Se disto te contentas, se isto queres,  
 Como já n'outro tempo succedia;  
 Que para ti, ó Ninfa, não havia  
 Outro preço maior  
 Que huma alma cheia de hum sincero amor,  
 Tudo em mim acharás da mesma sorte;  
 E se he possível, inda amor mais forte.

Mas se estás de querer-me arrependida,  
 Não te arrependas de me dar fingida

Aquel-

Aquella branda mostra de piedade,  
Que passou tantos tempos por verdade,  
E se quer neste engano,  
Suave ao mesmo tempo que tyrano,  
Conserva o meu desejo,  
Onde tenho mil mortes de subejo.  
Se acaso me aborreces, como entendo,  
Se me deixares, de que estou tremendo,  
Seja assim, pois o queres; mas de modo,  
Que eu o não chegue a conhecer de todo:  
Não te custará muito neste estado  
Trazeres-me enganado:  
Este pequeno allivio me consente;  
Triste quem de tão pouco está contente!



## T E R C E T O S.

**M**imoso Infante, Principe adorado,  
 Esperança mais firme do futuro,  
 Consolação mais certa do passado:

Amparai este pletro mal seguro,  
 Como succede á hera trepadora,  
 Quando fraca se arrima ao forte muro.

Nova Musa me dai, pois temo agora  
 Desentoar no canto desta minha,  
 Por costumada ás lagrimas que chora.

Oh Musa a mais feliz! Quem te apadrinha?  
 Que já sinto fahir-me a voz do peito  
 Menos gelada, do que d'antes vinha.

Vós sois, Senhor, a causa deste effeito;  
 Por isso nestas clausulas pequenas  
 Ouvir-me-ha todo o Mundo com respeito.

E protegendo rusticas avenas,  
 Ir-vos-heis costumando de Menino,  
 Antes de serdes Rei, a ser Mecenas:

Que

Que se o forte Thebano em pequenino  
Despedaçava já dragões no berço,  
Fera he tambem o meu fatal Destino:

Novo Alcides, Senhor, meu toco verso  
Amparai; que he mais ardua resistencia  
Vencer as forças de hum Destino adverso.

Ouvi-me pois, ouvi-me sem violencia,  
Que as razões da fiel sinceridade.  
Bem pôde percebellas a innocencia.

Vós sois aquelle ramo, em cuja idade  
A Lei florece constantemente  
Desta pequena antiga Christandade:

Vós sois aquelle fruto inda pendente  
De huma arvore de Christo ao Ceo subida,  
De que hoje faz a Portugal presente:

Vós sois aquella palma enobrecida,  
Que na frente das nossas esperanças  
Irá crescendo para sempre erguida:

Vós o Iris sois daquellas seguranças,  
Com que Deos tão benigno, tão piedoso  
Nos promette pacificas bonanças.

Bem-

Bemdito Reino! Portugal ditoso!  
 Oh não te affustes mais! Oh não suspires!  
 Se es do Ceo tão bem visto, e tão mimoso.

De lá te diz Affonso, que respires,  
 De lá neste seu novo descendente  
 Te manda o ramo, o fruto, a' palma, o Iris.

Ah meu Senhor! Meu Principe excellente!  
 Guardai, como promessa, esta memoria  
 De huma boca infallivel, que não menre.

Lá quando lerdes a famosa historia  
 Dos vossos Immortaes Progenitores,  
 Vereis mais altamente a vossa gloria:

Vereis, que são eternos moradores  
 Do verdadeiro Olympo, onde ficarão  
 Sustendo sempre os Regios Successores:

Vereis o claro accento, a que chegarão;  
 Não porque forão Reis, mas vittuosos  
 No ardor, com que huns aos outros se imitarão.

Mas vossos Pais Augustos, e famosos,  
 Que as sacrosantas Leis da heroicidade  
 Sabem dar, e seguir tão cuidadosos,

Vos

Vos levarão á excelsa extremidade,  
 Por onde com trabalho, e com desvelo  
 Sóbe a gozar o Heroe da Eternidade.

E em quanto não podeis reconhecello,  
 Vos está preparando hum novo estado  
 De vosso Augusto Avô o amor, e o zelo.

Para vós vai creando este Reinado  
 Cheio de gloria, cheio de excellencia,  
 Com que se faz no Mundo respeitado:

Vereis nelle invariavel a obediencia,  
 Sempre constante a Fé, recta a justiça,  
 Enfreada a Ambição, muda a Insolencia:

Vereis a applicação nunca remissa,  
 Com que entretida a molle ociosidade,  
 Desentorpece os membros a preguiça:

Vereis seguir-se as regras da piedade,  
 Do valor, da sciencia, da constancia,  
 Da santa Paz, da justa liberdade:

Vereis aquella radical substancia,  
 Com que nutre o Commercio as Monarquias,  
 Encher vossos estados de abundancia:

Affim vereis, Senhor, todos os dias  
 Com proveitosa singular cultura  
 O Reino florecer por tantas vias:

Como aquelle, que em grande sementeira  
 De bem mondado trigo vai com gosto  
 Cortando a loura espiga já madura.

Crescei, qual tronco em fertil chão disposto;  
 Que des que os largos ramos estendêra,  
 Servindo a tantos, vai de abrigo, e encosto.

Vinde illustrar de todo a Lusã Esfera;  
 Que sendo muito, o que de vós alcança,  
 Hé muito mais o que de vós espera:

Grão parte do seu pezo em vós descansa;  
 E já sem que o sintais se differença  
 O muito que podeis só na esperança:

Por nós ao Ceo chegou supplica immensa;  
 E de taes qualidades quiz encher-vos,  
 Que fez maior que o voto a recompensa.

Elle, que tanto soube enriquecer-vos,  
 Ha de, afeiçoado ao vosso gesto lindo,  
 De fascinantes olhos defender-vos.

Em

Em vós todas as Graças se estão rindo,  
Brincando irão comvosco melindrosas,  
Quaes ao filho de Venus divertindo.

Do vosso tratamento cuidadas,  
Huma no berço de ouro vos reclina,  
Outra vos cobre de púrpureas rosas.

Ora Pito embalando-vos benigna,  
Ora nos braços da risonha Aglaya,  
Ora no brando collo de Eufrosina:

Para vós anda Thetis já na praia  
Escolhendo do mar alvas pedrinhas,  
Que a onda arroja, e lambe, quando espraia.

Com ella vão as Ninfas mais vizinhas  
Nos virginaes regaços apanhando  
Torcidos buzios, concavas conchinhas.

A longa, e branca barba penteando  
Já sobre as mansas ondas apparece  
Banhado em gosto o Téjo venerando.

Seu futuro Senhor vos reconhece:  
Descubri-lhe essa mão candida, e pura,  
Que já para a beijar se ensoberbece.

Voa,

Voa, ó Fama veloz, pelo ar segura,  
Sacode as pandas azas, vai seguindo  
O caminho, que te abre esta Ventura.

Deste Príncipe o nome diffundindo  
A's mais remotas gentes, que encontrares  
Na distancia, que vai do Tejo ao Indo:

Voa áquelles longíffimos lugares,  
Que com teu brado universal abranges,  
De Africa as terras, e do Oriente os mares:

Tremão de fusto os barbaros alfanges,  
Que inda para cercar a Lufa frente  
Cria palmares inclytos o Ganges:

Dize ao torpe, e tostado continente  
Da inculta Abylla, que vá já tirando  
O perfido turbante reverente:

Ao feio Tormentorio vai chegando,  
Atroa-lhe os asperissimos ouvidos,  
Nunca sabidas cousas escutando:

E que dos navegantes destruidos  
O crime pagará, que inda lhe resta,  
Vendo os membros grandíffimos colhidos;

Porque se os mares ainda agora infesta  
As Lusitanas proas, que algum dia  
Lhe ha de abaixar a carrancuda testa :

Faze-te ouvir por toda a Cafraria,  
Depois avante passa, e vai correndo  
Lá por outra Região menos sombria :

Agora a rica Ormuz estremecendo,  
Agora Meliapôr, e o Guzarate,  
Affamados descriptos discorrendo :

Prognostica hum cruissimo combate  
De segura victoria ás fortalezas  
De Jalofo, Tidore, e de Ternate :

Em fim das fortes armas Portuguezas  
Annuncia do Mundo em toda a parte  
Mil futuras, e prosperas grandezas.

E vós, com quem benigno o Ceo reparte  
Toda a graça de Adonis, algum dia  
Armado filho vos verão de Marte :

Europa a vossos pés, de medo fria,  
Tributos vos dará; e a Ásia ingente  
Perolas Orientaes, que a Aurora cria :

Negros vultos irão de Africa ardente  
 Desentranhar na America salvagem  
 Thesouros ricos de metal luzente.

Povo estranho de barbara linguagem,  
 Pela soberba foz do Têjo entrando,  
 Vos jurará firmíssima homenagem:

Então com lyra de ouro em verso brando,  
 A vós mais dignamente altos louvores  
 Os Pastores da Arcadia irão cantando:

Louvai, louvai, sollicitos Pastores,  
 O novo Successor do Reino: Cesse  
 O costumado canto dos amores:

Cantai o amor da Patria; o interesse  
 Commum da Monarquia: E o bom Pai della,  
 Por quem dos Povos todo o bem florece:

Assim vos fareis dignos da capella,  
 Que Febo para aquelles tem guardado,  
 Que louvar sabem a Virtude bella;

E quando o aureo Tempo for chegado,  
 Que de Saturno o seculo fingia,  
 (Ah Tempo! Tempo Bemaventurado!)

Di-

Dirão, *verificada a profecia,*  
Que fatidicamente se cantava:  
De tal Pai, que outro Filho nasceria?  
De tal Avô, que Neto se esperava?



## B E L I Z A .

**P**ois não quereis, memorias imprudentes;  
Senão andar contínuo revolvendo  
Cousas, que mais vos fação descontentes :  
Com inquietas azas  
De novo vivas chammas accendendo,  
E nellas reduzindo-vos a brazas :  
Fartai-vos, loucas, consumi-me embora :  
Voemos onde mora  
O principal motivo,  
Por quem no meio de mil mortes vivo

Eu vos darei materia accommodada,  
A todas as idades tão estranha,  
Que nunca em verso triste foi cantada :  
Qual louco mal guiado  
Correndo vai ao alto da montanha,  
E se deira de lá desesperado :  
Assim perdidos já, da mesma sorte  
Vamos buscar a morte :  
Primeiro subiremos,  
Depois precipitados cahiremos.

Subamos pelas margens do alto Douro,  
 Onde cuido inda agora que me vejo  
 A' fresca sombra do frondoso louro:  
 Recorde as alegrias,  
 Como aquelle, que ceva o vão desejo  
 Sómente com pintadas iguarias;  
 Mas fenão podem glorias já passadas  
 Ser mais que imaginadas,  
 E assim vos satisfaço,  
 Demos, memorias minhas, mais hum passo.

Aquelle o bosque á Ninfa consagrado,  
 A mais famosa, que o grão Douro ha visto;  
 Desde que corre para o mar salgado:  
 Inda se me figura,  
 Que alli as horas passo, alli persisto,  
 Ou seja dia claro, ou noite escura:  
 Aquelles os confusos ramos, onde  
 Beliza se me esconde:  
 Aquelles os lugares,  
 Onde a Amor já Fortuna ergueo Altares.

A quem direi os casos venturosos,  
Que alli passei, em quanto o quiz meu Fado,  
Que os não tenha talvez por fabulosos?  
Oxalá, que pudesse  
Ser sonho aquelle tempo já passado,  
Assim como inda agora mo parece!  
Mas esses altos montes se abaixarão,  
Estas aguas pararão  
A ouvir os louvores,  
Que alli me derão Ninfas, e Pastores.

Alli vi de Beliza os olhos bellos:  
Não fei que movimento os meus lhe acharão,  
Que desde então não pude estar sem vellos:  
Alli hum certo dia  
Das palavras usei, que me ensinarão  
Os ditosos exemplos da ousadia:  
Logo Fortuna encaminhou meus passos;  
Levantou-me nos braços,  
E pela roda vária  
Jurou a Amor de lhe não fer contraria.

O menino, que nunca presumio  
Que a forte Deosa em seu favor teria,  
De gosto as brancas azas sacudio:  
Metteo a mão na aljava,  
E das agudas setas, que trazia,  
Huma escolheo, que mais aguda estava:  
Para ferir Beliza a destinou,  
A ponta lhe dourou,  
Que quer que a arma seja  
Arma igual á victoria, que deseja.

Voando foi Amor com rosto lèdo,  
Beliza vio, e disparando o tiro,  
A mão tres vezes lhe tremeo de medo:  
Vós, ditosas montanhas,  
Lhe ouvistes o ardenuissimo suspiro,  
Que então lançou das intimas entranhas:  
De piedade os olhos se lhe enchêrão,  
E logo se volvêrão  
Por tão doce maneira,  
Que inda não sinto cousa que mais queira:

Que devotos louvores não me ouvirão  
Dar a Amor, e Fortuna esses outeiros,  
Quando então meus triunfos de alto virão :  
Não lhe queimei perfumes,  
Não lhe emulei novilhos, nem cordeiros,  
Sacrifiquei a vida a seus costumes,  
Ardeo sem se gastar nunca a vontade,  
Para ter liberdade  
De pôr no Altar mil vezes  
Novos desejos, em lugar de rezes.

Os Pastores, que o virão entre tanto ;  
Nos mais duráveis troncos o entalharão  
Para servir aos Satyros de espanto :  
As Naydes, e Napeas,  
Por mandado de Amor o recitarão,  
Humas nos bosques, outras nas arêas ;  
E ás que erão mais destras nos labores,  
Por Tritões nadadores,  
O mesmo Padre Douro  
Mandou teçello n'uma tēja de ouro.

Affim que as alvas filhas informadas  
Forão de seu paterno mandamento,  
Erguêrão mão das obras começadas:  
Entre si concertárão  
Armar novos theares n'um momento;  
E as sedas de mil cores ajuntárão:  
Qual escolhe das conchas crystallinas  
As perolas mais finas,  
Qual renova ligeira  
De rico fio, eburnea lançadeira.

Havia Hirene debuxado a historia  
Da filha de Nereo formosa, e pura,  
Que foi de Polifemo pena, e gloria:  
Do monstro a fymmetria  
Tão propria, e feia está, que da figura  
A mesma Ninfa, que a bordou fugia:  
As canas desiguaes, com que tocava,  
Ao côlo nú levava,  
E na mão por cajado  
O pinheiro maior, que se ha cortado.

Mais ao longe alvejando estava a arêa  
De huma praia deserta, e deleitosa,  
Onde se via a linda Galathea:  
Nos braços tinha o moço,  
Que fez depois Fortuna, de invejosa,  
Das duras mãos do Cyclope destroço:  
N'outra parte correndo vão sem tino,  
Que era o cruel Destino  
Do ciofo Gigante,  
A's mãos haver, o seu contrario amante.

Tanto á pintura as dextras mãos soccorrem,  
Que quem alli os vê se lhe figura,  
Que por cima do panno vivos correm;  
Depois apparecia  
O Pastorinho inerme, e sem Ventura  
Debaixo de hum penedo, que o cubria:  
Com elle do salvage a força bruta  
A crueza executa,  
De ouvir em tal crueldade  
Ranger-lhe os tenros ossos, sem piedade,

Logo o triste mancebo deixa ver-se,  
 Perdendo a fôrma humana, e começava  
 Em gottas de agua o corpo a desfazer-se,  
 Que em rio convertido,  
 Da grão Cecilia os fertes campos lava,  
 E o nome de Acis tem, bem conhecido:  
 Até que entra no mar, e em mar se troca  
 A compaixão provoca,  
 Que ainda murmurando,  
 De seu antigo mal se está queixando.

Climene ouro, e seda entretecendo  
 N' outro delgado panno, alli parece,  
 Que as ondas do Helesponto estão fervendo;  
 Daquém na populosa  
 Europa Abido avulta; e apparece  
 Sesto dalém na Asia poderosa:  
 Alli as tristes cores lhe mistura;  
 Pintando a noite escura,  
 E do mar representa  
 Alteradas as aguas co' a tormenta.

Nellas Leandro vai quasi affogado ,  
 Só hum braço entre as ondas se lhe via ;  
 Que o outro tem já de nadar cançado :  
 Ao longe escassamente  
 Na torre de Ero a frouxa luz ardia ;  
 Porém naquella noite inutilmente.  
 Ah que farias Ero , quando viste  
 Na praia o corpo triste  
 Desse , que por amar-te ,  
 Inda depois de morto foi buscar-te !

Entretida Leriopé bordava  
 Os campos de Fenicia , onde abundante  
 Q' grosso gado de Agenor pastava :  
 Logo o filho de Maia  
 Guiando as mansas vacas mais distantes ;  
 Se vê ao longo da espaçosa praia :  
 Da branca , e flava côr , que imita o ouro ;  
 Pinta o formoso touro ,  
 Em que fora mudado  
 Jupiter , d' alta Europa namorado .

Europa alli de flores mil o enfeita,  
 O bruto as alvas mãos lhe está lambendo,  
 E a cornigera fronte lhe sujeita:  
 N' outra parte co' a preza  
 Em feus hombros no mar se vai mettendo,  
 Que tão formosa carga não lhe péza;  
 Mas as Ninfas aqui chegavão, quando  
 Estas obras deixando,  
 A outras dão começo  
 De mais verdade, de mais alto preço.

Em nova tella Hirene principia;  
 Mas ah louco, onde vou, que não conheço,  
 Que em lugar tal não posso entrar sem guia!  
 Vós, Filhas da Memoria,  
 Vós, soberano Amor, por quem padeço,  
 Ajudai-me a tecer tão nova historia:  
 As azas, com que já voar pudeste  
 Ao Parnaso Celeste,  
 Emprestai a meu canto,  
 Que nunca precisou de subir tanto;

Em

Em nova tella Hirene representa  
Hum bosque de altas arvores copadas;  
Que nas margens do Douro se aposenta:  
Pelos troncos bordando  
As brancas madresilvas, enroladas  
Parece, que por elles vão trepando:  
O verde chão semea de outras flores  
De mil diversas cores,  
E entre ellas mistura  
Fugitivos regatos de agua pura.

No fundo do arvoredado se divisa  
De huma só madre perola formada  
A cavernosa gruta de Beliza:  
De Ninfas inferiores  
Servida alli se mostra, e rodeada,  
Bem como a rosa em meio de outras flores;  
Alli genios solícitos voando  
A mão lhe estão beijando,  
E o Sacro Pan lhe tece  
As capellas de lyrios, que lhe offerece.

N'outra parte do panno está pintado  
 Entre os viçosos ramos da floresta  
 Hum sombrio lugar do Sol vedado :  
 Lugar, onde algum dia  
 Muitas vezes as horas da alta cêsta  
 Gastei com ella, em quanto Amor queria ;  
 Mas inda quando alli mudos estamos,  
 Parece que fallamos  
 Segredos delicados,  
 Que escreve Amor nos géstos namorados.

Climene destramente lá figura  
 A minha inquietação : Alli me vejo  
 Vagando pela rustica espessura :  
 Agora levantando  
 As mãos ao Ceo, que me levou do Téjo,  
 A ver do Douro o rosto venerando :  
 Agora pensativo, e recostado  
 Sobre o curvo cajado,  
 N'outra parte da tella  
 Correr me vejo para os braços della.

Já me recebe nelles, já me aperta ;  
Turbada a face tem de verganhosa,  
De amor, de peijo, e de fuor cuberta :  
Logo os olhos levanta,  
Põe sobre o branco peito a mão formosa ;  
Jurando a fé, que nunca mais quebranta :  
D'entre os ramos os Satyros Caprinos  
( Com seus olhos malinos )  
Porque vistos não se jáo,  
Notando estão o mesmo, que desejáo :

N' outra parte se vê com brando rosto  
Na lyra modulando, os namorados  
Doces versos, que Amor lhe tem composto :  
Os vizinhos penedos  
Das imminentes ferras despegados  
Rolando vem ouvilla : Os arvoredos  
As raizes da terra já tem fóra  
Ao som da voz sonora,  
E o leve passarinho  
No ar parado não lhe lembra o ninho :

**Mas**

Mas Lerioppe destra, que alcançava  
 Pelo curso das aguas o futuro,  
 E em mudas profecias trabalhava:  
 O caso defaistrado  
 Tecendo estava do Destino escuro,  
 Com que fui destes montes apartado:  
 Trabalhando chorando já temia  
 Aquelle triste dia,  
 Que ainda na memoria  
 Afflige ver tão lastimosa historia.

A hora do fatal despedimento  
 Em campo borda alli de pardo, e ouro;  
 Denotando tristeza, e sentimento:  
 Carregados os montes  
 De sombra estão do verdenegro louro,  
 E em roda os macilentes horizontes:  
 As Ninfas arrancando as tranças bellas  
 Pinta, e no meio dellas  
 Beliza magoada,  
 Perdida a côr, e em lagrimas banhada;

Alli estou sem saber determinar-me,  
 Os faudoſos olhos alongando,  
 Sem haver quem dos ſeus poſſa apartar-me;  
 E como por violencia  
 Dous ministros crueis me vão levando  
 Ao ſacrificio da forçada auſencia:  
 Já lá vou n'um lugar mais apartado  
 Co' roſto atrás voltado,  
 E por mais que deſejo  
 Tornar a ver Beliza, não a vejo.

Mas onde, ó penſamentos, me levaste,  
 Onde fostes tocar, que das feridas  
 Que n'alma tenho, o ſangue renovaste?  
 Agora, que eu julgava,  
 Vendo no Douro as Ninfas entretidas;  
 Que lêdas horas inda alli paſſava:  
 Ante os olhos me pôes tão vivamente  
 Ora tão deſcontente,  
 Que já não ſoffre engano  
 A verdade tão certa do meu dano.

São outros estes campos, estes ares,  
 Outros estes Pastores, e este gado,  
 São outras as cabanas, e os lugares:  
 Estas aguas, que vejo,  
 Não são as aguas do meu Douro amado,  
 As aguas são do aborrecido Téjo:  
 Nenhuma Ninfa das que o monte piza  
 He a minha Beliza,  
 Nem podia ser ella,  
 Que he mais amante, e mais que todas bella.

Não vejo mais, que imagens de tristeza;  
 E inda algumas, que nascem de alegria,  
 Vão perdendo comigo a natureza:  
 Que importa que a Ventura  
 Pinte a consolação de ver hum dia,  
 Se póde vir primeiro a noite escura.  
 De que valem razões bem começadas,  
 Se tão mal acabadas  
 Pelas mãos da Esperança,  
 Mostrão depois tão pouca segurança.

Sem ti Beliza estou, como acontece  
A estrangeiro Pastor, que erra o caminho,  
E no meio do monte lhe anoitece:  
Alli a noite passa  
Debaixo de alguma arvore sózinho,  
Esperando impaciente que o Sol nasça;  
Mas bemaventurado, que ha de ver  
O dia amanhecer,  
E eu triste, que não sei  
Quando a ver os teus olhos tornarei.

Imagino que ás vezes resplandecem  
Muito perto de mim; porém que importa,  
São nuves de Ixion, que me apparecem;  
Se as almas acabassem,  
Já de mágoa esta minha andara morta;  
Mas de huma fonte sem principio nascem  
Para não terem fim; e esta certeza  
Faz maior a tristeza,  
Com que andarei sem termo  
Sentindo os males, de que vivo enfermo.

Para consolação ás vezes quero  
 Desesperar de todo, se pudesse;  
 Mas só porque he allivio, não o espero;  
 E se não esperára,  
 Me diz Amor, ( que os males bem conhece )  
*Que outros males maiores me custára,*  
 Nem a Amor creio, nem a mim me entendo,  
 Nem sei o que pertendo,  
 Pois quem morre esperando,  
 Que mal terá maior desesperando?

Affim me queixo a Deos, ao Mundo, e á gente,  
 Como aquelle, que grita da pancada,  
 Que já soffrer não pôde a dor, que sente:  
 Já de mais nada curo,  
 Que de trazer a voz alevantada,  
 Pois outra medicina não procuro:  
 A ninguem que me acuda rogo, e peço  
 Nos males que padeço:  
 Os ouvidos me fechem,  
 Peço somente, que gritar me deixem.

Até que esta voz tremula, e sentida,  
Penetrando as entranhas deste monte  
No grão Reino de Dite seja ouvida:  
O som de minhas mágoas  
Enfreará do fervido Acharonte  
As venenosas denegridas aguas:  
Tantalo então verá, que a sede antiga  
Alli se lhe mitiga,  
Vendo que he mais ardente  
A sede triste, que supporto ausente.

Sesifo, o pezo sentirá mais leve  
Da pedra, com que aos hombros nunca pára  
Em pena do segredo, que não teve,  
Porque estes meus cuidados  
(Que eu inda assim com elle não trocará)  
Mais trabalhosos são, e mais pezados.  
Orfeo tambem verá que excede tanto  
Ao seu este meu canto,  
Que com elle podia  
Trazer de novo a Esposa a luz do dia.

Este roedor desejo da faudade,  
 Que lentamente estraga, e não consome,  
 Tendõ sempre materia na vontade:  
 Fico, que em Thicio faça  
 Menor do Abutre essa perpetua fome,  
 Que o figado immortal lhe despedaça:  
 Depois que chorar lagrimas de modo,  
 Que pelo Inferno todo  
 Tristes, e derramadas  
 Descanço dem ás almas condenadas.

Inda verei de cá se posso tanto,  
 Que lá vou esforçando a voz com ellas  
 Apiedar no Ceo o Coro Santo:  
 Se disser, que o que sinto,  
 De que são testemunhas as Estrellas,  
 Capaz será de mais e mais, não minto;  
 Mas não temas, Beliza, que entre tanta  
 Onda, que o mar levanta,  
 Deixe a Náo de ir segura,  
 Ou por vento contrario, ou noite escura.

Por farras de crueis impedimentos,  
Que diante dos olhos crescer vejo,  
Indo, e vindo estarão meus pensamentos:  
Não pôde ser atado  
A' roda da Fortuna este desejo,  
Que nasce livre, e não se quer forçado:  
Elle fará, que eu viva lá contigo,  
E tu aqui comigo,  
Que sem que os corpos mude,  
Para mudar, as almas tem virtude.

Mais te dissera desta sã vontade,  
Que Amor, com puras mãos para offerecer-te  
Limpa escolheo de toda a falsidade;  
Mas já o não pertendo,  
Porque isso fora o mesmo que dizer-te,  
Que para o mar os rios vão correndo;  
Que os montes não se movem; que o sobreiro  
He maior que o salgueiro;  
Finalmente seria  
Accender tochas, quando nasce o dia.

Todos são sabedores de meus males,  
 Que o mal soffrido Amor anda contando,  
 Sem eu querer, por montes, e por vales:  
 Diante de mim vai  
 Por onde quer que vou, como lançando  
 Triste pregão de alguém, que a morrer sai:  
 Após delle suspiros magoados  
 De tristeza espalhados  
 Deito por toda a parte,  
 Sem que já mais de suspirar me farte.

Affim por estes campos vago errante  
 Fujo dos homens, vou buscando as fêras  
 Até parar no monte mais distante:  
 De lá os olhos viro  
 Para a parte onde estás: Ah se fouberas!  
 A saudade com que então suspiro,  
 Não sei que acho no ar, que dalli corre,  
 Que a vida me soccorre:  
 Vê quanto póde, e mente  
 O pensamento de quem ama, e sente.

Inda maiores cousas me acontecem :  
Continuamente as aguas deste rio ,  
Sendo claras , medonhas me parecem ;  
Dos campos a verdura  
Não he mais feia , no mirrado Estio :  
As namoradas Ninfas da espessura  
Como passo sem pôr os olhos nellas ,  
Nada sei dizer dellas ;  
Só sei , que se te víra  
O contrario de tudo , aqui sentira.

Mas em quanto , ó Beliza idolatrada ,  
Não for minha Ventura mentirosa ,  
De Amor pela palavra demandada :  
Em quanto nessas praias  
Não soar esta flauta sonoroza ,  
Como algum dia , á sombra de altas faias :  
Em quanto não puzer meus olhos lêdos  
Nesses longes penedos ;  
Em quanto onde tu moras  
Não passar ( *qual passei* ) alegres horas.

Aqui

Aqui desfeito em lagrimas, e dores,  
Misturando meu choro, c'ò meu canto,  
Darei queixa a Amor, e a ti louvores:  
Não sejam mal ouvidos,  
Se chegarem molhados do meu pranto  
Descompostos de dor, de arte despídos;  
Antes ache por isso acolhimento.  
Hum pobre entendimento,  
Como o que salva a vida  
Dos altos mares, em que a vio perdida.

E vós, Pastores meus, do que me ouvistes  
Não vos peço louvor, menos capellas,  
Que já mais se fizerão para os tristes:  
O que peço sómente  
He a vossa piedade em lugar dellas;  
E se ficar meu canto impertinente,  
Por isso entre vós outros condenado,  
Sabei que inda guardado  
Tenho mais do que hei dito,  
Que he a tamanha dor, pequeno grito.



## I D I L I O.

**P** Reparemos, ó Musa, hum novo canto,  
 Temperemos a lyra,  
 Não seja tudo pranto:  
 Cante huma vez, quem tantas mil suspira;  
 E se a suprema dor, que n' alma temos,  
 Apertar muito, ás vezes gritaremos:  
 Affim de quando em quando  
 Por espinhos, e flores  
 Iremos pelo Mundo misturando  
 Lagrimas com louvores.

Honre-se o gésto, o peregrino gésto  
 Daquella, cujo peito  
 Formoso, como honesto,  
 Traz este meu em lagrimas desfeito.  
 Ah bella Olaia, Olaia inda mais bella  
 Que a flor do campo, que do Ceo a Estrella;  
 Mais grata, mais amena  
 Do que amanhece o dia,  
 Mais vistosa, mais pura, mais serena  
 Que o mar em calmaria.

Apar, de ti as Ninfas desta selva  
De gésto mais formoso  
São como a baixa relva,  
Que nasce junto ao Platano frondoso  
Das praias a conxinha mais lustrosa,  
Dando-lhe o Sol, não fica tão formosa  
Como tu me pareces  
Formosa, destoucada:  
Tens a luz natural, e não careces  
De outra luz emprestada.

Ah thesouro a meus olhos escondido!  
Só descoberto agora;  
Qual tentou atrevido  
Ir-te buscar ás Regiões da Aurora?  
Ou es, talvez Olaia, esse thesouro,  
Que já cahio do Ceo em chuva de ouro;  
Mas de outro Ceo descêrão  
As tuas perfeições  
De fabulas subtis, não se fizerão  
Tão raras proporções.

Tan-

Tanta graça os teus membros soberanos,  
De donde he que a tirarão ?  
Da massa dos humanos,  
Nunca taes dons no Mundo se formarão  
Em gésto, e partes taes, eu imagino  
Que se empenhou o Artifice Divino :  
Não tem a Natureza  
Tanto poder, e estudo,  
Que muito pois quem fez tanta belleza,  
Que possa fazer tudo ?

De teus olhos namorão-se as Estrellas ;  
E nas suas meninas  
Vem seus retratos ellas,  
De donde tirão luzes mais Divinas :  
Para ver esse côlo magestoso,  
O monte se debruça : O rio undoso  
Por mais que esteja em calma  
O curso apressa, e corre.  
Ah bella Olaia, que fará huma alma,  
Que lente, que discorre ?

Ditoſo ſeja aquelle , que embebido  
Póde eſtar no teu roſto ,  
Sem ter outro ſentido ,  
Que examinar de eſpaço eſſe compoſto :  
Ditoſo ſeja aquelle , que eſcutando  
Ora as palavras , ora o rizo brando ,  
Vê d' um , e d' outro géſto  
O moto peregrino ,  
Claro , puro , ſuave , manifeſto ,  
Que eu de ver não fou dino.

A quanta gente barbara , e inculta  
Concede a Natureza  
O ouro , que ſe occulta  
Na terra , ſem ſaber o que he riqueza !  
E a quantos póvos , que lhe dão valia ,  
Das terras apartou , onde ella o cria !  
Assim Ventura agora  
Dá teu valor , e preço  
A quem talvez o teu valor ignora ,  
E a mim não , que o conheço.

E ha quem nas mãos a cithara não tome,  
Espalhando louvores  
Em honra do teu nome!

Ha quem te veja sem morrer de amores!

Vós, musicos Pastores das campinas,

Vinde, coroi de candidas boninas

A vossa Tutelar,

Mostrai o meu desejo

A' Ninfa mais gentil, mais singular,

Que tem o vosso Téjo.

Camões, honra das Musas, que a primeira

Fama terás por forte

Bernardes, tu Ferreira;

E outros, em quem poder não teve a morte!

De lá vos inclinai do Coro Santo,

Com vosso canto acompanhai meu canto:

Não sahe elle de peito

Impuro, e corrompido:

De huma causa Divina hum baixo effeito

Nunca foi produzido.

Volvei o rosto lá do Ceo sereno,  
Lançai a vista pura  
Ao nosso vil terreno,  
E vereis huma nova formosura,  
Vereis se á vossa cithara sonora  
Déstes tão alta empreza como agora:  
A temperada chamma  
Louvai de huns olhos bellos,  
Que sabe moderar, em quem os ama  
O desejo de vellos.

Olaia he mais formosa, e soberana  
Que Lucrecias, e Helenas;  
Mais pura que Diana,  
Mais suave, que as nove Irmans Camenas:  
Ella he por quem, de suspirar não canço,  
Por quem enfreio o vento, e o mar amanso,  
Dizendo minhas mágoas,  
Por quem do claro Téjo  
C'o meu amargo pranto turvo as agoas  
O dia que a não vejo.

Em

Em quanto a seca mão da Morte friz  
Contra mim levantada  
No derradeiro dia  
Me não gelar no peito a voz cançada:  
P'or mero, Olaia, de mortaes perigos,  
De ventos soltos, mares inimigos,  
Rodeado de horrores  
Já sem ter salvação:  
Primeiro que os meus ais, os teus louvores  
Na boca me ouvirão.



## SONHO.

**H**Um dia, que o meu gado apascentava  
 Nas ribeiras do Têjo,  
 Que sempre com meu pranto accrescentava,  
 Após do meu desejo  
 O leve Pensamento me voava.

*Aonde vás?* Mil vezes lhe dizia:  
*A Tirce, a Tirce vou,*  
 Cá dentro de mim mesmo respondia;  
 Mas quando imaginou,  
 Que inda voar tão alto poderia!

E logo sobre a relva reclinado  
 Tantos suspiros dei,  
 Que adormeci de suspirar cansado.  
 Mas ah! Que inda fiquei  
 Mais do que ao somno, entregue a meu cuidado.

Alli a mentirosa fantazia,  
 Que cousas me figura!  
 Que estava dando Leis me parecia  
 Sobre a mesma Ventura;  
 Tal era a elevação, em que me via!

Que dominava os póvos mais distantes ;  
     Que os empolados mares  
 Via cubrir de immensos navegantes ;  
     E soltas pelos ares  
 Ondear as bandeiras tremolantes :

Que com submisso rosto a mim chegavão  
     As Nações Estrangeiras ,  
 E a mão medrosamente me beijavão :  
     Que Provincias inteiras  
 Copiosos tributos me pagavão.

Que em douradas carroças caminhava  
     Com guardas Militares ;  
 Que posto á Regia meza só gostava  
     Exquisitos manjares ,  
 Que alli mercês , e novas honras dava.

Que em soberbos Palacios assistia ,  
     De preciosos labores  
 Cubertas as paredes , onde via  
     De meus Progenitores  
 Successiva Real Genealogia.

Que hum numero infinito de criados  
     Me rodeava o leito ;  
 Em fim , que eu era Rei , que tinha Estados ;  
     E que , se era sujeito ,  
 Era sómente á Lei dos meus cuidados.

Que

Que Tirce, (a mais discreta, a mais formosa  
 Ninfa, que o Téjo estima,  
 De sangue illustre, geração famosa,  
 A quem mais alta rima  
 Fará eternamente gloriosa.)

Aquella Tirce, aquella Divindade,  
 Que transformar pudera  
 Em alta, a minha humilde qualidade,  
 Ouvia menos féra  
 Do cego Amor a grão temeridade.

Que a seus mimosos pés deposto havia  
 O mesmo Sceptro Augusto,  
 E a frente c'o Diadema lhe cingia:  
 Nem Throno de mais custo  
 Para mim, que os seus braços pertendia.

Que com o rosto seu em laço estreito  
 Apertava o meu rosto;  
 E que de tanta gloria satisfeito,  
 Com lagrimas de gofio  
 Lhe regava o mimoso, e branco peiro:

Que a cor de rosa mais se lhe accendia  
 No purpureo semblante  
 A cada favor seu, que lhe pedia,  
 E que de instante a instante  
 Mais formosa no gésto parecia.

Que os engraçados olhos lhe beijava ;  
 Que de finos diamantes  
 Os dourados cabellos lhe adornava ;  
 Que palayras amantes  
 Eu lhe dizia , ella me tornava.

Quando nesta reciproca ternura  
 Da mais completa dita ,  
 Que nunca figurar soube a Ventura ,  
 Por mim hum Pastor grita ,  
*Que o caminho da Aldéa me procura.*

Acórdo espavorido , e o Regio trato  
 Veloz se desvanece :  
 Fico alheio de mim , fico insensato ,  
 E de novo apparece  
 O meu antigo , e pastoral ornato.

Olhava para mim : De meu não via  
 Mais que hum pobre cajado ;  
 Hum pequeno rebanho sem valia ,  
 Hum çurrão pendurado  
 Ao canto da cabana , em que vivia ;

A huma , e outra parte afflicto olhava ,  
 Não via Tirce ; e em vão  
*Tirce , Tirce* , por ella em fim chamava ;  
 E só no coração ,  
 No coração a minha Tirce achava.

*Quem*

*Quem te arrancou da minha companhia?*

*(Dizia suspirando)*

*Se acordado gozar-te não podia,  
Porque ao menos sonhando*

*Me não durou mais tempo esta alegria?*

*Oh quem pudera, amada Tirce, achar-te*

*Outra vez nos meus braços!*

*Mas como de hum Pastor, para apertar-te;*

*São indignos os laços,*

*Uso talvez comigo Amor desta Arte.*

*Quiz dar-me a conhecer, que com decencia*

*Hum Pastor não podia*

*Gozar a Tirce ainda n' apparencia;*

*E desta fantazia*

*O acaso tomarei por providencia.*

*Ordena-me a razão que me reporte,*

*Olhando os meus defeitos;*

*Mas no Mundo não só a fria morte*

*Faz iguaes os sujeitos,*

*Que Amor os sabe unir da mesma sorte.*

*Ab suspirada Tirce! Se eu pudera,*

*Assim como sonhei,*

*Subir de Rei á imaginada Esfera,*

*Fora mais do que Rei,*

*Se inda sendo Pastor, ser teu pudera!*

TA-



## TABELLA

## ALFABETICA

De todos os Sonetos, que contém este primeiro Tomo, affinalados alfabeticamente com as paginas, em que vão lançados cada hum per si; e assim tambem todas as mais Obras.

## SONETOS:

## A

- A** Ffoito córte o mar o navegante, pag. 1.  
 A Acafo fui senhor, rico, estimado, 26.  
 A Deos Pastora ingrata, já de Aleixo, 33.  
 Agora, em quanto despertando a gente, 43.  
 Albino, cuja idade inda o levava, 48.  
 A Deos Natercia ingrata, a Deos impia, 51.  
 Aquelle, que inda espera ter ventura, 56.  
 Aquelle amor, que tinhas n'alma escrito, 61.  
 Aonde andais, ó Parcas venenosas, 81.  
 Albano quem es tu? Teu baixo estado, 87.

## ODES.

- Aonde me arrebatado, 101.  
 Aonde, aonde, corações humanos, 108.  
 Ao mais leve ruido, 113.

## E C L O G A S:

- Albano, e Damiana, 157.  
 Agrario, Braz, e Anfriso, 179.

SO-

TABELLA  
SONETOS.

## C

- Cruel, fica-te em paz, e o vil intento, 31.  
 Como está este sitio socegado! 37.  
 Cuidei, ouvindo a doce melodia, 54.  
 Como soffres, ó Jupiter supremo, 58.  
 Com alegre apressado movimento, 65.  
 Cuidas talvez, Olaia, que imprudente, 89.

## CANÇÕES.

- Com teu formoso rosto, 146.

## SONETOS:

## D

- Do gosto, que já tive n'outra idade, 17.  
 Depois que a mil tormentos offrecido, 35.  
 Divina Laura, se vencer deixasses, 42.  
 Dormindo estava Albano, e porque Alberta,  
 45.  
 Dormindo Anarda está. Quem te dilata, 47.  
 Depois que a linda Altea destes prados, 50.  
 De amor em tristes lagrimas banhado, 57.  
 Do rio as claras aguas, que soando, 73.

## CANÇÕES.

- Da clara estirpe dos Heroes valentes, 152.  
 SO.

## SONETOS.

## E

- Eu vi huma Pastora em certo dia, 30.  
 Encontrou-me esta graça em tal destroço, 68.  
 Este obsequio, senhor, que vos envia, 75.  
 Entra o soldado envolto em sangue, e terra, 85.  
 Em frauta agreste, em lyra altifonante, 92.

## ODES.

- Entre as Deofas tão célebres em Ida, 105.  
 E conseguiu a pállida doença, 111.

## SONETOS.

## F

- Fugindo fui de amor, que me seguia, 14.  
 Filho, por mais que a Praça combatida, 22.  
 Felices margens do faudoso Téjo, 82.  
 Formosíssima Olaia, o teu semblante, 82.

## SONETOS.

## H

- Huns graciosos olhos matadores, 28.  
 Hum dia de Limano acompanhado, 78.  
 Hum mudo suspirar continuamente, 94.

## ECLOGA PISCATORIA.

- Havia largo tempo, que escondêra, 201.

EPIS-

## EPISTOLAS.

Ha mil tempos, bom Silva, que faudofo, 223.

## SONHO.

Hum dia, que o meu gado apascentava, 299.

## SONETOS.

## I

Já, Fortuna cruel, tenho assentado, 7.

Irman ditosa, que de cá subiste, 66.

Já Portugal respirará contente, 98.

## SONETOS.

## L

Lá vem apparecendo a minha Aldea, 4.

Lá n'uma praia cavernosa, e fria. 91.

## CANÇÕES.

Longe barbaro vulgo, 138.

## EPISTOLAS.

Lorinda bella as obras Pastoris, 249.

## SONETOS.

## M

Marinho Pescador no Téjo andava, 2.

Mil tempos resisti á força dura, 10.

Meu Pai, o nupcial ajuntamento, 24.

Man-

Mandou-me, que cantasse Amor hum dia, 55.  
 Morreo o bom Luiz: Já não veremos, 76.  
 Meu amado Mondego, meu amado, 79.

E P I S T O L A S.

Minha inimiga bella, 252.

T E R C E T O S.

Mimoso Infante, Principe adorado, 258.

S O N E T O S.

N

Nesta Aldea, onde estou, meu bom Fileno, 3.  
 Não choro como aquelle, que em perigo, 5.  
 Neste que julga o Mundo abatimento, 18.  
 Não foi divida só, mas natural, 23.  
 Não haverá hum sitio tão sagrado? 69.  
 No Templo entrei de Amor: Inda gelado, 7.  
 Ninfas destes vizinhos arredores, 83.  
 Na borda do seu concavo saveiro, 96.

O D E S.

Não de Carthago, nem de Troia canto, 122.  
 N'um sitio, que busquei accomodado, 131.

S O N E T O S.

O

Ouvio Amor teu canto, e surprehendido, 25.  
 Oh quem pudera á sombra deste arbusto, 40.

Os

Os annos da feliz puerilidade, 60.  
O Tempo que veloz desapparece, 63.

## SONETOS.

## P

Péga Lucrecia, no punhal violento, 21.  
Porque foges, Pastora, a hum desgraçado, 29.  
Por mais que faça hum atrevido estudo, 38.  
Poz-se o Sol; como já na sombra fea, 39.  
Passa o frio Janeiro, o ardente Agosto, 52.  
Ponho tão livre os olhos em Damiana, 59.  
Para ver se cantar-vos saberia, 72.  
Promettendo a Limano Dorothea, 77.

## EPISTOLAS.

Prezado Josefino, 212.

## BELIZA.

Pois não quereis, memorias imprudentes, 268.

## IDILIOS.

Preparemos, ó Musa, hum novo canto, 292.

## SONETOS.

## Q

Quando nas mãos de Amor me vi sujeito, 11.  
Que me quereis, memorias de algum dia, 15.  
Quantas vezes pacifico, e contente, 20.  
Que será isto? As Ninfas enfeitadas, 27.

Que

- Que jassim sahe a manhã serena, e bella, 36.  
 Que triste, que profunda soledade, 41.  
 Que te veção meus olhos, não consente, 71.  
 Que estranhos casos. vi no monte, e prado, 80.  
 Quem nunca vio a luz formosa, e pura, 84.  
 Qual Pastor, que do sono accommettido, 86.  
 Quando Anarda gentil, os merecidos, 95.

O D E S.

R

- Ramo feliz, de frutos esperados, 127.

S O N E T O S.

S

- Salve Templo seguro, onde a vontade, 8.  
 Se acaso deito a vista da lembrança, 9.  
 Só com o Grande, e Immortal Camões, 16.  
 Senhora, esses espiritos ditosos, 19.  
 Se intentais nesse engano industriosa, 32.  
 Se eu me víra n'um bosque, onde não desse, 34.  
 Seja-te parabem Téjo sagrado, 64.  
 Se eu pudera viver de noite, e dia, 88.  
 Se o Grão Cantor, que o Mundo encheo de  
 espanto, 99.  
 Se a fama, que altamente pregoeira, 100.

O D E S.

- Se em teus puros Altares, 129.

EPIS-

312 TABELLA ALFABETICA.

EPISTOLAS.

Sabio Jurisconsulto, 236.

SONETOS.

T

Traz-me aos males de Amor tão costumado, 13.  
Tanto neste saudoso apartamento, 49.  
Tu que os costumes, e as paixões retratas, 74.  
Tyrana Oliaia, o teu desfabrimento, 90.  
Trazei Ninfas, trazei mimosa arêa, 93.

SONETOS.

V

Vão os annos fugindo, e vai a idade, 6.  
Vem, ó Ninfa gentil, que não merece, 12.  
Vio Alberto a Fillena, e namorado, 44.  
Vio-me Alteza, com livre desafogo, 53.  
Voa saudoso Amor, e em breve giro, 68.  
Vós, que á sombra dos alamos copados, 97.

ODES.

Vai mesquinha Ambição, chega-te ao leito, 119.

EPISTOLAS.

Vós, que da rica mão da Natureza, 244.

F I M.

PRO-

# PROTESTAÇÃO.

**A**S palavras Numen, Fado, Destino, Divindade, &c. empregadas sómente para melhor exprimir a ficção Poetica, não tem alguma cousa de commum com os internos sentimentos do Author, que como obediente filho da Igreja em tudo se submete ás determinações della.

CLEVELAND  
PUBLIC LIBRARY

OCT 18 1927







UNIVERSITY OF MICHIGAN



3 9015 06303 2737



